



Calligraphy

a vida

A vida em família

Índice

Prefácio, Elias Barbosa	9
PRIMEIRA PARTE	
Relacionamento dos esposos entre si	
A vocação para o casamento	23
Fins essenciais do casamento	29
Perspectivas da união conjugal	33
O preço da felicidade conjugal	37
Obrigações decorrentes do matrimônio	43
\Psicologia do homem e da mulher	47
Tipos de personalidade	51
As relações sexuais no casamento	57
O ajustamento sexual entre os cônjuges	63
Reajuste de conceitos	67
.. E de posições	73
O lar é mais importante do que a casa	77
O problema financeiro	81
Prevenindo decepções	85
^A capacidade de perdoar	89
A necessidade de comunicação	93
A técnica do incentivo	97
As variações de humor	101
Mecanismo de irradiação	107
Os programas do lazer ¹¹¹	
SEGUNDA PARTE Relacionamento entre pais e filhos	
A família como agência educadora por excelência	
Preservemos os vínculos familiares	
Mãe: fonte perene de afetividade	
A autoridade paterna	
Defeitos dos pais	
Ciúme e rivalidade entre irmãos	
Como acalmar o ciúme infantil	
.. B limitar a rivalidade	
Bases para uma boa educação	

Outros pontos a considerar	
Castigos e recompensas	
Disciplina e liberdade	
A educação sexual	
Como formar para a vida sexual	
A identificação com os pais	
A vida escolar dos filhos	
Como ajudar o filho a ser bom estudante ...	
Boas maneiras	
A educação moral	
A necessidade de socialização	
A educação do sentimento social	
Problemas do adolescente	

PREFACIO

Quando recebemos os originais da presente obra para uma análise perfunctória quanto aos aspectos médicos, em geral, e psicológicos, em particular, pelo nome do Autor e ante as nobres produções por ele já lançadas a lume, percebemos, de imediato, que tínhamos em mãos algo de imenso valor. Percorrendo-a, palavra a palavra, afigurou-se-nos importante apor-lhe notas esclarecedoras, infrapaginais, mas nem de longe ocorreu-nos a ideia de vir a prefaciá-la. Entretanto, com a permissão verbal de Rodolfo Calligaris, talvez por sugestão de amigos do nosso Departamento Editorial, eis-nos aqui, leitor amigo, honrado pela deferência que nos foi concedida, para rogar-lhe a gentileza da atenção, abordando assunto de suma importância e que mereceria páginas e páginas de estudioso naturalmente mais abalizado e com experiência clínica mais ampla que a nossa .⁽¹⁾

¹ (1) Ao Impor-nos, espontaneamente, a obrigação de preparar notas explicativas que visassem a ajudar o leitor menos afeito ao assunto versado neste Uvro, surgiu-nos uma dificuldade: deveríamos colocar a nossa própria (e modesta) experiência clínica ou deveríamos citar as obras clássicas da literatura, relatando, portanto, a experiência alheia, mais rica e desembaraçada de qualquer questão de ordem religiosa? Optamos pela segunda, conquanto a muitos espíritas parecerá estranho venhamos a recorrer a trabalhos oriundos do pensamento inicial de Sigmund Freud, que nunca escondeu o seu ateísmo e julgava a religião nada mais que uma "ilusão" moldada pelas experiências infantis, autores não deístas, quais Erich Fromm e Alfred Adler, ou anti-espírita declarado — Wilhelm Stekel.

Acontece, porém, que a própria essência da Doutrina Espirita nos autoriza a analisar tudo e a tudo passar pelo crivo da razão, e justamente neste sentido é que tomamos a liberdade de ventilar questões, máxime das mais sérias de quantas tenhamos que tratar nos dias atuais.

"A devoção a um fim ou a uma ideia," — diz a tradutora Tracy Doy- le (pp.XIV — XV de *Psicanálise e Religião*, de Erich Fromm, livro Ibero-Americano, Ltda., Rio de Janeiro, 3a. edição, 1966) — "ou a um poder transcendente, como o que existe na ideia de Deus, constitui no plano emocional expressão do esforço humano no sentido de estabelecer unidade e equilíbrio entre o homem e o resto do universo. Dai a intensidade e a profundidade do anseio religioso, que não é, de forma alguma, negado pela psicanálise. A

A fim de corresponder à falta de um livro qual *A Vida em Família*, no caminho das criaturas de todos os tempos e de todas as latitudes, observemos os trechos autobiográficos de alguns autores, no que se refere à dificuldade deles mesmos junto aos respectivos núcleos familiares a que foram chamados para viver.

Iniciemos por Santo Agostinho, transcrevendo passos do Livro Nono, Cap. IX — “Esposa e Mãe Exemplar” — de suas célebres *Confessiones*, sobre Mônica, sua genitora, (2):

“Muitas senhoras, que tinham maridos mais calmos, traziam no rosto as marcas de golpes que as desfiguravam. Conversando entre amigas punham-se a murmurar sobre a conduta dos maridos. Minha mãe acusava-lhes a língua, e, como por gracejo, lembrava-lhes que, desde que ouviram a leitura do contrato matrimonial deviam considerá-lo como documento que as tornava servas, e que a lembrança de sua condição, proibia-lhes de se mostrarem altivas diante de seus senhores. Essas senhoras, que conheciam a ferocidade de seu marido, admiravam-se de que jamais ninguém tivesse ouvido ou percebido por nenhum indício que Patrício maltratasse a mulher, nem sequer que algum dia se tivessem desentendido em alguma discussão. (...)

“Sua sogra, a princípio, irritara-se contra ela por causa dos mexericos de criadas malévolas. Mas conseguiu convencê-la de tal modo com favores, contínua tolerância e mansidão, que ela mesma, espontaneamente, denunciou ao filho as línguas intrigantes das criadas, que perturbavam a paz doméstica entre ela e a nora, e pediu que as castigasse (...) e como ninguém mais se atrevesse a fazê-lo, viveram as duas em doce e memorável harmonia.” Aurélio Agostinho, um dos Espíritos Iluminados que integraram a equipe do Espírito de Verdade, para a

psicanálise não é contra nem a favor da religião. Ela aceita a religião como algo profundamente enraizado nas condições da existência humana.”

Assinalemos, leitor amigo, este passo, que nos interessa de perto:

“Ao psicanalista interessa, mais do que as formas explícitas da religião, a realidade humana que orienta a atitude religiosa, como, de outro lado, os componentes emocionais que se ocultam sob sistemas simbólicos

não-religiosos. Para ele, a questão não é saber se o homem deve voltar à religião, e filiar-se a qualquer sistema, mas sim se o homem demonstra

amor nos seus atos e pensa com honestidade. Porque, se o homem vive negando o amor e pensa obliquamente, não há sistema simbólico que possa conduzi-lo à realização da vida.”

“O paciente pode acreditar em Deus,” — prossegue a prefaciadora — “desde que não revele ansiedade nas suas relações com Ele. A reza, a confissão, como todo e qualquer ritual religioso, só se tornam problema terapêutico quando impregnados de elementos irracionais que lhes conferem caráter obsessivo-compulsivo, forçando o indivíduo à repetição, e subjugando-o pela ansiedade, à menor falha na sua realização. Poderíamos dizer: não é o cerimonial, mas a neurose obsessivo-compulsiva, oculta às vezes por trás do ritual, que preocupa o psicanalista. Não é o que há de sadio, mas o que há de mórbido, na religião do paciente, que urge modificar. A religião baseada no amor e na verdade, aquela que concorre para a independência e integridade pessoal, que conduz o indivíduo à reafirmação construtiva das suas potencialidades, conferindo-lhe a paz consigo mesmo — essa religião nada deve temer da psicanálise.”

² (2) Santo Agostinho, *As Confissões*, Tradução de Frederico Ozanam Pessoa de Barros, Introdução do Padre Riolando Azzi, S.D.B., Edições de Ouro, Rio de Janeiro, MCMLXVI, pp. 266-267.

Codificação da Doutrina Espírita, nasceu em Tagaste, Numídia, na África, em 13 de novembro de 354, e desencarnou a 28 de agosto de 430, em Hipona, depois de a cidade ter sido incendiada por vândalos, tendo redigido *As Confissões*, em 397/398.

Passemos, agora, a um trecho de *My Life*, de Isadora Duncan, famosa bailarina que nasceu em São Francisco, Califórnia, a 27 de maio de 1878, e desencarnou em acidente de automóvel (estrangulada por sua própria echarpe), em Nice, a 14 de setembro de 1927 ⁽³⁾:

"Eu não conhecia meu pai, porque minha mãe se tinha divorciado quando eu ainda era uma criança de colo. Uma vez, perguntando a uma de minhas tias se eu nunca tivera pai, ela respondeu-me: "Seu pai foi um demônio que arrumou a vida de sua mãe." Depois disto, sempre o imaginei como um desses demônios dos livros de figuras, com chifres e rabo, e quando, no colégio, outras crianças aludiam ao pai, eu não sabia o que dizer.

Por volta dos sete anos, ao tempo em que ocupávamos dois quartos pobres, num terceiro andar, como alguém tocasse a campainha da porta da frente, que se comunicava com o *hall*, fui ver quem era. Dei com um homem muito bem vestido, de cartola, e que me disse:

— Sabe onde é o apartamento da Sra. Duncan?

—* Eu sou a filha dela.

— Como? Então você é a minha princesinha Pung?

— perguntou o estranho personagem. (Era assim que me chamavam quando eu era pequenina.)

E, bruscamente, tomou-me nos braços e cobriu-me de lágrimas e beijos. Eu não vinha a mim do meu espanto, e quis saber quem assim me acariciava:

— Sou seu pai — disse-me ele, ainda entre lágrimas.

Fiquei encantada com o que ouvia e corri para avisar os meus.

— Tem aí um homem dizendo que é meu pai.

Minha mãe levantou-se, muito pálida e agitada e, refugiando-se no outro quarto, trancou-se a chave.

Um de meus irmãos meteu-se embaixo da cama e o outro escondeu-se num armário, enquanto minha irmã se debatia numa violenta crise nervosa.

—: Diga a ele que se vá embora, gritavam todos.

Atordoada, não sabia o que pensar, mas como era uma menina bem-educada, voltei ao *hall* e disse:

— Todos estão doentes e hoje não podem receber o senJ r.

Ouvindo isso, ele tomou-me pela mão e convidou-me para dar um passeio.

Descemos as escadas e, na rua, eu saltitava ao lado dele, num estado de verdadeiro

³ (3) *Isadara - Memória de Isadora Duncan*, Tradução de Oastão Cruis, oitava edição, Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1969, pp.8-9.

maravilhamento à ideia de que aquele belo homem era meu pai e que eu não lhe encontrava nem os chifres nem o rabo do tal demônio com quem sempre o comparara.

Ele levou-me a uma confeitaria e encheu-me de doces e sorvetes. Voltei para casa numa felicidade completa, mas ainda encontrei minha mãe e meus irmãos mergulhados no mais profundo abatimento.

— Pois eu gostei bem dele. É um homem bonito...

E disse que vai voltar amanhã, para me levar novamente à confeitaria.

Mas ainda dessa vez, ninguém o quis rever e não tardou que ele tomasse a Los Angeles, onde tinha constituído outra família."

Do capítulo "Um cinturão", de *Infância* ⁽⁴⁾, de Graciliano Ramos, nascido em Quebrângulo, Estado de Alagoas, a 27 de outubro de 1892, e desencarnado no Rio, a 20 de março de 1953, destaquemos alguns trechos, já que seria fastidiosa a transcrição completa da pequena obra-prima de um dos maiores prosadores brasileiros de todos os tempos:

"As minhas primeiras relações com a justiça foram dolorosas e deixaram-me funda impressão. Eu devia ter quatro ou cinco anos, por aí, e figurei na qualidade de réu. (...) Certa vez minha mãe surrou-me com uma corda nodosa que me pintou as costas de manchas sangrentas. Moído, virando a cabeça com dificuldade, eu distinguia nas costelas grandes lanhos vermelhos. Deitaram-me, enrolaram-me em panos molhados com água de sal — e houve nrap- discussão na família. Minha avó, que nos visitava, condenou o procedimento da filha e esta afligiu-se.

Irritada, ferira-me à toa, sem querer. Não guardei ódio a minha mãe: o culpado era o nó. Se não fosse ele, a flagelação me haveria custado menor estrago.

E estaria esquecida. A história do cinturão, que veio pouco depois, avivou-a.

Meu pai dormia na rede armada na sala enorme.

Tudo é nebuloso. (...)

Ninguém veio, meu pai me descobriu acororado e sem fôlego, colado ao muro, e arrancou-me dali violentamente, reclamando um cinturão. Onde estava o cinturão?

Eu não sabia, mas era difícil explicar-me: atrapalhava-me, gaguejava, embrutecido, sem atinar com o motivo da raiva. Os modos brutais, coléricos, atavam-me; os sons duros morriam, desprovidos de significação. (...)

Junto de mim, um homem furioso, segurando-me um braço, açoitando-me. Talvez as vergastadas não fossem muito fortes: comparadas ao que senti depois, quando me ensinaram a carta de A B C, valiam pouco. Certamente o meu choro, os saltos, as tentativas para rodopiar na sala como carrapeta, eram menos um sinal de dor que a explosão do medo reprimido. Estivera sem bulir, quase sem respirar.

Agora esvaziara os pulmões, movia-me, num desespero. (...)

⁴(4) Graciliano Ramos, *Infância (Memórias)*, Livraria Martins Editora, São Paulo, 6a. edição, s/d., pp. 29-33.

Solto, fui enroscar-me perto dos caixões, coçar as pisaduras, engolir soluços, gemer baixinho e emba-larme com os gemidos. Antes de adormecer, cansado, vi meu pai dirigir-se à rede, afastar as varandas, sentar-se e logo se levantar, agarrando uma tira de *sofa*, o maldito cinturão, a que desprendera a fivela quando se deitara. Resmungou e entrou a passear agitado. Tive a impressão de que ia falar-me: baixou a cabeça, a cara enrugada serenou, os olhos esmoreceram, procuraram o refúgio onde me abatia, aniquilado. (...) Se meu pai tivesse chegado a mim, eu o teria recebido sem o arrepio que a presença dele sempre me deu. Não se aproximou: conservou-se longe, rondando, inquieto. Depois se afastou.

Sozinho, vi-o de novo cruel e forte, soprando, espumando. E ali permaneci, miúdo, insignificante, tão insignificante e miúdo como as aranhas que trabalhavam na telha negra.

Foi esse o primeiro contacto que tive com a justiça."

Para finalizar esta série de depoimentos, verifiquemos a seguinte passagem dramática, extraída de um livro lançado em São Paulo, na tarde de 14 de dezembro de 1973, *Solo de Clarineta*⁽⁵⁾ do mundialmente famoso escritor Erico Veríssimo, nascido em Cruz Alta, Estado do Rio Grande do Sul, a 17 de dezembro de 1905:

"Que vai acontecer agora? — perguntei a mim mesmo. As quatro pessoas que tinham ficado na sala continuaram caladas, sem coragem sequer de se entreolharem.

Decidi que aquela noite eu dormiria na própria sala de costura, num colchão estendido no soalho. A cabeça me doía duma dor rombuda, opaca, e eu estava trêmulo, a camisa empapada de suor. Minha mãe me olhou e murmurou: "Logo hoje, no dia da tua chegada...". Limitei-me a encolher os ombros. D. Bega retirou-se para seu quarto de dormir. Maria e Ênio a seguiram. Deitei-me sem ao menos tirar os sapatos e fiquei olhando para o teto. A um canto da sala o manequim parecia observar-me com seus olhos inexistentes. "Não é possível" — pensava eu. "O que vi e ouvi não aconteceu. Não podia ter acontecido. Recuso acreditar..." Passaram-se os minutos. Eu fechava os olhos e, contra o fundo de minhas pálpebras, eu via a cena reproduzir-se. Ouvi passos leves. Era Maria que entrava na sala. Aproximou-se de minha cama e me entregou um pedaço de papel, retirando-se em seguida na ponta dos pés, como se houvesse um doente grave na casa. Aproximei-me do bico de luz. Desdobrei o papel: era um bilhete de minha própria mãe, curto, direto, seco, sem a menor nota piegas. Dizia que não podia mais suportar aquela vida e que estava resolvida a separar-se imediatamente de meu pai, mas que só faria isso se eu quisesse ir também com ela. Pedia que eu lhe desse minha resposta na manhã seguinte. Tornei a estender-me no colchão, e o bilhete que eu pusera em cima do peito, pesava-me como um bloco de chumbo. Eu não

⁵ (5)Erico Veríssimo, *Solo de Clarineta*, memórias, primeiro volume, Editor« Olobo, Porto Alegre, 1973, pp. 153-155.

queria que o casal se separasse, mas compreendia que minha mãe tinha razão, pois sua intenção era salvar a família de desastres maiores. Levantei-me ou, melhor, o meu corpo ergueu-se, enquanto curiosamente outra parte de meu ser continuava deitada no colchão, ainda indecisa ou talvez esperando um milagre salvador. Caminhei como um sonâmbulo na direção do quarto de D. Bega, aproximei-me dela e murmurei: "Pode contar comigo. Eu vou também". Ela sacudiu a cabeça lentamente, depois disse baixinho: "Sempre achei que gostavas mais de teu pai que de mim."

Voltei para a minha cama improvisada, estendi ne-

171a o corpo surrado e dolorido. Teria o Velho conseguido dormir? Como seria o nosso amanhã? E o dele? E o futuro de todos nós? Revolvi-me sobre o lençol momo, atufei a cara no travesseiro, apertei o peito contra o colchão de palha, procurei represar as emoções que pareciam querer partir-me as costelas. "Macho não chora" — dizia uma voz grave na minha mente. Eu respirava arquejante. Senti um espasmo na garganta. E houve um momento em que, não podendo mais conter o pranto, abri todas as comportas que minha vontade lhe anteparava e deixei que minhas lágrimas rebentassem num grande soluço. E depois, procurando não fazer nenhum ruído que pudesse ser ouvido pelas outras pessoas daquela casa, chorei convulsivamente por vários minutos, as lágrimas umedecendo a fronha do travesseiro — chorei de pena de minha mãe, de meu pai, do meu irmão e — por que não confessar? chorei de pena de mim mesmo."

Por que transcrições tão extensas num prefácio que, por si mesmo, será talvez enfadonho? Tão-somente, leitor amigo, para que juntos possamos valorizar o livro de Rodolfo Calligaris que ora depositamos em suas mãos, valorizando, sobretudo, a Doutrina Espírita, abençoada doutrina que o Autor fez questão de nela se estribar, para tanto citando, ao final de cada capítulo, trechos de Allan Kardec, de Emmanuel e de André Luiz, através dos médiuns Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira, com as devidas indicações para que todos possamos percorrer os capítulos dos quais foram extraídos, com alto espírito de apurada escolha.

Ao longo das notas de rodapé, que são em número de dezoito, tanto quanto possível, fizemos questão de mencionar obras que se não servirem para aumentar o cabedal de cultura de nós todos, os espíritos reen- carnados, auxiliarão e muito, principalmente, os pais e os futuros pais, para que possam, alicerçados nos conhecimentos científicos, cooperar com os espíritos que lhes venham a compartilhar o reduto doméstico na condição de filhos, para a romagem de provas e expiações a que inapelavelmente nenhum de nós consegue escapar na Terra, a nosso próprio benefício.

Que o leitor amigo nos perdoe por lhe haver tomado o tempo que, sem dúvida, já teria sido aproveitado na leitura de A Vida em Família, mas consideramos de bom alvitre recordarmos todos alguns dos milhões de dramas em que vivem as criaturas no Plano Terrestre e fora dele, a fim de nos esforçarmos por combater em nós o orgulho e o egoísmo, dois salteadores invisíveis que nos precipitam aos abismos da

inconformação, induzindo-nos a procrastinar sempre mais o instante de nossa libertação espiritual, traduzida pelo cumprimento integral do dever, atentos a estas palavras do Codificador, frente às dificuldades naturais da vida, num planeta de lutas e sofrimentos redentores qual o nosso: "On reconnâite le mai spirite à sa transformation morale, et aux efforts qu'il fait your dompter ses mauvaises inclinations; tandis que l'un se complâit dans son horizon borné, l'autre, qui comprend quelque chose de mieux, s'efforce de s'en détacher, et U y parvient toujours quand il en a la ferme volonté." (6).

Elias Barbosa

Uberaba, 12 de fevereiro de 1974.

PRIMEIRA PARTE

Relacionamento dos esposos entre si

A VOCAÇÃO PARA O CASAMENTO

Indubitavelmente, a felicidade é a aspiração primeira do ser humano. Ninguém jamais deixou de procurá-la, sonhando tê-la como nume tutelar de sua existência. Alguns esperam conseguí-la cedendo à inclinação que os impele para a dignidade sacerdotal ou religiosa, mantendo-se, castamente, no celibato. Mas são poucos. Constituem a exceção.

A esmagadora maioria espera encontrá-la mesmo é no casamento. Natural que seja assim, pois é propósito da sabedoria divina que o homem e a mulher, sendo um complemento do outro, se unam intimamente para alcançarem a plenitude da vida. Tal o sentido das Escrituras, quando preceituam: "Deixará o homem o seu pai e a sua mãe, unir-se-á à sua mulher, e serão ambos uma só carne." (Gên., 2:24)

Conquanto seja unânime a expectativa da felicidade

no casamento, várias são as razões que levam as criaturas a contraí-lo. Por

⁶ (6) Allan Kardec, *UÉvangile selon le Spirtisme*, sixieme mille, 2me édition de L*U.S.K.B.+ 1958, Chap. XVII, 4, p. 261. — "Reconhece-se o verdadeiro espirita pela sua transformação mdral, e pelos esforços que emprega para vencer suas más tendências; enquanto um se compraz no seu horizonte limitado, o outro, que compreende a existência de alguma col. sa melhor, esforça-se por se libertar, e sempre o consegue, quando dispõe de uma vontade firme."

isso, enquanto uns colhem, na vida conjugal, farta messe de alegrias, prazeres e bem-estar, outros, ao contrário, só encontram nela angústias, frustrações e sofrimentos.

É que para formar um lar tranquilo e feliz não basta que os cônjuges se tenham unido por necessidade de amor e companheirismo, pelo anseio de dar-se inteiramente a alguém ou pelo desejo de possuir um lar e filhos, razões estas que oferecem as maiores probabilidades de sucesso nas relações do casal. O casamento é algo muito complexo e seu êxito depende de uma série de fatores, alguns dos quais serão focalizados mais adiante.

"Fim seu entusiasmo fácil, muitos jovens o encaram com exagerado otimismo, acreditando-se aptos para superar todo e qualquer obstáculo que ameace a concretização de suas fagueiras esperanças.

Não se dão conta de que a união de dois seres, criados e educados, quase sempre, em famílias, escolas, níveis sociais e lugares diferentes, requererá de ambos uma reformulação permanente de costumes, interesses, opiniões e sentimentos, sem o que acabará, como tantas, em desencanto e fracasso.

Que dizer-se, então, dos que se casam por conveniência ou vanglória? Por pressão dos familiares, que desejam vê-los assentes na vida? Para não precisarem comer em restaurantes e terem alguém que lhes cuide das roupas, vendo no casamento apenas o melhor jeito de resolverem tais problemas domésticos?

Ou, o que é mais frequente no lado feminino, apenas para fugirem ao estigma de solteironas? Por dificuldades de relacionamento com os pais ou irmãos?

Para não lhes serem "pesadas", economicamente?

Para se livrarem de empregos ou trabalhos espinhosos?

O casamento forçado, ou seja, aquele em que o homem é compelido a desposar uma moça por havê-la engravidado, conta, igualmente, com escassas possibilidades de alcançar resultado satisfatório.

Quando duas pessoas são obrigadas a se unirem apenas por não terem podido resistir a uma violenta impulsão biológica, não raro vêm a separar-se logo em seguida e, se continuam juntas, mal se suportam, nutrindo, ambas, um amargo ressentimento e a sensação de terem sido logradas.

No homem, principalmente, este ressentimento costuma ser acompanhado de franca hostilidade àquela que o acorrentou ao seu destino, criando-se, assim, um péssimo ambiente para o filho, cujo futuro será

bastante comprometido.

Sabendo-se, como se sabe, que a felicidade conjugal depende de que marido e mulher fusionem harmoniosamente suas personalidades, tornando-se como que uma só pessoa, parece evidente que, naquelas uniões em que o coração não intervenha será bem mais difícil possam eles estabelecer uma base estável e sadia que lhes permita enfrentarem, juntos, as vicissitudes da existência sem conflitos.

Desde, porém, que ambos estejam dispostos a envidar todos os esforços necessários à

colimação desse objetivo, será possível que o consigam.

Não se tem visto tantos casais, sinceramente enamorados um do outro, que começaram a união conjugal às mil maravilhas e depois vieram a separar-se por insanável desentendimento?

Em contraposição, não se conhece, também, inúmeros matrimônios inconsequentes que, malgrado os prognósticos desfavoráveis, acabaram dando certo, sendo muito bem sucedidos?

A razão é que cada casamento será, sempre, qual os esposos o façam. (7)

"A natureza deu ao homem a necessidade de amar e de ser amado."

(Allan Kardec, "O Livro dos Espíritos", q.938)

"O casamento constitui um dos primeiros atos de progresso nas sociedades humanas, porque estabelece a solidariedade fraterna e se encontra entre todos os povos, se bem que em condições diversas. Abolir o casamento seria regredir à infância da Humanidade e colocar o homem abaixo mesmo de certos animais que lhe dão o exemplo de uniões constantes."

(Allan Kardec, "O Livro dos Espíritos", q.696)

"Não te esqueças de que casar-se é tarefa para todos os dias, porquanto somente da comunhão espiritual gradativa e profunda é que surgirá a integração dos cônjuges na vida permutada, de coração para coração, na qual o casamento se lança sempre para o Mais Alto, em plenitude de amor eterno."

(Francisco Cândido Xavier, Emmanuel, "Na Era do Espírito", cap. 11)

FINS ESSENCIAIS DO CASAMENTO

Parece-nos incontestável que, entre os objetivos a serem atingidos pelo matrimônio, o fundamental, destinado a servir de suporte aos outros, consiste no estabelecimento de vínculos de amor, compreensão e fidelidade entre marido e

⁷(1) Sobre o assunto, tomamos a liberdade de sugerir a leitura das seguintes obras:

Relações Neuróticas no Casamento, Organização e Introdução de Victor W. Eissenstein, Trad, de Therezinha Citani e Cácio Gomes, Editora Vozes Ltda., 1971 contendo 25 capítulos de renomadas especialistas; *Noções Básicas de Psicanálise — Introdução à Psicologia Psicanalítica*, de Charles Brenner, Imago Editora Ltda., Trad, de Ana Mazur Spira, Rio, 1989; *A Arte de Amar*, de Erich Fromm, Trad, de Milton Amado, Editora Itatiaia Limitada, Belo Horizonte; David Stafford-Clark, *O que Freud Realmente Disse*, Trad, de Jurema Alcides Cunha, Editora Globo, Porto Alegre, 1972, p. 131; Andrew Crowcroft, *O Psicótico — Compreensão da Loucura*, Trad, de Marcello A. Corção, Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1971, p. 69

mulher, assegurando-lhes o equilíbrio emocional.

Com efeito, para sermos felizes, todos precisamos de um parceiro com quem partilhar ansiedades, resolver problemas do cotidiano, confiar triunfos e reveses, e principalmente realizar nossos desejos de dar e receber carinho.

Carecemos, também, de segurança em relação às incertezas do porvir, a traduzir-se pela possibilidade de contar com um (a) companheiro (a) dedicado (a), que nos ampare e assista em caso de enfermidade ou na velhice.

Tanto no verdor dos anos, quanto na idade provectora, a solidão é muito triste. Incomparavelmente mais animadora é a perspectiva de uma vida a dois, na qual as dores, compartilhadas, doem menos, e as alegrias, com alguém a vibrar ao nosso lado, ganham em sabor e intensidade. Outra finalidade de suma importância do casamento é a procriação. Tomando-nos pais, não apenas damos cumprimento a uma lei natural, instituída por Deus para a perpetuação da raça humana, como enriquecemos nossa vida, pois os filhos, se por um lado nos impõem maiores encargos e uma série de restrições aos gozos mundanos, por outro nos ensejam os mais puros regozijos e nos fornecem as mais fortes motivações para que mantenhamos aceso o facho de renovados ideais.

Um lar sem filhos, por faustoso que seja, é incompleto, especialmente para a mulher, que faz da maternidade a razão maior de sua existência.

Como corolário da progénie, alinha-se a educação, no sentido lato do termo. Sim, porque os deveres dos pais para com os filhos não se restringem a dar-lhes casa, comida, roupa e escola, mas fazer deles cidadãos úteis e pessoas de bem, capazes de darem o seu quinhão pessoal em prol do progresso material, social e espiritual do mundo. "Se o lar falhar nos seus deveres para com a criança, muito provavelmente a criança também falhará nos seus deveres para consigo mesma, para com a família e a sociedade, e para com Deus", disse-o a renomada educadora Maria Junqueira Schmidt.

É no lar, portanto, que os filhos precisam ser instruídos e edificados nas virtudes cívicas e morais que os habilitem a cumprir fielmente as nobres finalidades da existência, a que acima nos referimos.

É em casa, na convivência com os pais e irmãos, mais, muito mais do que em qualquer outra parte ou instituição, que eles deverão de fazer o aprendizado do que sejam o respeito aos direitos alheios, a fraternidade humana, o amor à ordem, a honestidade, a disciplina consciente como fator de libertação pessoal, o acatamento à autoridade, os princípios da verdadeira democracia, o senso de responsabilidade, etc..

E é ainda no sagrado recinto doméstico, no doce aconchego familiar, que deverão receber a educação afetiva e sexual, aprendendo a conhecer os supremos valores da vida, sem as distorções e os aviltamentos das ruas, das buates, do cinema, da telenovela, etc..

A condição indispensável, porém, para que a prole se beneficie dessa formação integral como se verá oportunamente, é ser bem-vinda e receber o amor, os cuidados e a proteção de que necessita.

Isto exigirá que o nascimento dos filhos seja espaçado, de modo a dar à mãe o descanso necessário ao refazimento de suas forças, e que o número deles seja limitado às condições sócio-econômicas, de saúde e disponibilidade afetiva do casal, cujo potencial criador, por conseguinte, precisa e deve ser exercido de forma racional e não ao capricho de uma sexualidade cega e irresponsável.

O controle da natalidade pela continência periódica ou outros meios anticoncepcionais que a Ciência venha a pôr à disposição dos casais (exceto, é claro, o aborto criminoso), sem perigo para a sua sanidade, longe de ser um ato moralmente mau, como alguns o supõem, constitui-se um imperioso dever, sempre que haja razões justas para isso, pois o que Deus espera de nós não é, certamente, que ajamos como meros reprodutores, à semelhança dos animais, mas que, usando a inteligência e o bom senso de que somos dotados, nos tornemos pais e mães apenas quando e na medida em que possamos dar boa conta das obrigações correspondentes. ⁽⁸⁾

"No união dos sexos, a par da lei divina material, comum a todos os seres vivos, há outra lei divina, imutável como todas as leis de Deus, exclusivamente moral: a lei de amor. Quis Deus que os seres se unissem não só pelos laços da carne, mas também pelos da alma, a fim de que a afeição mútua dos esposos se transmitisse aos filhos e que fossem dois, e não um somente, a amá-los, a cuidar deles e a fazê-los progredir."

(Allan Kardec, "O Evangelho segundo o Espiritismo", cap. XXII, n.o 3)

"A educação, convenientemente entendida, constitui a chave do progresso moral. Quando se conhecer a arte de manejar os caracteres, como se conhece a de manejar as inteligências, conseguir-se-á corrigi-los, do mesmo modo que se aprumam plantas novas. Quem acompanhar, assim o filho do rico, como o do pobre, desde o instante do nascimento, e observar todas as influências perniciosas que

⁸ **(2)** Cf. Paul Osterrieth, *Fazer Adultos*, Tradução e Notas de Luiz Damasco Penna e J. B. Damasco Penna, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1967; Thomaz de Aquino San os Abreu, *O Casamento Feliz*; **3S** | preparo psicológico e psiquiátrico, 1968.

Sobre o controle da natalidade, sugerimos a leitura dos itens **74**, **101** e **102** da obra *Entrevistas* (edição do Instituto de Difusão Espírita, Araras, SP, nos quais Chico Xavier/Emmanuel expõem suas considerações a respeito, deixando claro que respeitam "a chegada dos anticoncepcionais ao Mundo por medicação preventiva contra o aborto delituoso, porque' o aborto delituoso é praticado em regime de impunidade e a vítima não tem voz para se defender."

sobre eles atuam, em consequência da fraqueza, da incúria e da ignorância dos que os dirigem, observando igualmente com quanta frequência falham os meios empregados para moralizá-los, não poderá espantar-se de encontrar pelo mundo tantas esquisitices. Faça-se com o moral o que se faz com a inteligência e ver-se-á que, se há naturezas refratárias, muito maior do que se julga é o número das que apenas reclamam boa cultura, para produzir bons frutos." (Allan Kardec, "O Livro dos Espíritos", q.917)

PERSPECTIVAS DA UNIÃO CONJUGAL

É bastante conhecido o adágio popular que diz: "casamento é loteria", com o qual se pretende significar que o êxito de uma união conjugal depende exclusivamente da "sorte".

Muito vulgarizado, igualmente, este outro provérbio: "casamento e mortalha no céu se talham", encerrando a crença de que esse importante acontecimento da vida seja determinado por Deus, caso por caso, como o é o instante da morte.

Essas duas maneiras de considerar o casamento, como bem se percebe, são fundamentalmente errôneas. Atribuem à Providência a ventura de uns e a infelicidade de outros (o que infirmaria a justiça divina), quando, em verdade, tais sucessos correm por conta do caráter e da maneira de proceder das pessoas.

Entre espíritas menos esclarecidos, por sua vez, existe uma tendência para supor-se que todo e qualquer casamento, aqui na Terra, teria sido objeto de planejamento no mundo espiritual, nos prelúdios da atual existência, com o acordo das partes, as quais, não obstante o esquecimento ocasionado pela reencarnação, seriam impelidas pelo "destino" a dar-lhe cumprimento.

Esta colocação do problema também é inexata.

A Doutrina Espírita admite que possam ocorrer tais planejamentos, tanto para fins missionários como probatórios ou expiatórios. Mas isto não tem foros de regra geral, tanto assim que Kardec, com o bom senso que lhe era peculiar, apontou como causas de tantas uniões desditosas a má escolha do companheiro, cujas qualidades não foram devidamente examinadas, e outras fraquezas humanas, como a ambição, a futilidade, etc, sem recorrer a nenhuma hipótese fatalista.

Tudo na vida obedece à lei de causalidade e os casamentos mal sucedidos, em última análise, nada mais são que a consequência natural da ignorância ou da levandade com que muitos se aventuram em coisa tão séria.

O que acontece, comumente, é o seguinte:

Durante o namoro e o noivado, os jovens, desejosos de causar-se, reciprocamente, impressão favorável, esforçam-se por manter uma boa conduta, procurando

esconder ou camuflar os aspectos indesejáveis de seus caracteres.

Nesse período, sua convivência é mais a sós, na sala de visitas, ou fora de casa, em passeios e divertimentos. Vivem-no, pois, em estado de encantamento, estimulados pela atração física, evitando a menor alusão a episódios desagradáveis do passado de cada um, para entregarem-se apenas a devaneias e fantasias, no antegozo das deliciosas promessas do futuro.

Mesmo quando um dos dois chega a observar no outro características comprometedoras ou menos dignos, acreditam, ingenuamente, que o casamento os eliminará ou que terão forças suficientes para suportá-los, sem prejuízo da "eterna felicidade" com que sonham.

Depois de casados, porém, ao conhecerem a realidade da vida, compreenderão que esta não é feita apenas de momentos românticos, exigindo-lhes, agora, árduos trabalho e não poucos sacrifícios para os quais nem sempre estavam convenientemente preparados.

Podem sobrevir, ainda, dificuldades de ordem financeira, que os levem a sofrer privações nunca dantes experimentadas, e com elas as acusações e queixas de um contra o outro.

Mas o pior, mesmo, é que aquelas (más) facetas do feitio moral de ambos, que tiveram o cuidado de não revelar antes da assinatura do contrato matrimonial, começam a manifestar-se com toda crueza, gerando atritos, discussões, amuos e represálias. E se não houver, então, concessões mútuas e esforço comum no sentido de ser estabelecido um "modus vivendi" aceitável, ou pelo menos suportável, a harmonia do lar será arrumada, e *ipso facto*, a felicidade conjugal, destruída.

"Não há união particular e fatal entre duas almas. O que há é a união de todos os Espíritos, mas em graus diversos, segundo a ordem que ocupam, isto é, segundo a perfeição que tenham adquirido. Quanto mais perfeitos, tanto mais unidos."

(Allan Kardec, "O Livro dos Espíritos", q.298)

"No casamento, comumente, o que se cogita, não é da satisfação do coração e sim da do orgulho, da vaidade, da cupidez, numa palavra: de todos os interesses materiais. Daí as uniões infelizes, que acabam tornando-se criminosas, dupla desgraça que se evitaria se, ao estabelecerem-se as condições do matrimônio, se não abstraísse da única que sanciona aos olhos de Deus: a lei do amor."

(Allan Kardec, "O Evangelho segundo o Espiritismo", cap. XXI, n.o 3)

O PREÇO DA FELICIDADE CONJUGAL

Não existe uma fórmula única e por suposto infalível para a conquista da felicidade no matrimônio.

Há, porém, determinadas condições e certos preceitos, ditados pela prudência e

pelo tirocínio de cônjuges bem sucedidos, que, se observados, poderão oferecer aos jovens alguma garantia de que o "seu" casamento venha a ser o mais venturoso possível.

Um dos primeiros pontos a considerar é a idade ideal para esse passo.

Não cabe, aqui, qualquer fixação rigorista, já que os graus de maturidade variam de indivíduo para indivíduo, em qualquer fase da vida, em função das experiências adquiridas nesta encarnação e nas pregressas.

Nas condições atuais do mundo em que vivemos, a média das idades mais propícias a um casamento estável e feliz, situa-se entre 23 e 26 anos para os rapazes, e 21 a 24 para as moças.

Pesquisas sociais recentes chegaram à conclusão de que os casamentos malogrados, em maior porcentagem, foram motivados por precipitação, isto é, por se

terem realizado cedo demais.

Efetivamente, como poderia um (a) adolescente acertar na escolha daquela (e) com quem deverá conviver "até que a morte os separe" se ainda está se formando, física, mental e espiritualmente? Se o que conhece do amor, do sexo, da vida, enfim, é ainda quase nada? Se "ele" ainda não pode oferecer a indispensável segurança econômica, nem "ela" possui o mínimo de predicados de uma "dona de casa", de modo a poderem enfrentar, com sucesso, as múltiplas e sacrificiais responsabilidades de um lar?

Outro elemento importante, que sói influir na compatibilidade e, por conseguinte, no relacionamento harmonioso do casal, é o seu grau de cultura e de educação.

O desejável é que ambos tenham o mesmo nível cultural e tenham sido educados por padrões éticos semelhantes, pois isto facilitará grandemente a adaptação entre si.

Quando marido e mulher se diferenciam profundamente sob este aspecto, é muito provável que, passada a "lua de mel", em que tudo é deslumbramento e ilusão, o refinamento social do cônjuge melhor dotado venha a chocar-se com a boçalidade, a inépcia, o desasseio e o mau gosto do outro, o que tornará insustentável uma vida em comum, dando ensejo a que cada qual passe a buscar compensações fora do lar, junto de outrem que melhor o compreendam, lhe apreciem o modo de ser e respondam às suas necessidades mais íntimas.

Só mesmo um imenso e sincero amor recíproco poderá superar tais disparidades. O sentimento religioso é mais um contingente da harmonia conjugal que não deve ser subestimado.

Não pretendemos afirmar que essa harmonia seja possível unicamente quando marido e mulher professem a mesma religião, embora reconheçamos quanto isto possa concorrer para o equilíbrio de suas relações.

O que desejamos assinalar, para alertar, é o seguinte:

Considerando ser a religião um dos característicos da personalidade, tomar-se-ia penoso, p. ex., a um dos cônjuges que desejasse cumprir fielmente os deveres estabelecidos por sua igreja ou por suas próprias convicções religiosas, ter que suportar, sem mágoa ou protesto, os remos do outro, ateu ou indiferente, que considerasse tais deveres mera pieguice, infantilismo mental, etc..

Por outro lado, seria igualmente muito difícil haver paz doméstica onde, ao contrário, um dos esposos, fanático e intransigente, se mostrasse disposto a converter o outro ao seu credo, importunando-o a todo instante e a qualquer pretexto com os seus discursos de catequese.

Precatem-se, portanto, os jovens casadouros.

Embora estejamos vivendo uma época em que a tolerância religiosa tende a consolidar-se cada vez mais, é conveniente verificar se o (a) eleito (a) de seu coração é pessoa de boa índole, com quem, embora divergindo em matéria de fé, se possa manter uma coexistência pacífica.

A consciência do exato papel de cada um na construção e manutenção do lar; a identidade de propósitos no tocante ao planejamento familiar; a afinidade espiritual; a filosofia de vida que esposam; a certeza de que se amam, apesar dos defeitos de cada um, mesmo sabendo que eles persistirão após o casamento; a aceitação da família do futuro cônjuge, tal como ela é; a capacidade recíproca de divergir, sem discutir, e de argumentar, sem brigar; a boa disposição de ambos de acatar-se as opiniões e favorecer a solução de problemas de interesse comum, etc, São outros tantos fatores que contribuem para um matrimônio afortunado.

Como se vê, a felicidade conjugal tem preço bastante alto, tão alto que só poderá ser pago a longo prazo, enquanto dure o casamento, em moedas de humildade, compreensão, paciência, espírito de renúncia e grande dose de boa vontade no sentido da adaptação mútua.

Mas compensa regamente, tais as bênçãos e as satisfações que proporciona.

"Interroguem friamente suas consciências todos os que são feridos no coração pelas vicissitudes e as decepções da vida; remontem passo a passo à origem dos males que os torturam e verifiquem se, as mais das vezes, não poderão dizer: se eu houvesse feito, ou deixado de fazer tal coisa, não estaria em semelhante condição."

(Allan Kardec, "O Evangelho segundo o Espiritismo", cap. V, n.º 4)

"Se te encontras nas ondas pesadas da desarmonia conjugal, evoluindo para o divórcio ou qualquer outra espécie de separação, não menospreze buscar alguma ilha de silêncio a fim de pensar. Considera as próprias atitudes e, através de criterioso auto-exa-

me, indaga por teu próprio comportamento na área afetiva em que te comprometeste, na garantia da paz e da segurança emotiva da companheira ou do companheiro que elegeste para a jornada humana. E talvez descubras que a causa das perturbações existentes reside em ti mesmo. Feito isso, se trazes a

consciência vinculada ao dever, acabarás doando ao coração que espera por teu apoio, a fim de trabalhar e ser feliz, a quota de assistência que se lhe faz naturalmente devida em matéria de alegria e tranqüilidade, amor e compreensão."

(Francisco Cândido Xavier, Emmanuel, "Na Era do Espirito", cap. 20)

OBRIGAÇÕES DECORRENTES DO MATRIMÔNIO

A vida matrimonial impõe ao marido e à mulher, em separado, e a ambos, reciprocamente, uma série de obrigações que, apesar de tradicionalmente aceitas, nem sempre são cumpridas, de parte a parte, e daí a razão do malogro de tantos casamentos.

Vale a pena, pois, recordar aqui e agora as de maior importância, já que nosso propósito é ajudar os casais a estabelecerem um relacionamento harmonioso e feliz.

Ao marido, como chefe da família, incumbe:

1. O governo da casa, compreendido como tal a fixação de normas disciplinares, visando à boa conduta e à respeitabilidade de seus membros, inclusive a sua própria.
2. A administração do patrimônio familiar, gerindo com cuidado os seus bens, jamais se permitindo esbanjamentos e aventuras financeiras que possam arruiná-lo.
3. Apoio e proteção à mulher, reconhecendo-a como igual em dignidade e direitos.

À mulher, por sua vez, cabe:

1. Cooperar com o marido e prestigiá-lo em tudo quanto diga respeito à direção e ao bem-estar da casa.
2. Criar um ambiente acolhedor, não só pelo asseio e bom gosto dos arranjos caseiros, como principalmente pela atmosfera de afetividade com que envolverá o companheiro e a futura prole.
3. Submissão e deferência ao marido, já que a família, sendo um grupo societário, não pode prescindir de uma autoridade que por ele responda, e esta pertence ao homem, naturalmente mais apto para exercê-la.

Quanto aos deveres mútuos, cumpre sejam destacados os seguintes:

1. Coabitação, isto é, vida comum, na mesma casa, na mesma mesa e no mesmo quarto, pois assim o, exigem as finalidades do matrimônio, pelo qual foram unidos como se fossem um só corpo e uma só

alma.

2. Amor e respeito, expressos por atenções, carinho, delicadezas, paciência, tolerância, evitando-se, a todo custo atitudes de desprezo, represálias, uso de linguagem ofensiva, queixas incessantes, crueldade física ou mental, etc..

3. Manutenção condigna, cabendo ao marido, principalmente, prover os meios por seu trabalho, enquanto à mulher, se não puder contribuir para o aumento da receita, caberá, pelo menos, saber economizar na despesa, suprimindo gastos supérfluos.

4. Fidelidade absoluta, condição *sine qua non* para um perfeito fusionamento do casal e que o adultério lesa gravissimamente.

As obrigações acima, como já foi dito de início, constituem uma tradição multissecular, continuam válidas e acreditamos que jamais deixarão de sê-lo, pelo menos para a maioria da Humanidade.

As condições vigentes no mundo civilizado, entretanto, estão mudando um pouco as coisas, quer-nos parecer que para melhor.

Com a emancipação da mulher, por via da cultura e da conquista de empregos e funções outrora reservados exclusivamente ao homem, os respectivos papeis tendem a tornar-se menos específicos.

Expliquemo-nos melhor:

As esposas, conquanto continuem a ser mães e donas de casa, graças às franquias cada vez maiores que vêm sendo concedidas ao sexo feminino, estão-se tornando também pessoas completas, maduras, multiscientes, capazes, portanto, de uma participação mais ativa e consciente nos acontecimentos da vida comunitária, nacional ou mesmo internacional.

Os maridos, a seu turno, embora mantenham suas prerrogativas de cabeças ou chefes de família, mostram-se cada vez menos ciosos de sua (suposta), superioridade, participam das tarefas caseiras, e, ao invés de se sentirem prejudicados com a ascensão feminina, até a aplaudem e a estimulam, porque passam a ter nas esposas, não meras servas domésticas, mas verdadeiras companheiras com as quais podem manter diálogo de alto nível, planejar e decidir em conjunto tudo quanto se relacione com os interesses da família.

"Mulheres, estai sujeitas a vossos maridos, como convém no Senhor; maridos, amai a vossas mulheres e não as trateis com amargura." (Efésios, 5:22 a 25)

"Não cometerás adultério" (VI mandamento) "A emancipação da mulher acompanha o progresso da civilização."

(Allan Kardec, "O Livro dos Espíritos", q.822)

PSICOLOGIA DO HOMEM E DA MULHER

Como é óbvio, para que duas pessoas se relacionem harmoniosamente, a condição indispensável é que se conheçam bem.

Na sociedade conjugal, para que haja um clima de perfeito entendimento mútuo, faz-se mister, igualmente, que o esposo se instrua acerca da psicologia feminina, e que a esposa não ignore a psicologia masculina, pois, quase sempre, as desavenças matrimoniais resultam de os homens pretenderem que suas companheiras pensem, sintam e ajam à sua maneira, e vice-versa.

Ora, as diferenças entre o sexo masculino e o feminino não existem apenas no plano fisiológico, mas também do ponto de vista psicológico.

Eis algumas:

Enquanto o homem se conduz pela *razão* e precisa *raciocinar* para entender os fatos, a mulher, dotada de *intuição*, pode *sentir* de imediato a realidade deles.

O homem tem a percepção *global*; a mulher, dos *pormenores*.

A inteligência do homem dá-lhe maiores aptidões para as artes, as ciências e a filosofia, onde é reclamada a capacidade de *concentrar-se, pesquisar, lucubrar*; a da mulher, para as profissões de contacto e comunicação com o público: comerciárias, professoras, telefonistas, secretárias, nas quais comprovam a maior facilidade que têm para *falar e escrever*.

O homem procura fazer-se admirado por sua *força e eficiência*; a mulher, por sua *beleza e elegância*.

É próprio da natureza masculina o *conquistar* e o *proteger*; já a feminilidade consiste em *atrair* e ser protegida.

No homem, o sentimento de *paternidade* não é espontâneo, nem muito intenso; na mulher, o *instinto maternal* sobreleva a qualquer outro.

O homem tem o gosto das *aventuras*; a mulher quer *estabilidade e segurança* para poder criar os filhos com tranquilidade.

O homem *divide* o seu amor entre a esposa e outros interesses que o levam para fora de casa, como o trabalho, a política, o esporte, etc; a mulher, ao contrário, *concentra* toda a sua afeição no lar, entendido como tal o marido e os filhos.

No homem, a satisfação sexual *independe* do amor; na mulher, este sentimento é fator *preponderante* para aquele gozo.

Se todas essas diferenças forem devidamente consideradas pelo casal, muitos de seus aborrecimentos, brigas e mal-entendidos poderão ser evitados, melhorando bastante o teor de suas relações, o que vale dizer o grau de sua felicidade.

Assim, por exemplo, se o caro amigo que nos lê se vir numa situação embaraçosa e

sua esposa lhe sugerir, de pronto, um modo simples de sair dela, não há porque sentir-se diminuído, por parecer menos hábil. A intuição feminina funciona mesmo mais depressa.

Se para descrever um acidente que você sintetizaria em dois minutos, "ela" levar nada menos de vinte, não se exaspere: a mulher gosta de explicar as coisas em seus "mínimos detalhes".

E se, um dia, ao aproximar-se de sua companheira, na tentativa de uma relação conubial, ela venha a repeli-lo, não julgue que seja por maldade ou desamor; o mais provável é que ela esteja ressentida justamente por falta de cortesia e de maneiras afetuosas de sua parte. Repugna a muitas mulheres o serem reduzidas a simples instrumentos de prazer.

Quanto à senhora, prezada leitora, se puser um lindo broche novo sem que seu marido o perceba, não o julgue "desligado" de sua pessoa. É que o homem só tem a percepção do conjunto.

Não se esqueça de fazer-lhe um elogio, sempre que alcance uma promoção ou saia vitorioso de algum empreendimento, pois embora não o demonstre, ele também é vaidoso e gosta que lhe reconheçam os méritos.

E se o seu querido parceiro sai frequentemente de casa, para dedicar-se a várias atividades que melhorem sua qualificação profissional, aumentem seu círculo de amizades e em consequência seu prestígio social, ou lhe dêem o ensejo de ser útil à comunidade, não o censure, nem o acuse de estar abandonando o lar; ele está apenas realizando tarefas que lhe são próprias, com o que direta ou indiretamente, a família toda acabará se beneficiando. Seria até o caso de dar "graças a Deus" por ele ser assim, porque os maridos desse feitio geralmente são avessos a certos divertimentos prejudiciais à felicidade conjugal.

"Atendendo à soma das qualidades adquiridas, na fieira das próprias reencarnações, o Espírito se revela, no Plano Físico, pelas tendências que registra nos recessos do ser, tipificando-se na condição de homem ou de mulher, conforme as tarefas que lhe cabe realizar."

(Francisco Cândido Xavier, Emmanuel, "Vida e Sexo", cap. 1)

TIPOS DE PERSONALIDADE

É do conhecimento geral que cada um de nós possui um "conjunto de disposições psíquicas que nos impelem a agir e reagir de maneira própria e pessoal às impressões externas", ao que se dá o nome de caráter ou personalidade.

Assim, o bom relacionamento de um casal depende, bastante, de que suas personalidades se harmonizem.

Para que isso aconteça, nem sempre é desejável pertencerem ambos os cônjuges ao mesmo tipo caracterológico, já que, muitas vezes, um precisa completar as virtudes que faltam ao outro.

Comumente, as pessoas não se identificam de forma exata e total com um só espécime, antes demonstram ser dotadas de qualidades inerentes a mais de uma personalidade. Os traços marcantes de alguns tipos, entretanto, são os seguintes: Agressivo — sujeito a frequentes crises de cólera, nas quais briga, critica, provoca, xinga, descontroIa-se e chega a espancar os que estejam ao alcance de suas mãos (ou pés). Irritadiço, agasta-se facilmente, criando em torno de si um ambiente de constrangimento, mal-estar e tensão nervosa.

Autoritário — que se caracteriza pela arrogância e firmeza; impõe, intransigentemente, sua vontade; não se verga a argumentos e razões que lhe demonstrem estar errado, nem volta atrás em suas decisões; ordena e coordena, manda e comanda tudo.

Ciumento — próprio de pessoa insegura, com neurose de caráter ou complexo de inferioridade. Não suporta que outrem seja melhor aquinhoado de afeto, assim como, não acreditando muito em seus próprios atributos, com que enfrentar possíveis rivais, está sempre a temer que estes lhe roubem o objeto de seu amor. Um pequeno atraso, um gesto de cortesia ou um sorriso, dado a ou recebido de colegas, amigos e mesmo parentes, basta-lhe para produzir "cenas", que, à força de serem repetidas, podem levar o "outro" ao desespero.

Entusiasta — aquele que é animado e ama a vida; nutre belos ideais e luta por eles; não se deixa abater por eventuais reveses, nem fica à espera de oportunidades para melhorar sua situação; ao contrário, cria condições de sucesso com a fé em si mesmo,, seus esforços e sua perseverança.

Folgazão — de espírito alegre, brincalhão, expansivo, que gosta de contar e ouvir piadas, não leva nada a sério e, qualquer que seja a circunstância, sempre encontra motivos para rir, dando, com isso, a impressão de ser um tanto ou quanto irresponsável.

Implicante — o que vive a implicar e a ralhar com todos a respeito de tudo. Com um, porque não limpou os pés ao entrar em casa; com outro, porque não repôs a tesoura no devido lugar; com esta, porque o almoço foi servido com cinco minutos de atraso; com aquela, porque se demora ao espelho, etc, etc, etc.

Maternal — que se evidencia por atitudes protetoras; estende seus cuidados e ternura a todos que o cercam e trata o cônjuge como se fosse criança.

Meigo — sempre afável, carinhoso, calmo, gentil, ponderado, de maneiras delicadas, incapaz de erguer a voz ou perder a paciência.

Passivo — o apático sem vontade própria, partidário do "laissez-faire" (deixa fazer); comenta seus problemas com todo mundo, na esperança de que alguém os resolva para ou por ele.

Pessimista — que se inclina à desconfiança, com medo de ser iludido em seus sentimentos ou prejudicado em seus interesses; está sempre a fazer mau juízo do próximo; espera o pior de tudo, encara os fatos da existência invariavelmente pelos seus aspectos menos felizes e, quando solicitado a opinar sobre a

conveniência de qualquer realização, só sabe desencorajar, desmerecer, demolir. Suscetível — aquele que se melindra com facilidade, toma qualquer desatenção à sua pessoa como ofensa, fica amuado longo tempo por um “dá cá aquela palha”, tornando, desse modo, extremamente difícil manter-se com ele uma convivência espontânea e agradável.

Tímido — o que, por acanhamento ou covardia, evita aparecer, demonstrar o que sabe, intervir nas conversações, assumir posição de liderança, etc, carecendo ser “empurrado” até mesmo para reclamar direitos líquidos e certos.

A simples enumeração acima deixa claro que uma esposa agressiva ou ciumenta, por ex., só poderá ter um lar relativamente tranquilo com um parceiro do tipo meigo ou folgazão. Se igual a ela, a casa, certamente, pegará fogo.

Um marido passivo viveria às mil maravilhas com uma esposa do tipo maternal, já que ela não o importunaria por nada, resolvendo, sozinha, e com que gozo! — todos os casos e interesses da sociedade conjugal. Tal criatura, porém, não teria chance de ser bem sucedida com um marido do tipo autoritário, pois este não lhe suportaria a maneira de ser.

Um cônjuge pessimista, em sendo influenciado por outro do tipo entusiasta, pode não criar maiores dificuldades à família, mas, unido a um tímido, que desastre!

Que esperar-se, então, do consórcio de um homem implicante com uma mulher suscetível?

Como se vê, não convém à moça casadoura aceitar o primeiro que lhe peça a mão, mas sim esperar aquele que, por seu caráter, possa oferecer-lhe maiores garantias, de êxito na vida matrimonial.

Não deve o rapaz núbil, igualmente, escolher esposa como escolheria um automóvel: por suas linhas, mas atentando bem para os predicados que lhe exornem o espírito e o coração. Nada é mais efêmero que a beleza física e todo casamento que não tiver a alicerçá-lo algo mais profundo e estável que a simples paixão carnal, tende a desmantelar-se⁽⁹⁾.

“Muitos são os que acreditam amar perdidamente, porque apenas julgam pelas aparências, e que, obrigados a viver em comum, não tardam a reconhecer que só experimentaram um encantamento material! Não basta uma pessoa estar enamorada de outra que lhe agrada e em quem supõe belas qualidades. Vivendo realmente com ela é que poderá apreciá-la. Cumpre não se esqueça de que é o

⁹ (3) Cf. Gordon W. Allport, *Personalidade — Padrões e Desenvolvimento*, Trad, de Dante Moreira Leite, EPU, São Paulo, 1973; James C. Colemam, *A Psicologia do Anormal e a Vida Contemporânea*, Trad, de Dante Moreira Leite e Miriam L. Moreira Leite, 2 vols., Livraria Pioneira Editora, São Paulo, 1973; Harold H. Anderson e Gladys L. Anderson, *Técnicas Projetivas do Diagnóstico Psicológico*, Trad, de Elze Bennett, Editora Mestre Jou, S.A., São Paulo, 1967; Erich Fromm, *Análise do Homem*, Tradução de Octavio Alves Velho, Quinta Edição, Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1966, p. 53.

Espírito quem ama e não o corpo, de sorte que, dissipada a ilusão material, o Espírito vê a realidade."

(Allan Kardec, "O Livro dos Espíritos," q.939)

AS RELAÇÕES SEXUAIS NO CASAMENTO

A Humanidade que habita a Terra, planeta de expiações e provas, todos o sabem, está mais próximo do reino animal (por onde as leis de progresso a fizeram passar antes que atingisse o estágio atual de sua evolução anímica) do que da condição angelical a que deve chegar, consoante a gloriosa destinação que lhe foi traçada pelo Criador.

Por isso, a perfeição moral, entre nós, só existe como uma luz distante a iluminar nossos passos, tardos e vacilantes, pelas asperezas e escolhos do caminho. Ou, em outras palavras, como um ideal sublime cuja colimação exigirá todo um aprendizado de autodomínio, disciplina, responsabilidade, abnegação e ternura, a demandar de cada alma experiências cruciantes e purificadoras, que só em milênios, vida após vida, se logrará cumprir.

Urge, pois, se reconheça, sem hipocrisia, que o impulso sexual é ainda um dos fatores predominantes da conduta humana, devendo ser levado na devida conta, tal como o é e não como gostaríamos que fosse, já que exerce enorme influência na vida conjugal.

Está mais do que provado que um perfeito ajustamento sexual garante o equilíbrio sentimental dos cônjuges, predispondo-os a uma recíproca tolerância, ao passo que as insatisfações, nesse domínio, fá- -los sentirem-se desarmonizados com eles próprios, inclinando-os a considerarem imperdoáveis as mínimas indelicadezas.

As relações sexuais dos recém-casados, dos esposos de meia idade e dos que estejam próximos a comemorar as bodas de ouro, conquanto decrescentes no tocante à frequência, pois cada idade tem o seu ritmo próprio, devem conservar, sempre, o mesmo valor, ou seja, devem continuar sendo a expressão máxima do amor que os uniu um dia, acenando-lhes com a felicidade.

É lamentável que não poucos cônjuges encarem o casamento como uma espécie de negócio que, uma vez fechado, os dispensa de qualquer cuidado no sentido de agradar, prender e seduzir o parceiro, com o que matam todo o encanto da vida em comum.

Outros, então, fazem pior. Esquecendo-se de que o contrato matrimonial lhes impõe deveres recíprocos, rompem unilateralmente os compromissos assumidos, sem a menor atenção para com o parceiro, lesando-o, assim, em seus legítimos direitos.

O Dr. André Berge, diretor do Centro Psicopedagógico "Claude Bernard", da França, uma das maiores autoridades em matéria de Psicologia e Educação,

discorrendo sobre os motivos que impelem muitos casais à separação e ao divórcio, adverte com a franqueza que se faz necessária em tal assunto: "As duas causas maiores do definhamento da vida de casado é a desvalorização do ato amoroso e a negligência do clima sentimental. O homem e a mulher não levam em devida consideração as exigências da natureza do outro; o amor masculino, ao lado dum terno impulso para um objeto definido, supõe uma necessidade física cuja satisfação não depende inteiramente do objeto que a provoca. O amor feminino é igualmente feito de uma necessidade pessoal (necessidade de atenções delicadas e de pequenos cuidados afetuosos) que se vem acrescentar à escolha amorosa, mas não depende inteiramente dela. Por não aceitarem essas verdades e não a quererem compreender, muitas mulheres se irritam por terem de satisfazer a uma necessidade para a qual não se sentem insubstituíveis e acabam por repelir os agrados dos maridos ou, pelo menos, por mostrar-lhes impiedosamente o pouco prazer que têm nisso. Muitos maridos, igualmente, incompreensíveis, esquecem-se de mostrar à esposa o lugar de eleição que ela ocupa na sua vida; mas, fartos de sentirem que o seu amor é suportado como uma tediosa obrigação, reduzem-no cada vez mais, apenas ao que lhes parece essencial, podendo essa atitude aumentar assim a decepção daquela de quem gostariam de se sentir amados. Daí resultam para os dois lados mal-entendidos e insatisfações. Se a vida do casal se desune ou soçobra na indiferença, cada um pode sinceramente acreditar-se vítima, por não ter meditado sobre a observação tão justa e profunda do Dr. Richard, de Neuchatel, que assinala, no seu livro sobre a Psicologia e a Moral, que na maioria dos casos é não satisfação — muito mais que as tentações — que leva o homem ou a mulher a procurar prazeres extraconjugais. O homem não compreende o valor dos "pequenos obséquios" e esquece-se de que se podem dar presentinhos mesmo à esposa; esta não compreende que há nas necessidades físicas do seu marido algo de muito importante, mesmo sob o ponto de vista moral, para a felicidade do lar, e até para o interesse dos filhos. Há esposas que se gabam quase de saber evitar as tentativas de aproximação do esposo; não se admirem depois de que haja tantos casais desajustados ou que, aparentemente unidos, vivem dominados por um nervosismo crescente, sempre pronto a traduzir-se por um mau humor, cuja origem escapa aos observadores superficiais; as crianças sofrem os efeitos do ambiente insuportável que reina em casa, sem poder compreender-lhe a razão. Depois que entram em jogo as decepções, os rancores acumulam-se e raros são os que sabem galgar de novo a encosta fatal. Um ou outro dos cônjuges pode ser levado a procurar fora compensações que vêm obscurecer ainda mais o horizonte. Às vezes, as decepções encontram outros exutórios menos graves, aparentemente: o homem consagra-se cada vez mais à sua profissão, ou a mulher procura dedicar-se aos filhos. Essa solução do problema não satisfaz, porque se é normal, bom e útil que o homem tenha uma profissão pela qual se interesse e se apaixone, que a mulher tenha filhos a quem ame e de quem se ocupe com amor,

ternura, dedicação, não deixa todavia de ser triste que a profissão ultrapasse a vida conjugal ou que o amor dos filhos venha contrapor-se ao amor conjugal." (A Educação Sexual e Afetiva, 3a. parte, pgs. 227-29 da 2a. edição, Agir)

"Que cada homem tenha sua mulher e cada mulher, seu marido. Que o marido realize seu dever em relação à mulher e da mesma forma a mulher em relação a seu marido. A mulher não dispõe de seu corpo, mas sim o marido. Da mesma sorte o marido não dispõe de seu corpo, mas sim a mulher. Não vos recuseis um ao outro, a não ser que seja de comum acordo e por algum tempo... Depois retomai a vida em comum, para que não sejais tentados a prevaricar."

(Paulo, Cor., 7:3-5)

"A comunhão sexual injuriada ou perfidamente interrompida costuma gerar dolorosas repercussões na consciência, estabelecendo problemas cômicos de solução, por vezes, muito difícil, porquanto ninguém fere alguém sem ferir a si mesmo."

(Francisco Cândido Xavier Emmanuel, "Vida e Sexo", cap. 7)

O AJUSTAMENTO SEXUAL ENTRE OS CÔNJUGES

A relação sexual entre marido e mulher, já o dissemos no capítulo anterior, constitui-se ou deveria constituir-se a expressão máxima do amor © não simples fonte de prazer.

Não existe maneira mais sublime de os cônjuges se demonstrarem afeto, nem atestado mais eloquente do fusionamento integral de suas personalidades, que o êxtase da possessão mútua completa.

E não será porque alguns considerem o ato sexual, erroneamente, como algo imoral e repulsivo, nem porque outros dele abusem, transformando-o em vício degradante (a luxúria), que se deva malsiná-lo, deixando de reconhecer a alta contribuição que oferece à felicidade conjugal.

Foge ao objetivo deste livro a descrição de técnicas pelas quais devessem os esposos orientar-se na busca de um perfeito ajustamento sexual. Há obras sérias que tratam do assunto.

Aqui e agora, desejamos apenas chamar-lhes a atenção para certas coisas que, de algum modo, costumam prejudicar esse ajustamento.

Uma delas é o puritanismo de certas mães que, ao aconselharem as filhas, prevenindo-as sobre os perigos das intimidades entre moças e rapazes, o que é realmente necessário, dão muita ênfase aos aspectos menos dignos da sexualidade, esquecendo-se, muitas vezes, de dizer-lhes que, no casamento, o seu uso é perfeitamente natural e nada tem de grosseiro ou indecente. Destarte, mal preparadas para a vida de casadas, muitas jovens tardam ou nunca chegam a adaptar-se à relação sexual, deixando, assim, de experimentar as satisfações que

ela proporciona.

Por outro lado, a frequência de prostíbulos faz com que os rapazes se confundam acerca da verdadeira psicologia feminina e não se apercebam de que as prostitutas são criaturas treinadas para despertarem o sensualismo do macho, ao passo que as esposas, via de regra pudicas e recatadas, não sabem e nem poderiam saber portar-se à maneira delas.

Ao invés de iniciá-las paciente e carinhosamente nas sutilezas do tálamo, para que se tornem suas parceiras ideais, julgam-nas frias, indiferentes, ou então se supõem desamados por elas, originando-se daí incompreensões e mágoas que podem afetar seriamente o equilíbrio das relações conjugais.

Outra causa determinante de descompassos nesse terreno é a ignorância das diferenças que existem entre o aparelho reprodutor masculino e o feminino, bem como nos controles nervosos da relação sexual que lhe são peculiares.

Na mulher, esse aparelho é mais complexo e, conseqüentemente, tais controles apresentam, também, maior complexidade. Enquanto a excitação masculina se localiza nos órgãos genitais, facilitando sobremaneira a culminância do desejo, a feminina acha-se difusa pelo corpo todo, o que torna mais demoradas as reações sexuais.

Por isso, enquanto o homem alcança um orgasmo rápido, a mulher, se não receber afagos preliminares, jamais atingirá o clímax.

Para que possa fruir plena satisfação no ato sexual, a mulher precisa, ainda, saber-se amada pelo marido e achar-se de acordo com ele em outros pontos da vida em comum. Isto posto, o marido que não seja egoísta e não queira fazer a festa sozinho, deve ser gentil e repetir-lhe que a ama, que a admira, o quanto ela representa para a sua felicidade, etc., bem assim evitar desavenças e agastamentos, pois é dessas atenções e de um clima harmonioso que se alimenta a afetividade feminina, predispondo-a para as expressões físicas do amor conjugal. Não é só.

Nas relações íntimas entre os cônjuges, o marido carece levar em conta os conceitos da esposa sobre o que lhe pareça próprio ou não, compartilhando ou pelo menos respeitando suas ideias a respeito da sacralidade do corpo humano. Jamais deverá forçá-la a um tipo de comportamento que não se compadeça com seu feitio moral e a delicadeza de seus sentimentos, pois a faria sofrer ao invés de gozar.

Uma relação sexual perfeita pressupõe, igualmente, um ambiente tranquilo e a segurança contra qualquer perturbação. Exige, outrossim, boa disposição de saúde. Quando se esteja muito cansado, fisicamente, ou depois de uma intensa atividade mental, o ato sexual deve ser evitado, se o casal achar conveniente, pois, envolvendo considerável dispêndio de energia nervosa, dificilmente será satisfatória em tais condições.

Releva frisar, por último, que o ajustamento sexual dos cônjuges mui raramente se

verifica desde os primeiros tempos de união; quase sempre é o resultado de um lento processo de aperfeiçoamento, ou seja, de um perseverante esforço de adaptação física e espiritual, ao longo de anos e anos ⁽¹⁰⁾

"O sexo é uma fonte de bênçãos renovadoras do corpo e da alma."

(Waldo Vieira, André Luiz, "Conduta Espírita," cap. 34)

"Realizações das mais belas, na luta planetária, quais sejam as da aproximação das almas na paternidade e na maternidade, a criação e a reprodução das formas, a extensão da vida e preciosos estímulos ao trabalho e à regeneração foram proporcionados pelo Senhor às criaturas, por intermédio das emoções sexuais."

(Francisco Cândido Xavier, Emmanuel, "Pão Nosso", cap. 94)

REAJUSTE DE CONCEITOS

Talvez na mais antiga tradição de toda a História, o homem tem sido educado de modo a crer que é superior à mulher, cabendo-lhe, portanto, exercer sobre ela um domínio absoluto e incontroverso.

Já no relato bíblico da Criação, o homem aparece no palco do mundo primeiro que a mulher, com o que se pretendeu significar sua ascendência sobre ela.

Eva, criada posteriormente de uma costela de Adão, para servir-lhe de adjutório, é bem o símbolo da situação dependente e de subserviência da mulher para com o homem, situação essa agravada logo depois, ao ser apontada como instrumento da tentação e causa da queda do homem, dando motivo a que, século após século, viesse a ser tida e havida como "a porta do Inferno e a mãe de todos os males/"

Aristóteles (384-322 A. C.), considerado um dos maiores pensadores não só da antiguidade, mas de todos os tempos, corroborando esse conceito depreciativo da mulher, achava que "ela é para o homem o que o servo é para o amo, o trabalhador manual para o intelectual, o bárbaro para o grego." Dizia ainda: "A mulher é um homem inacabado, que se quedou imóvel em um grau inferior da escada do desenvolvimento. O macho é, por sua natureza, superior e a fêmea, inferior; um manda e a outra é mandada. A mulher tem a vontade fraca; e é por isso incapaz de independência de caráter ou atitude, etc."

No sínodo realizado pela Igreja Católica no ano 585, foi a mulher objeto de acaloradas discussões, com o fim de saber-se se ela possuía alma ou não e se deveria ser qualificada como criatura humana/

O filósofo e teólogo S. Tomás de Aquino (1225-1274), cuja influência no pensamento dessa mesma Igreja se faz sentir até hoje, navegando por águas aristotélicas, também

¹⁰ (4) Cf. Willian H. Marters e Virgínia E. Johnson, *A Incompetência Sexual — suas causas, seu tratamento*, Tradução de Edtnond Jorge, Civilização Brasileira, 1970; Frank S. Caprio e Donald R. Brenner, *Conduta Sexual*, Tradução de Leônidas Gontijo de Carvalho, IBRAS-A, São Paulo, 1967. Donald W. Hastings, *Um Psiquiatra Peda do Sexo no Casamento*, Tradução de Charles Maiie Antoine Boverly, Revisão de Urlas Corrêa Arantes, Livraria Manole Imp. e Com. Ltda., São Paulo, 1973.

sentenciou: "A mulher é subordinada ao homem em virtude da fraqueza de sua natureza, tanto no espírito como no corpo. A sujeição da mulher está de acordo com a lei da natureza, o que jfk não se dá com o escravo. O homem, não a mulher, foi feito à semelhança da imagem de Deus; é natural, portanto, que as esposas fiquem subordinadas aos esposos e sejam até mesmo as suas servas."

Muitas outras citações poderiam ser aqui alinhadas, desse mesmo jaez; não queremos, porém, alongar- -nos demais, o que seria fastidioso.

O que desejamos ressaltar agora é que caberia ao Espiritismo corrigir essa diminuição humilhante do sexo feminino, típica das sociedades patriarcais de antanho, dignificando-o e colocando-o em pé de igualdade com o masculino, ao revelar que o homem e mulher, tais como os conhecemos, só existem nos planos inferiores da vida.

Com efeito, aprendemos com Kardec que os Espíritos não têm sexo e ora se encarnam como homem ora como mulher, de acordo com suas necessidades evolutivas. É que lhes cumpre progredir em tudo e cada sexo, assim como cada posição social, lhes proporciona tarefas e situações diferentes, o que lhes dá o ensejo de ganharem múltiplas experiências. (*O Livro dos Espíritos, parte II, cap. IV, questões de nos. 200/2*)

Isto, que a alguns poderá parecer estranho, nada mais é que a confirmação do que ensinou Jesus ao dizer que nos planos sublimados da Espiritualidade "nem as mulheres têm maridos, nem os maridos têm mulheres, pois são como os anjos do céu." (Mat.: 22:30)

Claro que, enquanto encarnado cada sexo tem "deveres especiais", estabelecidos pela organização social em que vivemos.

Afora isso, manda a justiça que tudo o mais seja feito em comum ou observado por ambos com perfeita equidade, eis que o homem e a mulher são iguais perante Deus.

Apoiado na moral dupla estabelecida por ele mesmo, a seu favor, o homem de há muito se arroga o privilégio de ter experiências sexuais pré e extraconjugais, a pretexto de que sua constituição assim o exige.

Não é verdade.

A medicina e a psicologia moderna nos asseguram que o jovem solteiro pode perfeitamente esperar pelo casamento, mantendo sua castidade, sem correr o risco de perturbações neuróticas, desde que saiba e queira dominar o impulso sexual. Pode conseguí-lo, submetendo-se de moto próprio a uma disciplina do espírito e dos sentidos, ⁽¹¹⁾

Perigosas e prejudiciais à saúde do adolescente e do jovem, isto sim, são as experiências sexuais precoces e as excitações artificiais proporcionadas pela licenciosidade de costumes desta civilização em ocaso. Para o "alívio" de tensões

¹¹ (x) Ver, na II par e, o capítulo "Como formar para a vida sexual".

mais fortes, a natureza sabe como agir, provocando poluções noturnas, que são verdadeiras válvulas de escape. ⁽¹²⁾

Estas regras são válidas também para os casados que, por esta ou aquela circunstância, se vejam obrigados a conter-se, periodicamente. Evitar o adultério é um dever que se lhes impõe, não só por uma questão de dignidade pessoal, mas também pelo amor, fidelidade e respeito devidos à esposa e aos filhos.

P. — Com que fim é a mulher mais fraca fisicamente do que o homem?

R. — Para lhe determinar funções especiais. Ao homem, por ser o mais forte, os trabalhos rudes; à mulher, os trabalhos leves; a ambos o dever de se ajudarem mutuamente a suportar as provas de uma vida cheia de amargor.

P. — A fraqueza física da mulher não a coloca naturalmente sob a dependência do homem?

R. — Deus a uns deu a força, para protegerem o fraco e não para o escravizarem.

P. — As funções a que a mulher é destinada pela Natureza terão importância tão grande quanto as deferidas ao homem?

R. — Sim, maior até. É ela quem lhe dá as primeiras noções da vida."

¹² (5) Principalmente sobre as atividades masturbatórias, Cf. Wilhelm Stekel, *Cartas a Uma Mãe*, tradução supervisionada por F.M.J., Editora Mestre Jou, São Paulo, 1964, pp. 217 e ss.; Karl Abraham, *Teoria Psicanalítica da Libido — Sobre o Caráter e o Desenvolvimento da Libido*, Trad, de Cristiano Monteiro Oiticica, Imago Editora Ltda., Rio de Janeiro, 1970, pp. 57-58; 63; 69-71; D. W. Winnicott, *A Criança e o seu Mundo*, Trad, de Alvaro Cabral, Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1966, pp. 178; 243; 247; Donald Meltzer, *O Processo Psicanalítico da Criança ao Adulto*, Tradução, Notas e Prefácio de Walderedo Ismael de Oliveira, Imago Editora Ltda., Rio, 1971, pp. 39-40; 51; 89; 94; 123; 129; 146; Melaine Klein, Thaddeus H. Ames e outros, *A Psicanálise de Hoje — A Aproximação Moderna aos Problemas Humanos — Parte 1 — Psicologia da Infância e Adolescência*, Trad, de Elisa Dias Velloso, Imago Editora Ltda., Rio, 1970, pp. 96; 99; Melaine Klein, *Psicanálise da Criança*, Tradução de Pola Civelli, Editora Mestre Jou, São Paulo, 1969, pp. 83, 182, 104, 161, 279, 294; Richard Evans, *Conversaciones con Jung*, Trad, de Humberto Mesones Arroyo Ediciones Guadarrama, Madrid, 1968, p. 59; Melaine Klein, Susan Isaacs e outros, *A Educação de Crianças à Luz da Investigação Psicanalítica*, Trad, de Ana Mazur Spira, Editora Imago Ltda., Rio, 1969, pp. 31-32; 45-46; 49; 57-62; 104; 161; 172-173; Melaine Klein, *Contribuições à Psicanálise*, Trad, de Miguel Maillet, Editora Mestre Jou, São Paulo, 1970; Melaine Klein, Paula Heimann, R.E. Money-Kyrle, *Novas Tendências na Psicanálise*, Trad, de Alvaro Cabral, Zahar Editores, Rio, 1969, pp. 92; 151; 154; 158-161; 165; 286; 288; André A. Isteens, *A Masturbação na Adolescência*, Trad, do Pe. Angelo José Busnardo, Editora Herber, São Paulo, 1972.

"A lei humana, para ser equitativa, deve consagrar a igualdade dos direitos do homem e da mulher. Todo privilégio a um ou a outro concedido é contrário à justiça."

(Allan Kardec, "O Livro dos Espíritos", q.819 a 822)

E DE POSIÇÕES

O reajuste de conceitos sobre o valor da mulher implica, subsequentemente, a necessidade de um reajustamento também no que tange às obrigações domésticas. É ponto pacífico que, na divisão de responsabilidades do lar, incumbe ao homem, sobretudo, prover o sustento da família, orientá-la e protegê-la, usando a autoridade que lhe pertence, como chefe da sociedade conjugal.

Tão ou mais importante do que isso, a função precípua da mulher consiste em atender ao marido em suas precisões materiais e afetivas, criar e educar os filhos na primeira infância e fazer reinar ordem em casa, compreendida como tal não só o aspecto objetivo, mas também a integração harmoniosa de todos quantos vivem sob seu teto.

As condições atuais da vida citadina, principalmente nas metrópoles, está a exigir, porém, que, no arranjo entre o casal, seja levado em conta o seguinte:

Quando o homem é o único a trabalhar fora, como se dá na maioria dos casos, e, além das canseiras do serviço, ainda tem que tomar uma ou mais conduções coletivas para o retorno a casa, com os conhecidos problemas de fila, falta de lugar para viajar sentado, etc, o que lhe acarreta grande cansaço e terrível desgaste do sistema nervoso, não pode nem deve ser solicitado pela esposa, salvo em circunstâncias excepcionais, para a execução de quaisquer outros encargos domésticos.

Cabe a ela, outrossim, o dever de preparar o ambiente, de modo a assegurar-lhe o indispensável repouso para o reequilíbrio de suas forças psicossomáticas.

A mulher que, em semelhante hipótese, pretendesse impor ao marido a "obrigação" de ajudá-la na arrumação da cozinha, passar as fraldas do nenê, etc., mormente se lhe sobra tempo para cuidar disso, seria uma egoísta refinada e, diante da recusa dele, não teria razão nenhuma para queixar-se ou reclamar.

Dado, entretanto que ela, tanto quanto ele, trabalhe fora, ou exerça uma atividade lucrativa em seu próprio domicílio, com o intuito de auxiliar na cobertura das despesas e equilibrar o orçamento familiar, então, logicamente, será justo que as tarefas caseiras sejam repartidas de alguma forma ou que do rendimento de ambos se faça provisão para pagar a realização dessas tarefas por outra (s) pessoa (s).

Sim, porque daí a mulher é que não aguentaria desempenhar sozinha, por muito tempo, sem esgotar-se os encargos de sua carreira ou ofício e mais os de "dona de casa".

Nesta época de notável progresso tecnológico, em que as máquinas passaram a

realizar quase todas as operações, que, nas indústrias, exigiam força muscular e, nos escritórios, esforço mental, grande parte dos homens bem que poderia ajudar as companheiras, nos quefazeres da vida familiar, sem que isso lhes custasse o menor sacrifício.

Quando a prole é numerosa e a mulher não tem empregadas para nada, chega a ser cruel e desumano que o marido a veja esfalfar-se de tanto trabalhar, sem mover uma palha para ajudá-la, por causa do velho, mas estúpido preconceito de que seria vexatório para o homem ocupar-se de lides supostamente femininas, quando a verdade é que a maior ou menor aptidão para os serviços caseiros é questão de diferença individual e não de sexo. Haja vista quantos bons cozinheiros, decoradores e faxineiros existem por aí.

Cuidar do abastecimento da cozinha, encarregando-se das compras de açougue, panificadora, mercearia, quitanda e outras; preparar ou esquentar mamadeiras; vassourar a casa (apartamento) ou passar-lhe o esfregão; enxugar a louça; carregar um pouco o bebê; atender à porta, etc, constituem formas de colaboração que o marido, sempre que necessário, pode oferecer à mulher, sem quebra do respeito próprio, com o que lhe granjeará maior estima e... afetuoso reconhecimento.

O homem precisa compenetrar-se, por outro lado, de que sua esposa, como ser humano que é, mesmo depois do casamento conserva intacta e intangível sua liberdade de consciência, cabendo-lhe, portanto, exercer sem peias todas as prerrogativas de pessoa que a lei civil lhe outorga, salvo aquelas restrições decorrentes do contrato matrimonial.

Destarte, nada de querer coagí-la a votar neste ou naquele candidato a cargo eletivo, nem de exigir-lhe conformidade incondicional em questões de foro íntimo, pois seus deveres de deferência, lealdade e submissão para com o marido não chegam a tanto.

"O homem e a mulher nasceram para funções diferentes, mas complementares. No ponto de vista da ação social, são equivalentes e inseparáveis."

(Léon Denis, "No Invisível", cap. VII)

O LAR É MAIS IMPORTANTE DO QUE A CASA

A confusão que certas esposas fazem entre "casa" e "lar", e a maior importância que dão à primeira, em detrimento do segundo, é mais uma causa que costuma influir bastante na harmonia dos cônjuges.

"O lar são as pessoas da família e não as paredes da casa", disse alguém, com muito acerto.

E são essas pessoas que devem merecer da mulher o máximo de seu amor, carinho e devotamento, para que seu casamento seja bem sucedido, e não propriamente a

residência.

Invertendo a hierarquia de valores, esposas existem que "se matam" de canseira, no afã de limpar, arrumar e enfeitar a casa, deixando-a um primor. O assoalho, brilhando como um espelho; sobre os móveis, nem um grão de poeira; o teto, sem um fiapo sequer de teia de aranha. Na cozinha, nada de picu- mã pelas paredes, nada engordurado, nada de sujeira nas panelas e demais utensílios. Tudo tão limpinho, que dá gosto ver. Em cada cômodo, todas as peças no devido lugar e arrumadas com "aquele" capricho. Nenhum senão. A decoração, igualmente impecável.

Esquecem-se, entretanto, de oferecer aos maridos a menor solicitude, tratando-os com uma tal desconsideração que, não poucos, chegam a sentir-se, ali, como estranhos, senão mesmo como hóspedes indesejáveis.

Há senhoras, também, que chegam ao cúmulo de "proibir" que os maridos fumem na sala (para que não derrubem cinza no tapete), que se recostem na cama, depois do almoço, para um breve descanso (a fim de que não amarrotem a colcha), ou que encham um copo com água fora da pia (para evitar que caiam respingos no chão), etc., etc., impedindo, assim, que eles se sintam à vontade.

Outras, então, recebem tão mal os seus (deles) amigos e parentes que, receosos de passarem por vexames ainda maiores, nunca mais se "atrevem" a convidar quem quer que seja para visitá-lo.

Não pretendemos, com o que ficou dito acima, fazer a apologia do desmazelo, do desasseio e da falta de senso artístico. Longe disso. Uma casa limpa, arrumada e decorada com estética só pode contribuir para a alegria, o bem-estar e o comprazimento das pessoas que a habitam.

O que achamos é que os cuidados com a casa não devem ser tão absorventes, a ponto de as esposas não poderem arrumar-se e apresentar-se aos maridos com aquela aparência charmosa que tinham nos tempos de noivado dando-lhes o prazer de sua atenção e de sua companhia, nem levados ao extremo de tirar-lhes a liberdade a que têm direito, pois, afinal, o domicílio é deles, também.

Por outro lado, ninguém pense que não estejamos de acordo em que os maridos devam concorrer para a conservação da limpeza e boa ordem do lugar em que vivem, mas daí a interditar-lhes o desfrute daquelas comodidades, que eles tanto apreciam, a diferença é muito grande.

Reconhecemos, igualmente, que não seria razoável franquearmos nossa morada a todo mundo, de modo a transformá-la numa espécie de repartição pública ou de pensão, pelos transtornos que isto ocasionaria à vida familiar. É inadmissível, porém, que o chefe da casa não possa receber pessoas de suas relações para um dedo de prosa, ou membros de sua parentela, para a permanência de alguns dias, sem correr o risco de ser envergonhado pela atitude grosseira ou hostil de sua "cara metade".

O resultado dessas descortesias, imposições e falta de tato da parte das esposas é que os maridos acabam desertando, indo procurar, em outros ambientes e com outros comparsas, aquilo que lhes é negado em sua própria casa.

O objetivo deste capítulo não é verberar o comportamento alheio pois cada qual tem o seu livre arbítrio e dá à sua vida o rumo que lhe pareça melhor. Move-nos, apenas, o desejo sincero de apontar,^ casais inexperientes, mais alguns empecilhos que podem dificultar-lhes o encontro com a felicidade.

"O lar é como se fora um ângulo reto nas linhas do plano da evolução divina. A reta vertical ê o sentimento feminino, envolvido nas inspirações criadoras da vida. A reta horizontal ê o sentimento masculino, em marcha de realizações no campo do progresso comum. O lar é o sagrado vértice onde o homem e a mulher se encontram para o entendimento indispensável. É templo, onde as criaturas devem unir-se espiritual antes que corporalmente." "O homem deve aprender a carrear para o ambiente doméstico a riqueza de suas experiências, e a mulher precisa conduzir a doçura do lar para os labores ásperos do homem. Dentro de casa, a inspiração; fora dela, a atividade. Uma não viverá sem a outra."

(Francisco Cândido Xavier, André Luiz, "Nosso Lar," cap. 20)

O PROBLEMA FINANCEIRO

"Uma choupana, o luar e você", diz toda (o) jovem enamorada (o), "é quanto me basta para ser feliz." Depois do casamento, porém, começa a compreender que para a manutenção do lar faz-se necessário algo mais além do amor: o dinheiro. Não por ele, em si, mas pelas coisas indispensáveis à subsistência, que, sem ele, não se podem adquirir.

É da maior ou menor quantidade de dinheiro que se ganhe com regularidade que vai depender o conforto da morada e o padrão de vida da família.

Por conseguinte, as questões financeiras precisam e devem ser analisadas e discutidas com toda a lealdade, antes do casamento e depois dele, pois do contrário surgirão fatalmente, gravíssimos desentendimentos, pondo em risco a paz e a integridade familiar.

É o que acontece, p.ex., quando a mulher se casa sem saber das possibilidades do marido e depois demonstra não estar satisfeita com aquilo que lhe é proporcionado.

Se ele for de boa índole, poderá esforçar-se um pouco mais, trabalhar horas extras ou arranjar um "bico" afora o emprego, e tudo ficará bem.

Se for, entretanto, de mau gênio, o mais provável é que se revolte e a acuse de incontestável, gastadei- ra, de estar com inveja de amigas ou vizinhas, etc..

Por outro lado, se a mulher se dispõe a exercer também uma atividade profissional, seja para equilibrar o orçamento doméstico, seja para aumentar o rendimento do casal, de sorte a possibilitar a compra de casa própria, automóvel e

coisas assim, isto tem que ser bem considerado e pesado para que, depois, ele não venha a queixar-se de que ela não esteja cuidando devidamente de seus deveres de esposa e dona de casa, nem ela possa colocar-se na situação de vítima dele, etc..

Dado, ainda, que a esposa tenha sido criada num ambiente de luxo e riqueza, bem superior ao que veio a ter com o casamento, e, não se acostumando com a nova condição, deixe transparecer seus sentimentos, o marido, constrangido, poderá aceitar a ajuda dos sogros, quando feita com largueza de ânimo, mas se isto se fizer de forma acintosa ou indelicada, e ele for pessoa de brio, tal humilhação abalará, na certa, a harmonia conjugal.

Quaisquer que sejam as condições econômicas do casal, será conveniente que seja estabelecido, em conjunto, como serão feitas as provisões para as despesas comuns e as de cada cônjuge, quem responderá pela "tesouraria" da casa, etc.

A falta de combinação em assunto tão explosivo constitui-se uma fonte perene de desgosto, que deve ser estancada desde os primeiros dias do casamento.

Há maridos que fazem questão de controlar, centavo por centavo, os gastos da família, exigindo das esposas a mais severa prestação de contas do numerário que lhes fornece.

Outros, ao contrário, entregam-lhes o envelope de pagamento, intacto, confiando-lhes a administração integral das finanças familiares.

Quer-nos parecer, entretanto, que o melhor mesmo é a divisão de responsabilidade: a mulher fica com "x" para a cobertura de umas tantas necessidades da economia doméstica, e o marido com "y" para que cuide disto e mais aquilo podendo, para isso, manter conta bancária conjunta.

Este sistema, por sinal é o mais usado nos tempos modernos, apresenta, entre outras as seguintes

vantagens:

- a) confere relativa autonomia a ambos os cônjuges;
- b) acaba ou pelo menos diminui as desconfianças de que um esteja malgastando ou guardando dinheiro, à revelia do outro;
- c) fá-los aprenderem a graduar os dispêndios de acordo com as quantias de que disponham.

Quando haja sobras, é de boa política que a decisão de como aplicá-las seja tomada também em comum acordo. Se houver divergência que se atenta, proporcionalmente, ao ponto de vista de cada um. Isto evitará que, sendo um só o que resolve tais problemas, se mal sucedido, venha a ser alvo de críticas e recriminações do outro. ⁽¹³⁾

¹³ (6) Cf. W. R. Bion, *Experiências com Grupos — Os fundamentos da Psicoterapia de Grupo*, Tradução e Prefácio de Walderedo Ismael de Oliveira, Imago Editora Ltda., Rio, 1970, p. 98; Karen Horney, *Afossos Conflitos Interiores — uma teoria construtiva das neuroses*, Tradução de Octavio Alves Velho, terceira edição,

"Remontando-se à origem dos males terrestres, re- conhecer-se-á que muitos são consequência natural do caráter e do proceder dos que os suportam. Quantos homens caem por sua própria culpa! Quantos são vítimas de sua imprevidência! Quantos se arruinam por falta de ordem, de perseverança ou por não terem sabido limitar seus desejos."

(Allan Kardec, "O Evangelho segundo o Espiritismo," cap. V, n.o 4)

PREVENINDO DECEPÇÕES

Os jovens de índole sonhadora, dados à leitura de novelas e romances de amor, que se casam muito cedo, portanto sem a necessária maturidade, correm um sério perigo: o de se decepcionarem com o casamento.

Isto porque a vida matrimonial, por melhor que seja, é bem diferente daqueles conceitos irrealistas e romanescos que essa espécie de literatura sói inculcar-lhes na mente.

Bom é, pois, que os nubentes não alimentem uma expectativa demasiado otimista acerca das relações conjugais, para que, ao enfrentarem a realidade, não venham a sofrer uma série de decepções, isto é, não venham a sentir-se logrados ou malogrados em seus anseios de felicidade.

No que tange ao exercício do sexo, precisam saber que passado o frenesi da lua-de-mel, será muito natural haja um espaçamento rítmico entre uma e outra cópula, o que não deverá ser interpretada como uma diminuição do amor conjugal, mas, pelo contrário, como uma sábia manifestação das leis da vida, já que os excessos, neste terreno, além de depreciarem tão importante elemento do matrimônio, poderiam ocasionar o desequilíbrio das forças psicossomáticas do casal ⁽¹⁴⁾

Também os arroubamentos do noivado e das primeiras fases do casamento tendem

Editora Civilização Brasileira, S.A.: Rio de Janeiro, 1966, p. 133; Erich Fromm, *Psicanálise da Sociedade Contemporânea*, Tradução de L.A. Bahia e Gianose Rebuá, quarta edição, Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1965, pp. 134-135; Alfred Adler, *A Ciência da Natureza Humana*, Trad. de Godofredo Rangel e Anísio Teixeira, 6a. edição, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1967, p. 196; Marshall D. Sahlins, *Sociedades Tribais*, Trad. de Yvonne Maggie Alves Velho, Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1970, p. 136.

¹⁴ (7) Cf. as obras de Wilhelm Reich *Analysis of Character*, por exemplo e as principais estudadas em nosso País pelo Dr. Alberto Lyra em seu livro *Mente ou Alma? — Ensaios de Psicologia Moderna e Parapsicologia*. Edição do Autor, 1961; William H. Masters e Virgínia Johnson, *Incompetência Sexual*; Wilhelm Stekel, *Impotência Masculina*, Tradução de M. Matthieu, Editora Mestre Jou, São Paulo, 1967; Dr. Edwin W. Hirsch, *O Poder de Amar*, Tradução de M. Modiano, Edições de Ouro, MCMLXII.

a "esfriar" pouco a pouco, sendo normal, igualmente, que as carícias eróticas venham a ceder lugar a uma outra espécie de carinho, menos esfuziante, sem dúvida, mas valorizado pelo cunho da amizade.

A convivência mais íntima poderá, ainda, desvendar alguns senões dos dotes físicos, bem assim certas maneiras prosaicas de um e de outro, fazendo com que a admiração recíproca seja um tanto abalada; mas, em compensação, quantas alegrias e que deliciosos momentos oferece uma vida a dois, quando os gênios se compatibilizam e as almas se fusionam harmoniosamente!

A rotina de uma casa, com suas monótonas obrigações diárias, a horas certas, pode, a seu turno, não ser muito estimulante; entretanto, forçoso convir em que pior, bem pior, seria não ter um lar próprio com as inúmeras vantagens que ele oferece.

Não raro, o marido, para quem o dever tem foros de lei, preferirá privar-se do aconchego familiar a deixar de cumprir uma tarefa profissional determinada pelo chefe, ou mesmo uma incumbência livremente aceita por seu ideal de servir, o que dará a "ela" a (falsa) impressão de que "ele" já não se compraz em sua companhia; com o tempo, todavia, a melhor compreensão das coisas fa-la-á reconhecer que essa maneira de ser dele, longe de ser um defeito, é mais uma das boas qualidades que lhe exomam o caráter. Dia virá, por outro lado, em que a esposa, promovida a mãe, mostrar-se-á tão absorvida nos cuidados com o neném que o marido se sentirá "sobrando".

Poderá, então, julgar-se roubado em seus direitos; as experiências da vida, entretanto, fá-lo-ão aceitar de bom ânimo essa atitude da companheira, na certeza de que não lhe perdeu o afeto: apenas teve que re-partí-lo com o filho, cedendo a este boa parte das atenções carinhosas que antes eram somente suas. Doenças poderão sobrevir, trazendo preocupações, impondo uma sobrecarga de trabalho, ou exigindo o sacrifício de noites mal dormidas, etc. Mas quem se casa deve estar preparado (a) para enfrentar esses maus momentos, eis que uma das cláusulas do contrato matrimonial estabelece sejam os esposos solidários entre si não apenas no regozijo e na prosperidade, mas principalmente na enfermidade e na aflição-

Por tudo isso e outras peças desagradáveis com que possam ser surpreendidos, é muito importante que os cônjuges adquiram a capacidade de superar decepções, cultivando o hábito de fixar suas vistas e focalizar sua atenção naquilo que as coisas e as pessoas que os cercam tenham de bom e de belo, pois a felicidade de cada um depende muito da mira que dê a seus olhos e da direção que imprima a seus pensamentos.

"Dificuldades? Não perca tempo, lamuriando. Trabalhe.

Incompreensões? Não busque torná-las maiores, através de exigências e queixas. Facilite o caminho.

Tristezas? Afastese de qualquer disposição ao desânimo. Ore abraçando os

próprios deveres.

Desilusões? Por que debitar aos outros a conta de nossos erros? Caminhe para a frente, dando ao mundo e à vida o melhor ao seu alcance.

Doenças? Evite a irritação e a inconformidade. Raciocine nos benefícios que os sofrimentos do corpo passageiro trazem à alma eterna.

Fracassos? Não acredite em derrotas. Lembre-se de que, pela bênção de Deus, você está agora em seu melhor tempo, — o tempo de hoje, no qual você pode sorrir e recomeçar, renovar e servir, em meio de recursos imensos."

(Francisco Cândido Xavier, André Luiz, "Coragem," cap. 8)

A CAPACIDADE DE PERDOAR

A bem da felicidade comum, cada um dos cônjuges precisa sacrificar um pouco de seu "eu" para que o "nós" se fortaleça e se tome cada vez mais agradável.

E a primeira coisa que deve ser cultivada, de parte a parte, para que isso aconteça, é o dom de perdoar.

Atritios, discussões, mal-entendidos, etc, são episódios até certo ponto normais na vida de um casal e, se não houver compreensão e tolerância recíprocas, no sentido de minimizá-los e superá-los, o lar acabará deixando de ser um reduto de amor, de paz e de alegria, para transformar-se em campo de beligerância, fria ou quente, mas, de qualquer maneira, deprimente e deplorável.

O drama da maioria dos lares não reside na escassez de recursos econômicos. Reside, isto sim, na dificuldade de inter-ligação harmoniosa dos esposos, provocada, quase sempre, pelo orgulho. Orgulho que impede a cada um de fazer uma justa apreciação de seus defeitos pessoais, negando-os ou transferindo-os para o parceiro.

Possuíssem, ambos, um pouquinho de humildade espiritual, o suficiente para perceberem que ninguém é perfeito neste mundo, que cada um de nós carece adquirir ainda determinadas qualidades e todos nos ressentimos de alguns aspectos caracterológicos desagradáveis, e não haveria tantos antagonismos irreduzíveis nas relações familiares.

Se houvesse, também, em cada lar, um mínimo de evangelização, conheceriam os esposos estas preciosas máximas de Jesus: "Bemaventurados os misericordiosos, porque eles alcançarão misericórdia." — "Se perdoardes aos outros as faltas que cometerem contra vós, também vosso Pai Celestial vos perdoará os pecados, mas se não lhes perdoardes quando vos tenham ofendido, tampouco vosso Pai Celestial vos perdoará." (Mat., 5:7 e 6:14-15)

E saberiam que ser misericordioso é acima de tudo, suportar cristãmente as faltas e fraquezas daqueles que nos rodeiam, revelar os agravos que nos façam e não lhes guardar ressentimentos, perdoadando-os de coração.

Saberiam, mais, que esse perdão não deve ser concedido apenas em uma ou duas ocasiões, mas "setenta vezes sete vezes" (Mat., 18:21-22), isto é,

indefinidamente; que precisa ser sincero e não apenas de lábios, compreendendo o esquecimento absoluto das ofensas; e que não se trata de virtude para ser usada somente com "os de fora", mas principalmente intramuros, com o "próximo" que nos esteja mais próximo.

Ótimo seria se, cada vez que um dos cônjuges se julgasse desconsiderado ou ofendido, ao invés de partir para o revide, as pirraças e coisas que tais, evocasse a figura serena do Nazareno, dirigindo-se aos que intentavam lapidar a mulher adúltera: "Aquele dentre vós que estiver sem pecado, atire a primeira pedra." (João, 8:7)

Isto os ajudaria a se perdoarem mutuamente, como convém que o façam, porque, através desses exames de consciência, haveria de ficar evidenciado que se "ela" tem razões para não gostar de certos modos dele, como p. ex., ser "gritão", implicante ou fanático por futebol, "ele", a seu turno, pode não estar nada satisfeito com alguns costumes dela, tais como dizer invariavelmente "não" aos seus convites e sugestões, gastar tanto dinheiro em cosméticos e futilidades da "moda", ou deixar que os trens de cozinha se amontoem na pia, para serem lavados e guardados no dia seguinte, etc.

Seria de bom alvitre, ainda, que, nos maus momentos, cada cônjuge comparasse o objeto de seu desgosto com as boas coisas que tem recebido do "outro", procurando avaliar como se sentiria, privado delas.

Estamos certos de que, na maioria dos casos, o lado positivo do companheiro haverá de "pesar" mais, na balança da felicidade.

E se é assim, por que não aumentar as horas doces e suaves da vida conjugal, aprendendo a ser menos briguento e mais perdoador? ⁽¹⁵⁾

"O verdadeiro caráter da caridade é a modéstia e a humildade, que consistem em ver cada um apenas superficialmente os defeitos de outrem e esforçar-se por fazer que prevaleça o que há nele de bom e virtuoso."

(Allan Kardec, "O Evangelho segundo o Espiritismo," cap. X, n.o 18) "Pode-se ser caridoso, mesmo com os parentes e com os amigos, sendo uns indulgentes para com os outros, perdoadando-se mutuamente as fraquezas."

(Allan Kardec, "O Evangelho segundo o Espiritismo," cap. XVI, n.o 14) nismo, quase sempre com o uso de monossílabos: *sim, não, vou, sei, é*, etc.; às vezes, através de simples interjeições: *ah!, eh!, ih!, oh!, hum!*, ou com um surdo movimento de ombros. "Falando, a gente se entende", sentença antigo provérbio popular.

E é mesmo.

Pode acontecer que, no ardor de uma discussão marido e mulher se desavenham,

¹⁵ (8) Não propriamente dentro do presente contexto, mas numa situação em que p verbo perdoar ganha conotações Inimagináveis, recomendamos a leitura do capítulo 12 da obra *Marital Infidelity*, de Frank S. Caprio, traduzida no Brasil por Ay dano Arruda e publicada, em 1967, pela Instituição Brasileira de Difusão Cultural S.A. —* IBRASA —, São Paulo, além do trabalho "Juntos até que a morte nos separe?", (*in* "Suplemento Feminino de O Estado de S. Paulo", de 18-4-71.

dando a impressão de que fora melhor terem ficado calados. Puro engano. Se estiverem habituados a dialogar, em breve terão oportunidade de esclarecer melhor a questão em que divergiram, voltando o ambiente a desanuviar-se, sem maiores consequências.

Evitar as batalhas de opinião com o propósito de garantir a paz doméstica é estagnar-se mentalmente, provocando o esvaziamento das relações matrimoniais. Melhor, muito melhor que acordo frio, assente no medo de tomar posição, discutir conceitos, refutar inverdades, etc, é a divergência declarada (tanto quando possível polida), pois evita os recalques e as frustrações.

As desinteligências mais danosas à felicidade conjugal, — dizem-no os que se dedicam a pesquisas nesse campo — não se originam de debates francos e acalorados, nem mesmo das acusações e queixas fundamentadas que, vez por outra, os esposos se façam, ainda que isto possa provocar explosões de ira e reações hostis.

Ao contrário, resultam de "hiatos de silêncio, de reproches informulados, de mudas recriminações", que impedem a liberação dos sentimentos e a consequente tranquilidade interior.

Não se confunda, todavia, comunicação com "fofocas", com lamúrias, nem com o mau vezo de certas senhoras que, mal os maridos põem os pés em casa, ao término de árdua jornada de trabalho, entram a azucrinar-lhes os ouvidos com o relatório cansativo e irritante de tudo quanto aconteceu durante o dia, cõm as crianças, a empregada, os fornecedores, etc.

Menos ainda com as críticas constantes e maldosas, quais as do marido para a mulher:

- Você é uma desajeitada; nunca fará minhas camisas tão bem como mamãe as fazia.
- Você precisa adquirir um pouco de cultura, pois sua ignorância me envergonha.
- Quando é que você vai aprender a vestir-se, deixando de usar esses vestidos espalhafatosos e horríveis?

Ou as da mulher para o marido:

- Como cidadão, você é excelente pessoa, mas como marido é um fracasso'
- Você é um grosseiro! Ai que saudade do tempo em que eu vivia com minha família!
- Você é um sovina de marca maior! Com o dinheiro que dá em casa, se eu não "me virasse", trabalhando pra fora feito uma burra...

Diante do que ficou dito acima, talvez nos perguntem:

- Não se pode, então, "corrigir" os defeitos do outro?
- Claro que sim. É até um dever imposto pela caridade. Mas de outro jeito, aplicando a "psicologia".

Os ataques frontais e as comparações deprimentes, ainda mais em presença de outrem, só servem para envenenar o espírito, provocar revolta e destruir afetos.

É difícil, difícilíssimo, saber-se não-aceito, ser reprovado a todo instante, e conservar o amor por quem nos (mal) trata assim.

"O sublime amor do altar doméstico anda muito longe, quando os cônjuges perdem o gosto de conversar entre si."

(Francisco Cândido Xavier, André Luiz, "Nosso Lar", cap. 20)

A TÉCNICA DO INCENTIVO

Não é preciso possuir nenhum dom nem conhecimentos especiais para constatar que a vaidade e o orgulho são dois sentimentos dos mais comuns entre quantos possam aninhar-se no íntimo das pessoas.

E são eles que, maior número de vezes, provocam o estremecimento das relações entre marido e mulher.

É que, na convivência diária, já o dissemos, as fraquezas e imperfeições de cada um acabam por revelar-se, dando margem a uma série de decepções recíprocas e, ao sofrerem o impacto dessas revelações, nem um nem outro têm a delicadeza de desculpá-las ou a superioridade de suportá-las, pacientemente. Na primeira oportunidade, lançam-se em rosto observações acres sobre os defeitos que se descobriram, chegando até a depreciar-se publicamente.

As consequências, todos o sabem. Sentido-se "desmascarados", nenhum dos dois terá interesse ou estímulo para modificar-se, passando ambos a dar livre curso às explosões do mau gênio.

Pois bem. Comprovados que estão os péssimos efeitos dessa maneira de agir, por que não mudar de tática?

Experimente o cônjuge mais inteligente não mais espicaçar e sim utilizar a vaidade do outro, empregando a técnica do incentivo, e verá, então, quanto isso poderá render em benefício da harmonia familiar.

Consiste essa técnica em elogiar as habilidades e os traços positivos do (a) companheiro (a), em toda e qualquer circunstância: a sós com ele (a), diante de terceiros, com a sua presença ou sem ela.

Fazê-lo, entretanto, com a maior sinceridade, visando ressaltar o que ele (ela) realmente tenha de melhor, ainda que se trate de pequenas virtudes domésticas* Sabendo-se valorizado (a), ele (ela) não só cuidará de manter o cartaz, evitando qualquer deslize que possa comprometê-lo (a), como procurará tomar-se cada vez mais digno (a) desses elogios, esforçando-se por adquirir ou desenvolver outros bons predicados

de que ainda se ressinta.

Neste último caso, pode-se ajudá-lo (a) com estímulos apropriados, como, p. ex., dizer-lhe:

— Você, ontem, me desgostou um pouco com tal ou qual atitude. Sei que foi por

causa de um ligeiro descontrole de seu sistema nervoso, devido ao excesso de trabalho (ou sem intenção de magoar-me, pois estou certo (a) de que me estima) e por isso acredito que não vai acontecer mais. Aliás, você é tão bom (boa) para mim, possui tantas qualidades que me agradam e me fazem feliz, que esse episódio não diminuiu, um tiquinho sequer, minha admiração por você.

Essa forma de corrigir o (a) companheiro (a), exatamente por ser a mais cristã, ou seja, a mais conforme com a ciência de bem viver, é também a mais eficiente, chegando a produzir verdadeiros "milagres".

A mesma técnica pode e deve ser empregada, também, no sentido de despertar aptidões latentes, vencendo inibições e excesso de modéstia ou timidez.

Em lugar das costumeiras invectivas:

— Você é mesmo um (a) palerma... não dá para nacla...

Quem nasceu para empregado, nunca chegará a patrão...

Acrescidas de:

— Em seu lugar, eu...

— Fulano, sim, é que é formidável...

— Desista... não adianta insistir...

trate o marido ou a mulher de encorajar o cônjuge, exortando-o assim:

— Francamente, não esperava que logo na primeira vez você se saísse tão bem.

Continue...

— Se outros venceram esses obstáculos, você também vai vencê-los com um pouco mais de esforço, porque capacidade não lhe falta.

— Você, em pouco tempo, conseguiu subir mais do que muita gente. Parabéns!

(Semelhante técnica poderá ser aplicada também com os filhos, mutatis mutandis, quando eles chegarem.

Quando um dos cônjuges se mostre contrariado ou deprimido porque algo desagradável lhe aconteceu fora de casa, será de boa praxe que o outro demonstre compreender o seu estado de ânimo e lhe manifeste solidariedade. Não se deixe envolver, porém, em suas vibrações negativas; ao contrário, procure mudar-lhes o teor, desanuviando o ambiente com efusões de alegria, de entusiasmo e de fé, porque assim é que a vida deve ser vivida.

"A caridade sublime, que Jesus ensinou, também consiste na benevolência de que useis sempre e em todas as coisas para o vosso próximo.

Podeis ainda exercitar essa virtude sublime, dirigindo-lhe palavras de consolo, de encorajamento, de amor."

(Allan Kardec, "O Evangelho segundo o Espiritismo," cap. XI, n.o 14)

"Não estamos na obra do mundo para aniquilar o que é imperfeito, mas para completar o que se encontra inacabado."

(Francisco Cândido Xavier, Emmanuel, "Vinha de Luz", cap. 32)

AS VARIAÇÕES DE HUMOR

É fato da observação comum que todos nós, homens e mulheres, passamos, periodicamente, por variações de humor.

Na fase de eutimia, sentimo-nos em paz com nós mesmos e com o mundo, encaramos os acontecimentos da vida com otimismo, experimentamos prazer em comunicar-nos com os outros, damos expansão à alegria que nos vai pela alma, demonstramos possuir coragem suficiente para enfrentar quaisquer dificuldades, somos capazes de revelar as coisas desagradáveis que nos aconteçam, e assim por diante.

Já no período de atimia, sentimo-nos desajustados no ambiente de trabalho e até em nosso próprio lar, não queremos conversa com ninguém, não achamos graça em nada, aborrecemo-nos com tudo e com todos, tornamo-nos irascíveis e intolerantes, pequenas contrariedades se nos afiguram de proporções exageradas, nossos ideais mais caros se amesquinham, chegando, por vezes, até à perda do interesse de viver.

Algumas pessoas, mais estáveis, quase não o demonstram, porque mesmo nos momentos de euforia nunca se mostram hilariantes, assim como nas fases depressivas não chegam a ficar macambúzias.

Mas, em que pese esse aparente equilíbrio humoral, vez por outra deixam transparecer, também, estarem um pouco mais alegres, ou tristes, do que em seu estado de ânimo habitual.

Em outras, essas variações ocorrem tão amiúde, e com uma tal intensidade, que fazem lembrar os casos de dupla personalidade. Passam, de súbito, da vivacidade para a depressão, e vice-versa, o que dificulta sobremaneira se tenha com elas um procedimento espontâneo. Precisa-se "estudar" sempre o que dizer-lhes e como agir com elas, porque uma brincadeira inocente, recebida de bom grado em determinadas condições de humor, pode, em outras, provocar melindres.

Pessoas existem, ainda, em que essas mudanças obedecem a ciclos mais ou menos regulares. É sabido, p.ex., que as mulheres, em sua maioria, tornam-se melancólicas e/ou irritadiças no período menstrual, depois do que adquirem, de novo, suas melhores disposições de espírito.

Estudos bem fundamentados provam que é nessas fases de abatimento que os cônjuges se indispõem mais seriamente, separam-se, propõem-se ação de desquite, culminando, não raro, com atos de violência contra si mesmos ou contra terceiros.

É de toda conveniência, portanto, que os esposos aprendam a discernir esses ciclos temperamentais, no outro e em si mesmo.

No outro, para desculpar-lhe os amuos, os azedumes, os "contras", as impertinências, etc., na certeza de que em breve isso passará, e tudo voltará às boas. Em si mesmo, para ter o cuidado de não tomar nenhuma atitude mais

drástica, da qual, depois, muito terá que arrepender-se.

É preciso que cada um dos cônjuges, ao perceber o mau-humor do outro, procure amenizar a situação, evitando, a todo custo, agastar-se também, para não suceder que, duplicado, esse mau sentimento faça a casa ir pelos ares.

Um dos meios mais eficazes para dominar a depressão consiste em cultivar o bom-humor, adquirindo o hábito de ver o lado alegre das coisas, a exemplo daquele cidadão que costumava dizer: "Quando você estiver aborrecido, pense assim: que se passa comigo? Se estou bem de saúde, não há motivo para aborrecer-me. Se, porém, estou doente, de duas uma: ou vou-me curar ou vou morrer. Se vou-me curar, não há porque entristecer-me. E se vou morrer, de duas uma: ou vou para o céu ou vou para o inferno. Se vou para o céu, obviamente, não há razão para sentir-me acabrunhado. E se vou para o inferno, irei encontrar, lá, tanta gente conhecida, tantos amigos e parentes que, só o cumprimentá-los, vai tomar todo o meu tempo fazendo esquecer-me daquilo que me aborrecia." (16)

Outro, de grande valor terapêutico, é buscar a companhia de pessoas animadas e interessantes, dessas, em cuja presença ninguém consegue deixar de rir, ou pelo menos de sorrir. Sua verve e seus ditos jocosos acabarão por modificar inteiramente nosso estado de espírito, fazendo com que desapareçam os vincos de nossa testa e o nosso semblante perca aquele aspecto "de quem comeu e não gostou", tão desagradável aos que têm de lidar conosco.

Lembraremos, por último, mais um excelente antídoto para a tristeza: o canto.

Diz um conhecido provérbio: "Quem canta, seus males espanta." E é verdade. A princípio, a tendência será para cantarmos músicas tristes, em consonância com nosso estado de alma, mas as vibrações harmoniosas dessa arte tão bela irão elevando, aos poucos, nosso tônus vibratório, de sorte que, ao cabo de alguns minutos, sem que nos apercebamos de quando nem como, as alegres sonoridades de nosso cantar darão o testemunho de que a tranquilidade voltou a fazer morada em nosso coração

"O discípulo fiel sabe que possui deveres a cumprir em todos os instantes da existência. Alcançando semelhante zona de compreensão, conhece o segredo da paz em Jesus, com o máximo de lutas na Terra. Para ele continuam batalhas, atritos^ trabalhos e testemunhos no Planeta, entretanto, nenhuma situação externa lhe modifica a serenidade interior, porque atingiu o luminoso caminho da tranquilidade fundamental."

¹⁶ (9) A nosso ver, mesmo nos casos de depressão acentuada, nos quais se Impõe a medicação clássica, a melhor forma de superar qualquer experiência difícil continua sendo a vivência resultante da compreensão destas palavras de Allan Kardec: "Frequentemente, o homem não é infeliz senão pela importância que liga às coisas deste mundo, É a vaidade, a ambição e a cupidez frustradas que fazem sua infelicidade. Se ele se coloca acima do círculo estreito da vida material, se eleva seus pensamentos até o infinito, que é a sua destinação, as vicissitudes da Humanidade lhe parecem, então, mesquinhas e pueris, como as tristezas de uma criança que se aflige com a perda de um brinquedo que representava a sua felicidade suprema." (O *Livro dos Espíritos*, n.o 933) Cf., ainda, O *Evangelho Segundo o Espiritismo*, Cap. XII, 4.

(Francisco Cândido Xavier, Emmanuel, "Vinha de Luz, cap. 155)

"Quanto te seja possível, suporta a esposa incompreensiva e exigente, ainda mesmo quando surja aos teus olhos por empecilho à felicidade.

Quanto estiver ao teu aleanee, tolera o companheiro áspero ou indiferente, ainda mesmo quando compareça ao teu lado, por adversário de tuas melhores esperanças.

Não há purificação sem humilhamento, como não há metal acrisolado sem cadinho esfogueante." (Francisco Cândido Xavier, Emmanuel, "Coragem," cap. 22)

MECANISMO DE IRRADIAÇÃO

Existe em todos nós uma tendência para transferir nossas cargas emotivas contra situações ou pessoas que nada têm a ver com elas, tendência essa que, em Psicologia, passou a chamar-se mecanismo de irradiação, ou transferência. ⁽¹⁷⁾

Exemplos:

Certo rapaz tentava resolver um difícil quebra-cabeça enquanto a irmã espanava os móveis, cantarolando baixinho. Ao cabo de meia hora, desenhado por não ser capaz de encontrar a solução, ao invés de reconhecer sua pouca vivacidade mental, gritou para ela que calasse a boca, pois sua cantoria o estava impedindo de raciocinar.

Um senhor trabalhava no conserto de uma peça, tendo ao lado o filho, que, curioso, observava com muita atenção todos os seus movimentos, sem entretanto dizer palavra. Em dado instante, ao desferir um golpe de martelo, errou o alvo e feriu-se. Foi quanto bastou para que, irritado, enxotasse o garoto dali, dizendo-lhe que deixasse de estorvá-lo.

Muito comum, também, que um operário, maltratado pelo chefe e não podendo responder-lhe à altura, nem vingar-se dele, por medo de perder o emprego, ao voltar para casa "descarregue" seu aborrecimento na família, tratando-a com brutalidade; ou que a patroa, enfezada com o marido por este haver-lhe negado, à hora do almoço, o dinheiro pedido para a compra de um vestido novo, embirre com a empregada, ralhando com ela, por achar que esteja remançando demais na arrumação da cozinha.

Na vida de casados, tais ocorrências se verificam com tanto maior frequência quanto maior seja o orgulho dos cônjuges. Jogam, um sobre o outro, a culpa de tudo quanto sai errado, porque esse defeito os impede de reconhecerem os próprios equívocos e deméritos.

¹⁷ (10) Trata-se, a rigor, de *projeção*, um dos nove mecanismos de defesa tão bem estudados por Anna Freud em sua obra *O Ego e os Mecanismos de Defesa*, Trad. de Álvaro Cabral, Biblioteca Universal Popular S.A., Rio de Janeiro, 1968, e por Hanna Segal, *Introdução à Obra de Melanie Klein*, Trad. de Mirtes Brandão Lopes, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1966; C. G. Jung, *Psicologia e Religião*, Trad. de Fausto Guimarães Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1965, pp. 93-94.

Se ele perde a condução para o trabalho, vai logo acusando a esposa de haver-se atrasado com o café; se esquece um compromisso sério, censura-a por não tê-lo feito lembrar-se disso; se não encontra, de pronto, um documento de que precisa para determinado fim, a argui de ser relaxada, de não guardar as coisas nos devidos lugares, etc.

Ela, por sua vez, se fizer má escolha na compra de um par de calçados, procurará responsabilizar o marido alegando não ter podido examinar melhor o artigo, devido às demonstrações de impaciência dele; se acontecer que, numa roda de amigas, a conversa gire sobre assunto de que não esteja informada, longe de admitir que não se interessa por leitura de jornais, fará amargas críticas ao companheiro, recriminando-o por ser pouco comunicativo com ela; se não for convidada para um importante acontecimento mundano, o inculpará por ser anti-social ou não promovê-la suficientemente, e assim por diante.

Às vezes, essas transferências, que tanto podem ser positivas como negativas, são de origem mais profundas, relacionando-se com experiências dos primeiros anos de nossa vida.

Quando encontramos, na idade adulta, pessoas que de alguma forma se pareçam com outras que nos foram muito queridas na infância, como um parente bonachão, uma professora meiga e cordial, um colega do qual tenhamos guardado gratas recordações, etc, logo simpatizamos com elas.

Contrariamente, o moço que teve por mãe e a moça que teve por pai criaturas autoritárias, despóticas, perfeccionistas, isto é, extremamente duras e exigentes, poderão encontrar sérias dificuldades no relacionamento com os futuros cônjuges, já que não lhes suportarão as observações e críticas, por mais mínimas e razoáveis que sejam, em virtude dos ressentimentos que, inconscientemente, ainda guardam dos pais.

Faz-se necessário que os esposos, conhecendo essa contingência do gênero humano, saibam suportar com serenidade as apreciações menos justas que, eventualmente, um venha a fazer do outro.

Se o "caso" revestir-se de sintomas mais graves, então será de bom alvitre recorrer à ajuda de um bom psiquiatra, cujos conselhos poderão ser de muita valia, mormente quando se trate de corrigir problemas de personalidade.

"O mundo está cheio dessas criaturas que têm nos lábios o sorriso e no coração o veneno; que são brandas, desde que nada as agaste, mas que mordem a menor contrariedade. E de tiranos domésticos que fazem que suas famílias e seus subordinados lhes sofram o peso do orgulho e do despotismo, como a quererem desferrar-se do constrangimento que, fora de casa, se impõem a si mesmos. Não se atrevendo a usar de autoridade para com os estranhos, que os chamariam à ordem, acham que pelo menos devem fazer-se temidos daqueles que lhes não podem resisitir. Envaidecem-se de poderem dizer: "Aqui mando eu e sou obedecido", sem lhes ocorrer que poderiam acrescentar: "E sou detestado."

(Allan Kardec, "O Evangelho segundo o Espiritismo," cap. IX, n.o 6)

OS PROGRAMAS DO LAZER

Nesta época de agitação febril, em que todo mundo vive cheio de problemas e preocupações, a recreação do espírito tomou-se uma necessidade tão premente que a iniciativa particular passou a explorá-la em larga escala, criando a indústria do divertimento, que oferece, hoje, ao público de todas as idades, as mais diversificadas modalidades de entretenimento e relaxe.

Percebendo que as tensões não liberadas vão-se acumulando e podem provocar explosões prejudiciais à saúde do ser humano, bem assim à sociedade, em forma de delinquência, os próprios governos, fazendo medicina preventiva, começaram a investir grandes verbas em diversão para o povo, na certeza de que somas ainda maiores serão poupadas nas subvenções a hospitais e sanatórios, na construção de estabelecimentos penais, etc.

Este preâmbulo foi escrito para chamar a atenção de casais descontentes ou desavindos, cuja vida poderia ser mais alegre e comunicativa se se dispusessem a organizar programas que lhes ensejasse gozarem, unidos, suas horas de lazer, valendo-se das inúmeras oportunidades que aí estão, a seu dispor.

Ordinariamente, o egoísmo faz com que cada cônjuge só pense em si próprio e procure fazer apenas aquilo que lhe apraz, e isto, pouco a pouco, os vai separando, a ponto de, não raro, cada qual divertir-se de um lado, prescindindo, senão mesmo evitando, a companhia do outro.

Pensadores bem intencionados têm insistido na tecla de que o marido deve, por exemplo, acompanhar a mulher na ronda às vitrines de lojas onde se exponham artigos da moda, coisa que o deixa impaciente e nervoso, e que a mulher, a seu turno, deva ir com ele a jogos de futebol, ainda que deteste essa natureza de espetáculo, esforçando-se, cada um, por ser agradável ao parceiro.

Temos a impressão de que isso só serviria para incompatibilizá-los, agravando suas dificuldades de relacionamento, ao invés de eliminá-las.

Como todas as pessoas possuem certas tendências anímicas que têm o direito de existir e desabrochar, será melhor que cada cônjuge permita ao outro dar expansão a essas tendências, desde que não comprometam a unidade complexa da vida de um casal, escolhendo, de preferência, algo que seja do agrado de ambos para a plenificação das noites ou dos domingos e feriados em que possam estar juntos.

Sabemos que os gostos variam muito entre os indivíduos, principalmente entre homens e mulheres, mas sempre será possível descobrirem-se coisas interessantes para serem feitas em comum.

Cantar ou conversar, produzir ou ouvir música, ver um programa de televisão, ir a um cinema ou teatro, jantar fora, assistir a uma conferência, visitar uma família amiga ou então asilos e orfanatos, dar algumas horas de serviços a obras

assistenciais, participar de círculos de estudos e debates, comparecer a festinhas de aniversário de parentes ou colegas, passar uma tarde num clube de campo, passeios a lugares pitorescos, excursões e convescotes, fins de semana na praia ou em estâncias climáticas, etc, são, entre muitas outras, algumas atividades em que os esposos poderiam entreter-se, mantendo-se em comunhão de corpo e alma, a bem da consolidação dos laços afetivos que os uniram quando, sob as bênçãos de Deus, constituíram um novo lar.

Há certos tipos de recreação, todavia, que devem ser evitados aos casais de formação cristã, qual a frequência a clubes que especulem com os jogos de azar e casas de diversões noturnas que tenham o álcool e a prostituição como seus principais atrativos. ⁽¹⁸⁾

Tais ambientes, onde os mais altos valores morais são objeto de chacotas e ironias, são antros deletérios de cujos miasmas precisamos guardar distância, se é que ainda apreciamos as belezas da vida familiar.

"O repouso serve para a reparação das forças do corpo e também é necessário para dar um pouco mais de liberdade à inteligência, a fim de que se eleve acima da matéria."
(Allan Kardec, "O Livro dos Espíritos", q. 682)

"A propósito, vejamos estes passos de "Um Homem no Mundo", mensagem de Um Espírito Protetor (Bordéus, 1863), Cap. XVII, — "Sede Perfeitos" — n.o 10: "Não penseis, porém, que ao vos exortar incessantemente à prece e à evocação mental, queiramos levar-vos a viver uma vida mística, que vos mantenha fora das leis da sociedade em que estais condenados a viver.

Não. Vivei com os homens do vosso tempo, como devem viver os homens: sacrificai-vos às necessidades, e até mesmo às frivolidades de cada dia, mas fazei-o com um sentimento de pureza que as possa sacrificar. (...) Não penseis, portanto, que para viver em constante comunicação conosco, para viver sob o olhar do Senhor, seja preciso entregar-se ao cilício e cobrir-se de cinzas. Não, não, ainda uma vez: não! Sede feliz no quadro das necessidades humanas, mas que na vossa felicidade não entre jamais um pensamento ou um ato que possa ofender a Deus, ou fazer que se vele a face dos que vos amam e vos dirigem."

(Allan Kardec, O Evangelho Segundo o Espiritismo.)

¹⁸ **11)** Quer-nos parecer que nesse particular, a Didática do Senhor nos recomenda o bom.senso: usar, mas não abusar, respeitando todo ser humano, tanto quanto a nós mesmos, lembrando-nos do "amai-vos uns aos outros como eu vos ameii".

SEGUNDA PARTE

Relacionamento entre pais e filhos

A FAMÍLIA COMO AGÊNCIA EDUCADORA POR EXCELÊNCIA

Uma família completa pressupõe, necessariamente, mãe, pai e filho.

Eventualmente, pode ser acrescida de outros parentes: avós, tios, primos, etc, mas o seu núcleo será, sempre, formado pelos três primeiros.

Por isso apenas eles são focalizados neste trabalho.

A família — todos o reconhecem — é a célula orgânica do corpo social e o sustentáculo de sua perpetuidade.

Se, em algum tempo, a família deixasse de existir, a sociedade se esbarrondaria inexoravelmente, pois nenhuma outra instituição seria capaz de substituída como escola de virtudes sociais.

Por isso é que se diz, também, com muito acerto, que "a família é o berço da civilização de um povo." Mas, para que possa exercer sua função de agência educadora por excelência, o instituto familiar precisa ter como infra-estrutura — o amor recíproco de seus membros; como pedras angulares — a autenticidade, a assistência, a estabilidade e a harmonia; e como cúpula — a solidariedade.

Sem esse amor, os laços de sangue e o teto comum, características fundamentais da família, careceriam de solidez, impossibilitando a existência daqueles outros elementos de suma importância na edificação de um lar.

A autenticidade consiste em mãe, pai e filho (s) conhecerem o exato papel de cada um na sociedade familiar, dando-lhe correto desempenho, o que vale dizer: sem omitir-se, mas também sem invadir o terreno alheio.

À mãe, como força integrativa do lar, cabe distribuir afeição a todos os seus elementos constitutivos; ao pai, como chefe da família, compete exercer autoridade; dos irmãos, como rivais na competição pela posse dos genitores, espera-se que aprendam a vencer o egoísmo e evoluam para a fraternidade.

A assistência se traduz pelo interesse dos pais no sentido de organizar e preservar a vida doméstica, protegendo-a contra tudo o que a possa perturbar ou destruir, o que lhes exigirá a presença no lar pelo maior tempo possível. Não aquela presença só de corpo, que equivaleria a uma ausência virtual, mas principalmente

presença de alma, para que possam dar aos filhos o carinho, a orientação e a cobertura moral de que necessitam.

Certos pais vêem-se obrigados, por força da profissão que exercem, a longos períodos de afastamento do lar. Não poucas mães, por trabalharem fora, também não podem estar continuamente em casa, como seria de desejar-se. Uns e outras precisam, então, compensar essas ausências com redobradas atenções e desvelos para com os filhos, quando possam fazer-lhes companhia, a fim de que eles não se sintam abandonados, ou mesmo rejeitados, vindo a sofrer as danosas consequências da carência afetiva.

A estabilidade compreende a definição clara dos ideais visados pela família, ou, em outras palavras, a determinação de um quadro de valores a atingir, numa busca constante e incansável, sem que isso dependa da abundância ou escassez do dinheiro que entre em casa, da maior ou menor quantidade de doses alcoólicas engolidas pelo pai, do bom ou mau funcionamento do aparelho digestivo da mãe, e outros fatores que tais.

Incapazes, na infância e na adolescência, de um juízo perfeito sobre o que é certo ou errado, o que lhes convém ou não, os filhos necessitam que os pais lhes apontem o melhor caminho a seguir e nele perseverem.

As incertezas do porvir, tanto quanto as mudanças bruscas na filosofia de vida, confundem-lhes o espírito e suscitam insegurança, prejudicando seriamente seu equilíbrio emocional.

A harmonia resulta da correlação de diversos valores a serem cultivados pelos pais, como o amor, a autoridade, o bom entendimento, confiança e sinceridade recíprocas, sua capacidade de perdoar, esquecer e recomeçar, bem assim da autodisciplina dos filhos, que precisam ser orientados de modo a só desejarem e se permitirem o que podem ou devem fazer, num regime de absoluto respeito às pessoas, às coisas e aos direitos do próximo.

A solidariedade, apanágio dos lares bem constituídos, exprime-se por um forte espírito de família, ou seja, pelo calor humano de seus integrantes, pelo compartilhamento de interesses, pelo recíproco pertencimento.

É a mãezinha, sempre presente, em plantão de amor, para consagrar-se prazerosamente ao bem-estar de seus entes queridos. É o pai, atento aos problemas da família e que, com seu prestígio moral, faz dos seus, criaturas realizadas e felizes. São as crianças, em fraternal convívio, crescendo e desenvolvendo os dons pessoais, sem invejas nem frustrações. É, enfim, a constelação familiar — mãe, pai e filhos — em estreita comunhão de afeto, caminhando, juntos, rumo ao infinito, tendo por divisa: "um por todos e todos por um".

"P. — Pode-se considerar como missão a paternidade?

É, sem contestação possível, uma verdadeira missão. É ao mesmo tempo grandíssimo dever e que envolve, mais do que a pensa o homem, a sua

responsabilidade quanto ao futuro. Deus colocou o filho sob a tutela dos pais, a fim de que estes o dirijam pela senda do bem, e lhes facilitou a tarefa dando àquele uma organização débil e delicada, que o torna propício a todas as impressões. Muitos há, no entanto, que mais cuidam de aprumar as árvores do seu jardim e de fazê-las dar bons frutos em abundância, do que de formar o caráter de seu filho. Se este vier a sucumbir por culpa deles, suportarão os desgostos resultantes dessa queda e partilharão dos sofrimentos do filho na vida futura, por não terem feito o que lhes estava ao alcance para que ele avançasse na estrada do bem."

P. — São responsáveis os pais pelo transviamento de um filho que envereda pelo caminho do mal, apesar dos cuidados que lhe dispensaram?

R. — Não; porém, quanto piores forem as propensões do filho, tanto mais pesada é a tarefa e tanto maior o mérito dos pais, se conseguirem desviá-lo do mau caminho."

(Allan Kardec, "O Livro dos Espíritos", q:582 e 583)

PRESERVEMOS OS VÍNCULOS FAMILIARES

Ninguém, de boa fé, ousará contestar esta verdade inconcussa: a felicidade que buscamos neste mundo, desde que tenhamos optado pelo casamento, se não for encontrada dentro do lar, no doce convívio com os familiares, não o será em nenhum outro lugar.

Alguns de nós, em determinadas fases da vida terrena, somos tentados a subestimar a importância das relações com a parentela para perseguir ideais outros, que nos acenam com satisfações mais intensas ou se nos afiguram de maior relevância social.

Deixamo-nos, então, empolgar por tais atividades, dedicando-lhes os melhores anos de nossa existência, na certeza de estarmos correspondendo plenamente à vontade de Deus a nosso respeito, sem suspeitarmos de que, por mais honestas sejam essas ocupações, ou mais altruísticas sejam nossas intenções, se o que houvermos construído lá fora tiver custado o desmantelamento de nossa família, ou seja, a ruptura dos elos afetivos e a destruição do clima de intimidade que nela havia, teremos fracassado em nossa principal missão.

Não desejamos com isto fazer a apologia do egoísmo familiar, insinuando que devamos cuidar *apenas* dos assuntos e dos interesses domésticos, sem qualquer participação nas tarefas em favor do bem comum ou de amparo a irmãos nossos, necessitados de ajuda. Absolutamente.

Desejamos ressaltar, isto sim, que quem haja preferido manter-se no celibato ou já tenha dado cabal cumprimento aos seus deveres paternos, só louvores merece se resolve consagrar todas as suas horas à sublime tarefa de servir ao próximo. Mães e pais, entretanto, cuja prole ainda reclame efusões carinhosas,

acompanhamento e proteção, devem e precisam colocar em primeira plana o atendimento das necessidades fundamentais de seus filhos, por serem "os próximos" que mais de perto carecem e exigem seu devotamento, dados os compromissos impostergáveis assumidos com o nascimento deles.

Deploravelmente, invertendo por completo, a hierarquia dos valores reclamados pelos filhos, pais existem que só se preocupam com o *futuro* deles e, no afã de preparar-lhes "dias melhores", isto é, uma vida de luxo e regalos, esquecem-se do essencial, que é proporcionar-lhes, no *presente*, aquele ambiente repleto de amor, compreensão, ternura, paz e alegria, indispensável a uma boa educação, isenta dos problemas de personalidade.

Outros, impulsionados pelo desejo de darem testemunho de sua adesão aos princípios do Cristianismo, vivem absorvidos pelas dificuldades alheias, as quais procuram resolver da melhor forma possível, sem que lhes passe pela mente que a verdadeira Caridade começa em casa, onde, não raro, conflitos explodem e questões de suma gravidade se avolumam, permanecendo insolúveis porque, para solucioná-los, seria imprescindível sua presença efetiva e afetiva no lar.

Quantas vezes, a falta de diálogo com os filhos e, conseqüentemente, o desconhecimento do que lhes vai pela alma, tem feito com que interpretemos mal suas atitudes, julgando-as agressivas e desrespeitosas, quando não passam de apelos dramáticos para que nos apercebamos de que eles existem?

E quantas outras, ao se sentirem perplexos face a uma situação inusitada, precisariam não que lhes aumentássemos a "mesada" ou que os presenteássemos com um carro novo, mas simplesmente que nos sentássemos a seu lado e nos dispuséssemos a ouvi-los, pelo menos durante quinze ou vinte minutos?

Como pretender, pois, que eles nos estimem e nos demonstrem gratidão, a traduzir-se por uma conduta irreprochável, se o que recebem de nós são migalhas afetivas nem sempre dadas de boa vontade, insuficientes para saciar a fome de carinho que os consome?

Malgrado a concorrência externa se multiplique e se intensifique a cada dia, os pais ainda não foram desbancados, e cremos que nunca o serão, do dever de serem os plasmadores do caráter de seus filhos.

Com efeito, pesquisa recente, efetuada num país em que não faltam escolas, desde as infantis até as de nível universitário, e onde o cinema, o rádio, a TV e as publicações atingiram o máximo de penetração, revelou que cabe ainda à família nada menos que três quartos da influência na formação da personalidade dos educandos.

Urge, portanto, façam os pais uma tomada de consciência das suas tremendas responsabilidades, eis que, se negligenciarem da sofrida, mas sagrada tarefa de despertar e desenvolver em seus filhos as qualidades cívicas e morais que constituem o coroa-mento da educação integral, conhecerão — amanhã ou depois

— o dissabor de vê-los formar entre aqueles que, sob as diversas modalidades de delinquência, ou através das extravagâncias da tristemente famosa "juventude transviada*", manifestam o seu cínico despreço e seu total repúdio às melhores conquistas

de nossa Civilização. ⁽¹⁹⁾ "Se alguém não tem cuidado dos seus e principalmente dos da sua família, negou a fé e é pior do que o infiel."

(Paulo, Tim., 5:8)

"Antes da grande projeção pessoal na obra coletiva, aprenda o discípulo a cooperar em favor dos familiares, convicto de que semelhante esforço representa realização essencial."

(Francisco Cândido Xavier, Emmanuel, "Pão Nosso," cap. 117)

MÃE: FONTE PERENE DE AFETIVIDADE

Já o dissemos: o amor recíproco entre os membros da família é essencial para que possa ela cumprir as nobres finalidades que lhe estão cometidas.

Nos lares em que tal clima de afeto seja uma realidade, cada qual se sentirá ligado aos demais, numa espécie de aglutinação, ao passo que onde isso não ocorra, o que poderá haver, no máximo, é simples justaposição.

Criaturas extremamente imperfeitas que somos, estamos muito longe de possuir aquele amor puro e incondicional, próprio dos espíritos de escol.

O amor que quase todos conhecemos ressent-se, ainda, de forte dose de egocentrismo e, porque é assim, mais exige do que doa. Por conseguinte, se não for satisfeito em seus desejos, nem correspondido em suas efusões, definha e perece, quando não se transforma em malquerença.

Ao instituir a família, aprouve a Deus, em Sua infinita sabedoria, confiar à mãe a sublime missão de ser a despenseira de afeto, infundindo em seu coração reservas inexauríveis de abnegação, de meiguice e de paciência, com que acudir às necessidades do filho sem desatender aos reclamos do pai, assegurando, destarte, a condição básica da sobrevivência familiar.

Seu afeto conjugal, após o evento da maternidade, longe de ser diminuído ou esvaziado, precisará, talvez, tornar-se mais solícito, para não suceder que, sentindo-se roubado em seus direitos, o pai venha a rejeitar o filho, tomando-o à conta de usurpador. Para o filho, então, o amor materno é tão indispensável quanto o Sol o é para a vida das plantas. Se lhe faltar esse amor, seu desenvolvimento

¹⁹ (12) Sobre o conceito de *castidade*, consultemos o "De Nieuwe Katechismus", publicado na Holanda, a 9 de outubro de 1966, e, no Brasil, em 1969: *A Fé para Adultos — O Novo Catecismo*, obra redigida pelo Instituto Catequético Superior de Nijmegen, em colaboração com diversos, e por ordem dos Senhores Bispos da Holanda, Editora Herder, São Paulo, 1969, p. 463.

físico, mental, afetivo e espiritual estará comprometido por toda a existência de forma insanável, já que nada, absolutamente nada, poderá recompensá-lo.

Está, hoje, cientificamente comprovado que as crianças amamentadas pela mãe e que dela recebam um bom atendimento na primeira infância, não só têm mais chance de vingar, como também de andar, falar e aprender as coisas na idade própria, sendo que geralmente ostentam uma fisionomia radiosa e feliz.

Já aquelas que receberam aleitamento artificial e são criadas em instituições, devido à perda ou ao abandono da mãe, apresentam um índice de mortalidade bastante elevado e, conquanto não lhes falte assistência médica, condições higiênicas e tudo o mais, via de regra sofrem um retardamento em sua evolução psicossomática e se caracterizam por uma tristeza de causar pena.

Não é só. A carência ou insuficiência do amor materno é responsável, igualmente, por inúmeros distúrbios psicológicos do adulto, inclusive a *neurose*, tornando-o incapaz de estabelecer *vínculos de afeição* e de lealdade com os outros, ou *seja*, adaptar-se à sociedade.

Por isso, embora a mãe possa e deva ter certa autoridade no lar, é no plano da afetividade que deve situar-se o seu verdadeiro papel.

A ela incumbirá promover a integração familiar, fusionando uns com os outros na amizade e na cooperação, oferecendo a todos o seu sorriso estimulante, sua palavra encorajadora e o calor de sua ternura.

Caber-lhe-á, também, criar e manter em tomo de si um estado de permanente euforia, para o que evitará ferir suscetibilidades, provocar ciúmes ou mostrar-se apreensiva, envolvendo e contagiando esposo e filhos com sua alegria comunicativa, seu entusiasmo sadio e o seu indefectível senso de humor.

Desculpará, tantas vezes quantas se fizerem necessárias, as explosões de uns e a agressividade de outros, impedindo a fermentação de ressentimentos que pudessem esfriar as relações familiares.

Precisará, ainda, estar preparada para ver o filho crescer, desprender-se de seus braços, buscar outros relacionamentos, desejar autoafirmar-se e, finalmente, proclamar sua independência, compreendendo que isso é natural e até facilitando essa libertação, já que o amor de mãe, para ser autêntico e corresponder aos desígnios da Providência, há-de ser sobretudo doação, nunca possessão.

Todavia, embora deva permanecer, em qualquer circunstância, como o símbolo do amor, a mãe não deve confundir tal sentimento com pieguice, fraqueza e subserviência.

A pieguice suscita indisciplina; a fraqueza favorece a irresponsabilidade; a subserviência gera o menosprezo. ⁽²⁰⁾

²⁰ (13) Sobre a superproteção, que é mais prejudicial à criança do que as formas declaradas de agressividade, cf.: Rudolf Dreikurs — Vicki Soltz, *Di ao Seu Filho am Espirito Superior*, Trad, de Maria Antonieta Tróia e Heidrun Mendes da Silva, Fórum Editora, Rio de Janeiro, 1969, cap. 22, pp. 184-189.

"No ambiente doméstico, o coração maternal deve ser o expoente divino de toda a compreensão espiritual e de todos os sacrifícios pela paz da família. Dentro dessa esfera de trabalho, na mais santificada tarefa de renúncia pessoal, a mulher cristã acende a verdadeira luz para o caminho dos filhos através da vida."

(Francisco Cândido Xavier, Emmanuel, "O Consolador", q. 189)

"O trabalho da mulher é sempre a missão do amor, estendendo-se ao infinito."

(Waldo Vieira, André Luiz, Conduta Espirita", cap. 1)

A AUTORIDADE PATERNA

O amor materno e a autoridade paterna são dois elementos essenciais ao bom equilíbrio das relações familiares.

Releva frisar que mãe e pai não estão dissociados em suas funções. Pelo contrário, à mãe cabe também certa autoridade sobre os filhos, assim como nada impede que o pai manifeste ternura para com eles.

Á separação que aqui se faz visa apenas enfatizar isto: o que o filho mais espera e precisa da mãe é o amor: do pai, a autoridade.

Autoridade é palavra derivada de autor, deixando claro que essa prerrogativa é inerente ao autor. É o caso do pai, autor da vida do filho.

Pode ele delegar parte de sua autoridade a outras pessoas, durante algum tempo e no que tange a certos aspectos da educação do filho. Permanece, porém, a instância de apelo supremo.

Isto é verdadeiro, não apenas do ponto de vista jurídico, mas igualmente do ponto de vista psicológico. Deixe a criança de sentir acima dela a proteção da autoridade paterna e seu equilíbrio emocional será afetado, com prejuízo, inclusive, para a sua maturidade.

A criança detesta, quase sempre, aqueles que a tiranizam, pois gosta de ser tratada com moderação e justiça; mas, por outro lado, despreza e agride o pai frouxo e piegas cuja incapacidade a priva de um apoio que deseja e lhe é indispensável.

Sim, a par da liberdade, sem a qual não poderia auto-afirmar-se, a criança necessita, também, da autoridade para que seja orientada nos seus julgamentos e saiba disciplinar a própria vontade.

Se contar com a preciosa ajuda da autoridade, ela evoluirá da fase inicial, instintiva, em que busca simplesmente o prazer através da satisfação de suas necessidades, para a outra fase, adulta, em que lhe caberá enfrentar as vicissitudes da vida, nem sempre isenta de dificuldades e sofrimentos.

Sem isso, manter-se-á em dependência infantil, sem conseguir ajustar-se aos grupos sociais em que será obrigada a viver, ou melhor, a conviver, criando a todo instante condições de atrito com os semelhantes.

Pais existem que, ultrapassando os limites da autoridade, exercem um domínio

absoluto e cruel sobre os filhos, não lhes permitindo a menor discussão a respeito de suas ordens, que exigem sejam cumpridas rigorosamente, valendo-se dos métodos repressivos da ameaça, da surra, da crítica mordaz e humilhante, das proibições sistemáticas, etc..

O máximo que conseguem com essa maneira de agir é uma submissão cega, sem consentimento interior, o que fará dos filhos indivíduos tímidos e gaguejantes, com fortes sentimentos de inferioridade, ou então revoltados, futuros tiranos da própria prole.

Outros, em contraposição, seja por comodismo, seja por fraqueza, não exercem a menor autoridade sobre os filhos: deixam-nos à solta, permitindo-lhes tudo, satisfazendo a todos os seus desejos, numa atitude de superindulgência que, longe de traduzir bondade, o que evidencia é falta de amor, ou, pelo menos, indiferença pela sua sorte.

Este tipo de educação, está provado, só pode tomar as pessoas incontestáveis, exigentes, egoístas, incapazes de oferecer a menor cooperação a quem quer que seja. Pior ainda: favorece os desregramentos conduz à libertinagem, principais fatores da delinquência em todos os tempos.

Autoridade legítima é o processo pelo qual o pai ajuda o filho a crescer e a amadurecer, para que chegue à autonomia sabendo que a liberdade tem um preço: a responsabilidade. É a maneira pela qual o pai conduz o filho à auto-realização, desenvolvendo-lhe as potencialidades, sem entretanto exigir mais do que ele possa dar, respeitando-lhes as limitações.

É, sobretudo, a força moral que o pai deve ter sobre o filho, baseada na admiração que lhe desperta, por se constituir um modelo digno de ser imitado.

Em suma, a verdadeira autoridade jamais se impõe pela violência. É uma decorrência natural das qualidades paternas, entre as quais se destacam as seguintes:

1) *ser autêntico*, isto é, conhecer o papel que lhe cabe no lar e exercê-lo com segurança e continuidade.

2) *ser justo*, tratando todos os filhos com igual solicitude, sem nunca demonstrar preferência ou aversão por nenhum.

3) *ser um educador*, castigando quando preciso, mas sabendo também desculpar, valorizar e incentivar.

4) *ser coerente*, mantendo seu ponto de vista acerca do que lhe pareça certo ou errado, evitando proibir um dia e deixar fazer no outro.

5) *ser cordial*, promovendo o afeto, a estima e a camaradagem entre os familiares.

6) *ser compreensivo*, superando os conflitos e mantendo seu amor ante os erros dos filhos.

7) *ser clarividente*, sabendo discernir entre o que é essencial e o que é secundário.

8) *ser conciliador*, acatando as opiniões do grupo familiar, ao invés de impor apenas as suas.

9) *ter presença no lar*, acompanhando de perto a vida dos filhos, por saber que o abandono moral é caminho para a delinquência.

10) *ter serenidade*, evitando dar mostras de impaciência, irritação ou cólera.

11) *ter firmeza*, dando "sim" quando julgue que possa dá-lo, tendo a coragem de dizer e manter o "não",

sempre que isso se faça necessário.

12) *ter espírito aberto*, procurando estar sempre bem informado, para saber interpretar construtivamente os acontecimentos do mundo.

13) *ter estabilidade emocional*, evitando, quanto possível, as variações de humor e os inconvenientes que daí decorrem.

14) *ter maturidade*, aceitando as responsabilidades decorrentes de sua condição de chefe de família, especialmente as de pai.

15) *ter prestígio*, por seus exemplos de amor ao trabalho, hábitos sadios, civismo, gosto de ser útil ao próximo, etc..

"Quantos pais são infelizes em seus filhos, porque não lhes combateram desde o principio as más tendências! Por fraqueza, ou indiferença, deixaram que neles se desenvolvessem os gêrmens do orgulho, do egoísmo e da tola vaidade, que produzem a secura do coração: depois, mais tarde, quando colhem o que semearam, admiram-se e se afligem da falta de deferência com que são tratados e da ingratidão deles." (Allan Kardec, "O Evangelho segundo o Espiritismo", cap. V, n.o

4)

DEFEITOS DOS PAIS

Humanos que são, mães e pais, embora muito amem seus filhos e se empenhem por fazer-lhes todo o bem possível, ressentem-se de certos defeitos que, uns mais, outros menos, podem abalar a vida afetiva deles ou comprometer-lhes o comportamento futuro.

Eis alguns, colhidos entre os mais generalizados:

Agressivos — os que não sabem disciplinar sem apelar para as agressões, verbais ou físicas, a saber: berros, humilhações, xingamentos, castigos corporais e outras formas de violência.

Traumatizam os filhos, tomando-os excessivamente submissos, ou, ao contrário, fazendo deles criaturas rebeldes e odientas.

Alcoólatras — Incluem-se nesta rubrica não só os bêbados propriamente ditos, mas também, os bebedores mais discretos, que, levados pelo uso consuetudinário dos aperitivos e dos *drinks*, a um estado de irritabilidade permanente, acabam se tomando insuportáveis, tais e tantos os maus tratos e as importunações que infligem à família.

Geram ansiedades, afetando seriamente o desenvolvimento psíquico da criança.

Alienados — Classificação própria dos pais que, absorvidos pela profissão, pelos negócios ou pela vida social intensa que levam, nunca estão disponíveis para os

filhos, deixando-os ao abandono, ou, quando muito, entregues aos cuidados de serviçais.

Suscitam carência afetiva.

Angustados — Entram aqui aqueles pais que se preocupam *demais* com os filhos e vivem sob o temor de que lhes aconteça sempre o pior. Se, um dia, comem menos que de costume, receiam estejam doentes; se, noutro, atrasam dez minutos na volta ao lar, imaginam que tenham sido raptados ou atropelados, etc..

Contaminam os filhos, fazendo com que se tomem, também, ansiosos e inseguros.

Chantagistas — Contam-se entre estes, com mais frequência, as mães que, não sabendo como granjear a obediência, a estima e o respeito dos filhos, tentam consegui-lo através de atitudes perniciosas, quais as frases de efeito: "qualquer dia eu sumo desta casa!" ou "eu ainda me suicido!", entremeadas de apelações sentimentais: "vocês querem me matar de desgosto?", "têm coragem de me deixar só, sabendo que não me sinto bem?"

Provocam-lhes angústia e sentimentos de culpa, cujos malefícios podem perdurar por toda a existência.

Competidores — Defeito comum entre genitores imaturos, isto é, mal preparados para tão importante papel. É o pai que disputa com o filho o bife maior ou briga com ele por qualquer tolice, como se fossem ambos da mesma idade. Ou a mãe que passa a filha "para trás" em matéria de vestimenta e, não raro, busca a própria satisfação, destaque social, etc, em detrimento da filha adolescente, também ansiosa de afirmação e de participação no banquete da vida.

Desfavorecem a maturidade dos filhos, os quais, por sua vez, terão dificuldade em perder ou renunciar a algo, com dignidade.

Desconfiados — Espreitam todos os passos, controlam todos os telefonemas, enfim vigiam todos os minutos da vida dos filhos, inquirindo-os sobre todas as suas atividades. Não lhes respeitam, sequer, o sigilo da correspondência e suspeitam, com frequência, de coisas que jamais cogitaram.

Acabam por conduzir os filhos à mentira ou à linha do cinismo.

Dominadores — Exigem que os filhos peçam licença para tudo, até para brincar; que obedeçam de imediato a todas as suas determinações; que, ao serem admoestados calemboca e não lhes respondam nada; que, mesmo sem a indispensável preparação psicológica, aceitem e se conformem com toda e qualquer medida ditada exclusivamente pelos interesses paternos.

Impedem, assim, que os filhos marchem para a autonomia, um dos objetivos primordiais da educação.

Fracos — Aqueles que, seja por indiferença, seja por medo de não serem amados pelos filhos, não ousam contrariá-los em nada, cedem a todos os seus caprichos e exigências, suportam seus desacatos e provocações, limitando-se a constantes ameaças, nas quais ninguém acredita: "outra vez que você fizer isso...", "qualquer dia eu te mato!"

Consequência dessa incapacidade de disciplinar? Respondam as estatísticas: "Dos

14.000 menores julgados em 1956 na França (delinquentes), 80% eram filhos de pais fracos”.

Frios — São os pais que mantêm os filhos à distância; que nada fazem para atraí-los ou conservá-los junto de si; que nunca dialogam com eles, ou só o fazem para reclamar de seu comportamento.

Concorrem para que os filhos se tomem pessoas caladas, introvertidas, com escassos recursos de comunicação.

Frustrados — Tais são os que, não tendo sido capazes, ou não tendo podido concretizar determinados ideais, querem obrigar os filhos a serem o que não conseguiram ser: o primeiro aluno da classe, recordista de nataçãõ, exímio musicista ou um modelo de virtudes.

Quase sempre, esgotam os filhos com esforços acima de suas forças, ou então os atormentam, acusando-os de serem pouco inteligentes, desajeitados, de má índole, etc..

Inseguros — São aqueles pais que se mostram sempre indecisos sobre como disciplinar os filhos. Não tendo noção exata de suas funções, nem dos objetivos a serem atingidos pela educação, ora pecam pelo excesso de rigor com que os tratam, ora pelo afrouxamento total das exigências.

Desnorteiam os filhos, impedindo-os de formar um bom caráter.

Perfeccionistas — Pretendem obter dos filhos um comportamento ideal: que aos dois anos sejam aseados, aos quatro tenham cuidado com seus brinquedos e não os quebrem, aos seis já saibam arrumar suas coisas na mais completa ordem, aos oito só tragam boas notas da escola, e assim por diante. É claro que os pais devem estimular os filhos na busca de perfeição, mas exigir que sejam irrepreensíveis em tudo o que fazem é simplesmente absurdo, pois nem mesmo os adultos o conseguem.

O perfeccionismo é sempre contraproducente, porque quando não transforma os educandos em criaturas escrupulosas, cheias de sentimentos de culpa, pode conduzi-las, numa reação contrária, ao desleixo e ao relaxamento moral.

Possessivos — Ao invés de criarem os filhos para o mundo, como lhes compete, libertando-os gradativamente de sua tutela, a fim de que se tornem capazes de traçar e palmilhar seus próprios caminhos, estes pais, ao contrário, agem de forma a mantê-los em total dependência. Considerando os filhos qual propriedade sua, tudo decidem por eles: o que devem vestir, o que lhes convém comer, com quais coleguinhas podem brincar e sair, que carreira devem seguir e até (quando o permitem) com quem se devem casar!

Impedem que os filhos cresçam, amadureçam e se engajem na Vida.

Superprotetores — São compreendidos como tais os progenitores que se excedem nos cuidados que devem ter com os filhos, protegendo-os mais do que o necessário. Esta superproteção pode assumir os mais variados aspectos, como, por exemplo, evitar que os filhos se cansem, que se firam, que fiquem doentes, que sejam

influenciados por más companhias, que sofram decepções, que sejam vítimas de injustiças e perseguições, etc..

Pessoas às quais se dispensou demasiada proteção na infância jamais se sentem adultas: incapazes de defender-se por si mesmas, quando já não tenham quem as proteja, ficam desarmadas para enfrentar os obstáculos da vida.

Urge reconhecermos quais desses defeitos nos são comuns e o quanto de esforço nos será exigido no sentido de eliminá-los, ou pelo menos atenuá-los, para que suas conseqüências se tomem menos prejudiciais a nossos filhos.

"Espíritas! compreendei o grande papel da Humanidade; compreendei que, quando produzis um corpo, a alma que nele encarna vem do espaço para progredir; inteirai-vos dos vossos deveres e ponde todo o vosso amor em aproximar de Deus essa alma; tal a missão que vos está confiada e cuja recompensa recebereis, se fielmente a cumprirdes. Os vossos cuidados, a educação que lhe dareis auxiliarão o seu aperfeiçoamento e o seu bem-estar futuro.

Lembrai-vos de que a cada pai perguntará Deus: que fizestes do filho confiado à vossa guarda? Se por culpa vossa ele se conservou atrasado, tereis como castigo vê-lo entre os espíritos sofredores, quando de vós dependia que fosse ditoso."

"Mães! Fazei-vos merecedoras dos gozos divinos que Deus conjugou à maternidade, ensinando aos vossos filhos que eles estão na Terra para se aperfeiçoar, amar e bendizer. Mas oh! muitas dentre vós, em vez de eliminar por meio da educação os maus princípios inatos de existências anteriores, entretêm e desenvolvem esses princípios, por uma culposa fraqueza, ou por descuido e, mais tarde, o vosso coração, ulcerado pela ingratidão dos vossos filhos, será para vós, já nesta vida, um começo de expiação."

(Allan Kardec, "O Evangelho segundo o Espiritismo", cap. XIV, n.º 9)

CIUME E RIVALIDADE ENTRE IRMÃOS

Ninguém ignora que, até certa idade, a criança não sabe amar. Apenas gosta de ser amada. É a chamada fase captativa, em que ela vive com os olhos fixos em tudo que lhe pertence, demonstrando desagrado sempre que se sinta ameaçada de perder, tenha que emprestar ou precise repartir algo seu.

Certos autores verificaram tais reações na criança desde muito cedo. Um deles observou uma criança de sete meses chorando e agitando-se ao ver a mãe aproximar-se de outro bebê. Outro descreve o caso de uma criança de dez meses, que, ao ver a mãe beijar o pai, se agita e tenta meter-se no meio deles.

Com pouco mais de um ano, se a criança recusa a mamadeira ou a sopinha, basta que a mãe as ofereça a outrem para que ela volte atrás em seu gesto de repulsa. Se outra criança apanha um de seus brinquedos, ou veste uma peça de roupa sua, mostra-se enfurecida. O que é dela, é só dela.

É que toda criança é egocêntrica e demonstra uma tendência para achar que o mundo existe em função de sua pessoa, que tudo deve pertencer-lhe com exclusividade, inclusive a mãe, e mais tarde também o pai.

Isto, que até certo ponto é natural —* já que o egoísmo é traço característico da psicologia infantil — quando excede os limites da normalidade, passa a constituir-se um sério problema, pois gera o ciúme infantil, mórbido, um dos grandes fatores de perturbação da intimidade familiar.

O ciúme é um sentimento angustioso de insegurança. Seu efeito imediato é o sofrimento da criança, que julga haver perdido o amor da mãe, do pai, ou de ambos, na suposição de que eles preferiram dá-lo a um irmão ou irmã.

Secundariamente, o ciúme infantil poderá causar, também, a longo prazo, uma série de más consequên- cias, entre outras, a ausência do sentimento social, tomando-a incapaz de se interessar pela sorte alheia.

Diante desse quadro, que às vezes chega a ser dramático, uma primeira pergunta deve ter acudido à mente do (a) leitor (a):

— Se a coisa é assim, não seria preferível que a criança não tivesse irmãos?

Absolutamente. É bastante vantajoso que a criança tenha irmãos. Isto porque ela se destina a viver em sociedade e, como se sabe, a vida num mundo competitivo como o nosso é uma luta. Quem não for preparado para ela, fracassará na certa. Esse ensaio, é claro, só poderá ser feito em oposição a alguém, cuja força não seja esmagadora: irmãos e irmãs. São eles os melhores parceiros para tão importante aprendizado.

É convivendo com os irmãos que a criança irá aprender:

- a controlar seus impulsos;
- a suportar leves injustiças;
- a ser contrariada em seus desejos;
- a fazer pequenos sacrifícios;
- a ter em conta os direitos alheios;
- a partilhar suas coisas, inclusive o afeto dos pais, preparando-se, assim, para ser um elemento bem ajustado no meio social.

A função essencial dos irmãos e irmãs é, pois, ensinar a melhor socialização possível da criança, ensinando-a a conquistar o seu lugar no meio dos outros, respeitando o lugar dos outros; é despertar nela a capacidade de enxergar, ouvir e amar o outro, desenvolvendo em si o sentimento de fraternidade.

Acordes em que é benéfico para a criança que ela tenha irmãos, seria oportuno examinarmos agora como deveriam agir os pais para que a rivalidade fraternal, apesar de seus aspectos desagradáveis, deixasse de ser um mal para constituir-se um elemento de grande utilidade no processo de formação da personalidade dos filhos.

A repressão sistemática de qualquer hostilidade entre os irmãos, praticada por certos pais, a pretexto de garantir a boa educação deles e a harmonia no lar, longe

de ser medida aconselhável, geralmente apenas leva à dissimulação ou à transferência da agressividade assim contida.

O importante, mesmo, é que a mãe saiba exercer bem o seu papel integrativo, dividindo sua atenção entre todos, amando pessoalmente cada um, construindo e reconstruindo, a cada instante, a unidade da família.

Quando os irmãos tenham no lar um ambiente assim, verdadeiramente educativo, a rivalidade desaparece e, pouco a pouco, vai-se transformando em amizade e cooperação. ⁽²¹⁾

“Os laços sociais são necessários ao progresso e os de família mais apertados tornam os primeiros. Eis porque os segundos constituem uma lei da Natureza. Quis Deus que, por essa forma, os homens aprendessem a amar-se como irmãos.”

(Allan Kardec, “O Livro dos Espíritos”, q.774)

COMO ACALMAR O CIUME INFANTIL

Os indícios (tipos de comportamento) de uma criança enciumada são por demais conhecidos para que precisemos descrevê-los.

Um ligeiro resumo da sintomatologia do ciúme infantil, entretanto, poderá ser de alguma utilidade aos “marinheiros de primeira viagem”.

Ei-la: não querer alimentar-se, chorar à toa, chupar dedo, roer unhas, reclamar mamadeira quando já comia em prato, urinar na calcinha ou na cama depois que já foi asseada, querer ajuda para vestir-se, etc..

Nos casos de procedimento regressivo, os pais devem mostrar-se compreensivos, atendê-la uma ou outra vez, mas depois fazê-las reconquistar o progresso adquirido, para o que bastará dispensar-lhe um pouco mais de carinho e fazê-la compreender as vantagens do crescimento.

Na meninice o ciúme pode conduzir à desonestidade, à intriga, ao isolamento, à mentira, aos melindres, à rebeldia, à tristeza, ao desinteresse pelo estudo, à falta de apuro no vestir-se, e a outros tipos de chantagens afetivas, quase sempre inconscientes, visando chamar a atenção dos pais para si.

O ciúme não é maldade, é sofrimento. Não deve, portanto, ser tratado com rudeza, mas sim com bondade.

A criança enciumada deve poder expressar sua hostilidade, já que isso a libera de suas angústias, mas dentro de certos limites. Não se deve tolerar, por exemplo, o desrespeito aos direitos do bebê, como tomar-lhe os brinquedos, fazer barulho para acordá-lo, bater, morder e coisas assim.

Parece não ser difícil atinar com o porquê do ciúme entre irmãos. Os pais idolatram

²¹ (4) Cf. nota 13, acima, pp. 198-210 da obra citada.

o primeiro filho; dão-lhe tudo, fazendo dele um reizinho, tirânico e caprichoso. Como não haveria ele, então, de sofrer terrível impacto ao ser destronado pelo segundo?

Faz-se necessário, portanto, agir com muito tato para fazê-lo suportar a coexistência, sem o que o "outro" lhe haverá de parecer um intruso, um competidor indesejável.

Haja vista o caso daquele garotinho que, ao assistir à movimentação da família em volta do irmãozinho recém-nascido, e perguntado onde achava melhor colocá-lo, respondeu de pronto: "no caixote de lixo!"

Muitas vezes, são os próprios pais ou parentes que, ignorando os males que causam ao primogênito, lhe destroem a segurança afetiva de que tanto necessita, dizendo-lhe:

— "Então você perdeu (ou vai perder) o trono, hem?"

PI "Agora você vai ficar sem sua mamãe. Ela não vai mais ter tempo para você, só para o neném."

É de boa praxe que, quando um novo filho esteja para chegar, os irmãos sejam preparados para recebê-lo. Na ideia de uma criança, o amor dos pais seria como uma barra de chocolate: se dividida, fica menos para o dono. Deve-se, pois, fazê-los entender que o irmãozinho não vai tomar nada de ninguém, pois no coração dos pais há amor suficiente para todos.

Se alguma alteração no lar se impuser como necessária, qual a mudança do filho mais velho para outro quarto ou outra cama, é melhor fazê-lo antes da chegada do bebê, para que essa providência não seja interpretada por ele como uma diminuição de carinho.

Por mais atento que se esteja e por mais cuidado que se tome, parece ser impossível evitar o ciúme entre irmãos.

Pode-se, porém, reduzir-lhe as tensões. Eis aqui algumas atitudes e medidas que a experiência aponta como eficazes nesse sentido:

Compensar os maiores cuidados e o maior tempo dispensado ao bebê, concedendo ao filho mais crescido redobradas atenções e meiguices, tais como guardar um doce só para ele, acarinhá-lo mais amiúde...

— Evitar dar a mamada ao recém-nascido em sua presença...

— Procurar interessá-lo no papel de protetor do menorzinho, envolvendo-o nos cuidados com o banho, nas providências para que haja silêncio enquanto ele dorme...

— Valorizar a ajuda "indispensável" que ele dá à mãe nessas ocasiões...

— Nos momentos agudos do ciúme, ao invés de pedir-lhe colaboração, procurar distraí-lo, brincar com ele, contar-lhe estórias...

— Ao ministrar cuidados ao bebê, conversar com o mais velho, lembrando episódios de sua puerícia, para que se convença de que foi alvo das mesmíssimas atenções maternas...

— À noite, na hora de dormir, repetir-lhe quanto ele é querido. Isso atua como um bálsamo, curando as feridas da dúvida e da insegurança.

"Ampara os corações enfermos e frágeis que te acompanham os passos. Se plantares o bem, o tempo se incumbirá da germinação, do desenvolvimento, da florescência e da frutificação, no instante oportuno."

(Francisco Cândido Xavier, Emmanuel, "Fonte Viva", cap. 19)

...E LIMITAR A RIVALIDADE

^u
Tanto quanto o ciúme, a rivalidade, entre irmãos parece ser também inevitável. Mas, num mundo de competições como este, em que cada qual, como já ficou dito, tem que se preparar para a conquista de seu lugar ao sol, a rivalidade fraternal pode ser capitalizada em benefício do desenvolvimento físico e psíquico da criança, desde que os pais lhe compreendam as causas e saibam mantê-la sob certos limites, para que não degenerem em ódio.

Com efeito, o simples fato de serem irmãos e habitarem o mesmo teto não é suficiente para que duas ou mais crianças se estimem. Diríamos mais: justamente por isso, por terem que partilhar as guloseimas, as roupas, os móveis, a casa, e principalmente os pais, é que as crianças da mesma família se tornam rivais e vivem à turras.

Que fazer, então, para conseguir haja relações amistosas entre irmãos e suas desavenças e brigas se tornem menos frequentes?

Várias coisas.

Primeira: *aceitar cada filho como é*, com seu sexo, sua capacidade intelectual, seu ritmo de desenvolvimento, etc, sem idealizações pré-fabricadas. Cada um deve ser incentivado a desenvolver as qualidades que lhe sejam próprias e não ser forçado a imitar outra pessoa, com gostos e tendências diferentes das suas.

Se cada filho souber e sentir que é *amado por si mesmo*, ainda que seja menos brilhante que o(s) irmão (s), ser-lhe-á mais fácil aceitá-lo (s) e estimá-lo(s).

Segunda: *evitar comparações*. Nada irrita mais uma criança que ser comparada desfavoravelmente a outra. Pior ainda se de forma vexatória. Que ódio sente quando lhe dizem: "Por que você não é estudioso como o Paulinho? Veja que beleza de boletim ele trouxe!" — "Quando é que você vai aprender a cuidar de suas coisas, como seu irmão?" — "Por que você não deixa de ser vagabunda e vem ajudar um pouco sua mãe, como a Cristina?"

Não será de estranhar que o ressentimento produzido por tais comparações venha

a manifestar-se, logo em seguida, com xingamentos, tabefes, trança- -pés e outras reações desse feitio, contra os irmãos cujos predicados foram louvados.

Comparações só se mostram úteis quando procuram valorizar, como, por exemplo, mostrar ao filho mais velho as conveniências de ele já "ser grande" e poder passear ou ir brincar com os coleguinhas, enquanto o bebê passa o dia inteiro deitado no berço, etc..

Terceira: *ser imparcial*, policiando seus sentimentos, a fim de não manifestar afinidade maior, preferências ou prevenções no trato com os filhos.

Via de regra, negam os pais o seu favoritismo por este ou aquele filho, afirmando, de pés juntos, que todos lhes são iguais. Nada mais comum, entretanto, que demonstrem especial enlevo pelos encantos da filhinha, o que melindrará o filho mais velho, ou, contrariamente, dêem a perceber à menina quanto gostariam que ela fosse um garoto como o irmão, o que poderá abalar-lhe a certeza de ser realmente amada por eles.

Quando, diante de uma "arte" cujo autor não tenha sido apanhado em flagrante, exclama o pai ou a mãe: "só pode ter sido o Ricardo!" não estarão pondo à mostra sua prevenção contra ele?

Quantos de nós, "apesar de já adultos ou mesmo encanecidos, não guardamos ainda rancorosas lembranças das vezes em que fomos injustiçados por nossos pais, por nos terem negado isto e mais aquilo, enquanto a outros irmãos tudo era permitido?"

A imparcialidade dos pais, conquanto desejável e necessária, não pode, todavia, ser absoluta. Jamais se conseguiria uma distribuição rigorosamente igual, por exemplo, quando se fosse repartir cachos de uvas.

Ocasões haverá, também, em que um filho exigirá atenções e carinhos especiais em detrimento dos outros.

Se cada filho recebe, habitualmente, suficiente dose de amor dos pais, mesmo nos casos acima não haverá problemas, pois nem sequer notarão tais diferenças.

Quarta: *cultivar uma atmosfera cordial*, fazendo com que os irmãos tenham prazer em estar juntos. Para isso, devem os pais escolher, inteligentemente, sempre que oportuno, um jogo, uma excursão, ou outra qualquer recreação que possa interessar a todos, pelo menos durante algum tempo.

Quando, devido às diferenças de idade, os desejos se mostrem conflitantes, o jeito é estabelecer um rodízio no atendimento de suas preferências, a fim de que cada um aprenda a conciliar seu próprio interesse com o dos demais.

De vez em quando, principalmente quando não estejam se entendendo bem, ao invés de forçá-los a brincarem juntos, o melhor é permitir que o façam com outros companheiros das respectivas idades. Isto porá água na fervura e ajudará a melhor socialização de todos.

"A equipe familiar no mundo nem sempre é um jardim de flores. Por vezes, é um espinheiro de preocupações e de angustias, reclamando-nos sacrifício. Contudo,

embora necessitemos de firmeza nas atitudes para temperar a afetividade que nos é própria, jamais conseguiremos sanar as feridas do nosso ambiente particular com o chicote da violência ou com o emplasto do desleixo."

(Francisco Cândido Xavier, Emmanuel, "Fonte Viva", cap. 156)

BASES PARA UMA BOA EDUCAÇÃO

Se alguém perguntasse a cada pai e a cada mãe para que é que estão educando os seus filhos, não te- , mos a menor dúvida de que a resposta unânime seria esta: "para que se tornem pessoas bem ajusta- tadas na sociedade e sejam felizes."

Se, entretanto, depois disso, lhes fosse perguntado, também, que é que têm feito para atingir esse objetivo, as manifestações já não seriam tão uniformes, porque nem todos os lares têm uma noção exata de como agir para bem educar os filhos. Isto quer dizer que todos nós queremos o melhor para os nossos filhos, mas poucos se interessam por conhecer as melhores técnicas de relacionamento com ele e pouquíssimos os que perseveram na sua aplicação.

Nada é mais importante, em matéria de educação, que prepararmos nossos filhos para que se tomem livres, mas responsáveis, cientes e conscientes da utilidade das leis e normas disciplinares, sem cuja observância a vida em sociedade seria impossível, obtendo deles uma adesão espontânea e um consentimento pleno às mesmas.

Quase sempre, porém, ao invés de motivá-los e de treiná-los para isso, preferimos exigir deles uma obediência imediata e incondicional, usando e abusando das ameaças, dos castigos corporais e outros recursos calcados na violência, sem suspeitarmos de que esse caminho pode ser o mais curto, mas é também o mais nocivo à formação de sua personalidade, ou seja, ao desabrocho e amadurecimento de suas potências e virtudes.

Afirma a psicologia moderna que a educação infantil é perfeitamente possível sem o uso de tabefes, pancadas, surras, berros e xingamentos, desde que se dê à criança o amor, a atenção, o respeito e a proteção que ela precisa, merece e deve receber.

Mister se faz, outrossim, conhecer uma série de coisas básicas que devidamente observadas, poderão contribuir bastante para que sejamos bem sucedidos na árdua, difícil e heróica tarefa educacional.

Eis as principais:

AS LEIS DO CRESCIMENTO

Os pais não devem solicitar à criança nada que ultrapasse o nível de maturidade que lhe seja próprio, ou que contrarie a psicologia da idade. Exs.: Não lhe pedir que fique quieta muito tempo; que brinque sem molhar-se; que ande sempre limpa e

bem penteada; que não quebre os brinquedos; que não sinta ciúme e não brigue; que seja contrariada e não resmungue; que seja "educada" para com as visitas; que vá a festas e se comporte bem; enfim, que aja como se fosse um "pequeno adulto".

Considerando que cada criança tem um ritmo próprio de desenvolvimento, não devem, também, incentivar os filhos cedo demais, nem freá-los quando já estejam maduros para dar um passo à frente.

Aceitar, como normal, a partir de certa idade, a oposição do filho, desde que não se tome sistemática: não faço! não vou! E a sua auto-afirmação: eu acho... eu quero..., vendo isso, não um desacato aos pais, mas surtos naturais de amadurecimento, de independência, que não devem ser tolhidos, mas sim estimulados, favorecidos. Como? Evitando ferir os pontos sensíveis, usando diplomacia, abstendo-se de provocar irritações.

"Reduzir um jovem à condição de autômato, sem opinião, sem iniciativa, sem ânimo para enfrentar opções e debates, é fracassar na obra forjada de liberdade." (Maria Junqueira Schmidt: "Educar para a Responsabilidade", p. 62, ed. AGIR, 4a. edição)

O PONTO DE VISTA DA CRIANÇA

Para os pais, a desobediência é sempre considerada como um grave defeito que precisa ser corrigido a qualquer preço, enquanto a obediência é constantemente louvada como sendo uma boa qualidade.

Do ponto de vista da criança, no entanto, a desobediência significa revolta contra a ordem dos adultos, não raro contrária à sua *natureza* (não corra!) e aos seus *sentimentos* (pare com esse jogo e venha tomar banho!)

A obediência e a desobediência deveriam, pois, ser analisadas sob esses dois aspectos. Mas, tal não acontece na educação habitual, de absoluto desrespeito ao ponto de vista infantil.

"A criança tem de obedecer e basta!" dizem os pais, sem se darem conta de que a criança passiva, que tudo aceita sem protesto, é, muitas vezes, psiquicamente depauperada e de ânimo enfraquecido, o que deveria inspirar-lhes preocupação e não regozijo.

A AUTORIDADE

Exercer autoridade sobre as crianças e jovens é, certamente, muito necessário. Porque há pais que desistem desse direito, ou melhor, desse dever, e, sem o mínimo interesse pela educação dos filhos, deixam- -nos crescer como crescem os cães e os macacos, é que vemos por aí tanta desordem, tanto despudor e tanta criminalidade.

Essa autoridade, entretanto, não pode ser avessa à idade, ao temperamento e ao desenvolvimento íntimo do filho; não pode, nunca, significar tirania e subjugação, mas amor, ajuda, acompanhamento, compreensão e estímulo, para que ele, sentindo-se protegido e seguro, tenha confiança nos pais e se entregue, despreocupado, ao seu comando, engajando seu ser na execução das ordens

recebidas.

"Vede, não desprezeis alguns destes pequeninos..."
(Mat., 18:10)

"Quando Jesus nos recomendou não desprezar os pequeninos, esperava de nós não somente medidas providenciais alusivas ao pão e à vestimenta. Não basta alimentar minúsculas bocas famintas ou agasalhar corpinhos enregelados. É imprescindível o abrigo moral que assegure ao espírito renascente o clima de trabalho necessário à sua sublimação."

(Francisco Cândido Xavier, Emmanuel, "Fonte Viva",
cap. 157)

OUTROS PONTOS A CONSIDERAR

No relacionamento com nossos filhos, importa sejam levados em conta mais os seguintes pontos:

MÉTODOS EDUCACIONAIS APROPRIADOS

Em virtude das diferenças de personalidade entre as crianças, só conseguiremos que nossos filhos aprendam a controlar-se e adquiram autodisciplina se empregarmos no trato com eles métodos que levem em consideração *seus* atributos positivos e *suas* dificuldades.

Nada de querer copiar modelos estranhos. As medidas disciplinares usadas por um lar poderão não servir para outro, assim como as roupas de uma pessoa que use manequim 42 não servem para outra que usa n.º 50.

TREINAMENTO PARA A LIBERDADE

Utilíssimas, nesse sentido, as vivências de autodisciplina. Exs.: Deixar frutas, doces e guloseimas ao alcance da criança, para que aprenda a dominar a gula; conceder-lhe "mesada", para que se habitue a controlar os gastos; a par de horas certas para levantar e dormir, comer e tomar banho, permitir que ela própria estabeleça seus horários para o estudo e a recreação.

É preciso, porém, ter o cuidado de não atribuir à criança maior soma de responsabilidades do que poderia suportar, evitando expô-la ao risco de acidentes ou submetê-la a tensões que lhe prejudiquem o psiquismo.

DISCIPLINAR SEM CAUSAR RESSENTIMENTOS

As crianças, muitas vezes, não toleram o fato de serem as únicas pessoas no lar sujeitas a ordens constantes, sentindo-se restringidas em sua liberdade pessoal. Uma boa medida para obter disciplina dos filhos é explicar-lhes que "todo mundo" tem deveres e responsabilidades que devem ser cumpridos com exatidão.

Se dissermos a uma criança: "Pare de brincar e venha jantar agora", ela poderá revoltar-se e pensar: "essa gente grande só vive mandando". Mas se lhe dissermos: "Está na hora do jantar", causar-lhe-emos menos ressentimentos, porque já terá

aprendido que os adultos também são escravos do relógio.

ORDENS DE ACORDO COM O GRAU DE MATURIDADE DO EDUCANDO

Os pais devem saber mandar. Na infância, a ordem deverá ser incisiva: "Está na hora de você ir para a cama". E se exigirá obediência, sem qualquer justificativa ou consideração sobre a ordem dada, porque nessa idade a criança deve obedecer, simplesmente.

A partir dos 6 ou 7 anos, entretanto, será preciso que as exigências se façam acompanhar de motivos, para que a criança saiba porque umas tantas coisas lhe são permitidas e outras, proibidas.

Ao adolescente, em especial, quando tenhamos que dizer "NÃO", é imperioso que lhe informemos honestamente as razões da interdição. Motivos aceitos conduzem à docilidade, evitando frustrações, rancores e as clássicas cenas de rebeldia.

DISTINGUIR ENTRE O ESSENCIAL E O SECUNDÁRIO

As faltas graves, e como tais devem ser consideradas aquelas que atentem contra as leis divinas, devem ser castigadas com o devido rigor. Já as de menor importância não devem dar azo a punições, e sim a uma palavra de advertência e/ou de orientação.

Castigar, de forma idêntica, uma falta de honestidade consciente e a simples quebra de um vaso, "é desatender às necessidades educacionais da criança, impedindo-a de perceber a hierarquização das exigências que lhe fazem."

CONTROLE DAS DETERMINAÇÕES

Ordem dada deve ser para valer. Não se pode mudar de ideia, apenas para livrar-se de choros e lamentações.

Cumpra, por outro lado, verificar se está sendo respeitada e como. Esse controle não deforma nem mutila a personalidade do educando. É prova de interesse pelo seu aperfeiçoamento. Em caso de desobediência, urge aplicar a sanção devida. Da impunidade decorrem a desestima, o abuso e a irresponsabilidade.

ACORDO ENTRE OS PAIS

Não há inconveniente em que os pais manifestem diferença de opinião, mesmo diante dos filhos. Eles deverão aprender, mais cedo ou mais tarde, que os adultos também são humanos e que o desacordo é um acontecimento comum na sociedade. Ser-lhe-á até muito útil verificar como os pais conseguem conciliar pontos-de-vista opostos.

Em assuntos relacionados com os filhos, porém, sobretudo a aplicação de castigos e punições, é absolutamente necessário que os pais demonstrem um acordo perfeito, ainda que essa unidade lhes custe o sacrifício do amor-próprio. Quando percebiam que estão em divergência profunda, o melhor é dizerem a criança ou adolescente: "discutiremos isso entre nós e depois lhe comunicaremos nossa decisão". Essa maneira de agir impedirá que os filhos recorram ao conhecido recurso de lançar a mãe contra o pai e vice-versa, "dividindo para reinar".

"Preconiza-se na atualidade do mundo uma educação pela liberdade plena dos instintos do homem, olvidando-se, pouco a pouco, os antigos ensinamentos quanto à formação do caráter no lar; a coletividade, porém, cedo ou tarde, será compelida a

reajustar seus

propósitos. Os pais humanos têm de ser os primeiros mentores da criatura. De sua missão amorosa decorre a organização do ambiente justo."

(Francisco Cândido Xavier, Emmanuel, "Caminho, Verdade e Vida", cap. 12)

CASTIGOS E RECOMPENSAS

Malgrado todos os cuidados que vimos de apontar, nem sempre a criança obedecerá aos regulamentos, nem sempre fará o que deve. Cometerá erros, fará acintes, terá desvios de conduta, tornando-se necessário, então, que, para corrigi-los, os pais recorram a alguns instrumentos denominados "castigos e recompensas".

Mas,

1) quando,

2) quanto,

3) como devem ser aplicados e

4) que objetivos devem ser atingidos por tais instrumentos, para que realmente melhorem a criança?

É extremamente difícil responder a essas indagações com sugestões específicas, já que em virtude das diferenças de personalidade, tanto dos pais como das crianças, a mesma situação ou experiência pode afetá-los de diversas maneiras.

Há, entretanto, um relativo acordo entre os que mais entendem do assunto, de que os castigos:

1) Até os sete anos, precisam ser imediatos, isto é, devem seguir-se ao comportamento indesejável ou proibido, de modo que a criança se aperceba da relação causa-efeito, e não "quando seu pai chegar". Será de todo inútil castigar uma criança à noite por algo que ela tenha feito de manhã. Depois dessa idade, convém refletir um pouco antes de determinar o castigo, para que a carga emocional do educador não o leve a excessos e inconveniências.

2) Não de ser *poucos*, porque aplicados amiúde viciam, exigindo doses cada vez mais fortes. Como disse alguém, "o castigo deve ser o último, e não o primeiro ou o único recurso educacional".

3) *Carecem ser justos*, isto é: a) adequados ao autor do erro (não se deve castigar, com o mesmo rigor, uma criança de três anos e outra de dez, nem uma criança sensível e outra empedernida);

b) proporcionais à natureza da falta (um gesto de maldade ou um desrespeito ao direito alheio devem ser objeto de castigo mais duro que uma leve desobediência).

4) *Devem corresponder às necessidades do educando*, ou seja: corrigir os seus defeitos, impedir a formação de hábitos condenáveis, marcar bem a diferença entre uma ação boa e outra má, mostrar as consequências desfavoráveis da inobservância dos regulamentos.

O castigo deve ainda ser *firme* (nunca relaxá-lo, a menos que se reconheça ser imerecido), *relacionado* com o erro (sujou, limpou; quebrou, trate de consertar) e *liberalizador da culpa* (terminada a punição, esquece-se o incidente o continua-se a tratar a criança como se nada houvesse acontecido).

É preciso se saiba, outrossim, que nem todos os tipos de castigo concorrem para educar. Têm-se como admissíveis:

Na infância

- 1) Forçar a criança a agir ou interceptar-lhe a ação (obrigá-la a tomar ou sair do banho, escovar os dentes, impedir que brinque com fogo ou objetos cortantes, que maltrate animais ou crianças menores, que danifique móveis, que promova algazarra, etc).
- 2) Ignorá-la (não ligar para o que ela faz quando, de alguma forma, pretenda aborrecer-nos ou agredir-nos).
- 3) Privá-la, temporariamente, de sua "hora social" (brincar com os coleguinhas, ir passear no jardim).
- 4) Dar-lhe umas palmadas (quando se faça mister estabelecer uma associação penosa às ações que lhe tenham sido proibidas ou que possam causar-lhe dano).

Na meninice e adolescência

- 1) Os pré-estabelecidos(previamente discutidos e convictamente aceitos pelo educando). Via de regra, implicam perda de privilégios e coisas semelhantes, como, por exemplo, ficar em casa, estudando, no domingo de manhã, em vez de ir jogar futebol, para compensar a perda de um dia de aulas.
- 2) Os policiais (indicados como medida de urgência, para casos em que o comportamento destrutivo do educando venha a constituir-se uma ameaça a si próprio ou à coletividade). Exs.: impedi-lo de integrar bandos vandálicos, tomar a chave do carro.

Em qualquer idade

- 1) Os iminentes (decorrentes da própria ação ou omissão). Exs.: teimar em subir aqui ou ali e levar um tombo; malgastar a "mesada" e ficar "duro", dormir demais e perder um passeio.
- 2) Os de qualquer natureza, desde que aceitos como merecidos e necessários, isto é, não traduzam rejeição, mas sim interesse pela boa formação do educando. Releva seja dito, nesta oportunidade, que uma das maiores necessidades da criança e do adolescente é aprender a viver dentro de limites sensatos. Se lhe for permitido fazer o que bem entenda, será levada (o) a pensar que os pais não se importam com ela(e), com o que sua segurança será destruída.

Castigos que não se recomendam:

- pôr a criança sentada ou de pé num canto, sem se mexer e/ou sem falar, por longo tempo;
- f obrigá-la a estudar além do razoável;
- privá-la de alimentar-se;
- mandá-la para a cama antes da hora.

Outros, totalmente prejudiciais:

- os que provocam medo (ameaças de entregar a criança ao bicho-papão, encarcerá-la em quarto escuro);
- os que humilham (bofetões no rosto, ir buscar a correia para apanhar,

xingamentos diante de terceiros) ;

— os que geram rancor e espírito de vingança (amarrar, queimar, esfregar pimenta na língua, surras violentas, proibições maldosas);

— os aplicados por necessidade dos pais e não da criança (as descargas de ira e mau-humor, as atitudes hostis oriundas de frustrações, mecanismo de transferência, etc). (22)

No que toca às *recompensas*, constituem recursos pedagógicos válidos apenas quando sirvam de estímulo. Para isso, é preciso que:

— sejam dadas como surpresa, diante da superação de uma deficiência;

— não se tomem habituais, para que o educando não forme uma noção falsa da realidade da vida, supondo que tudo funcione na base dos prêmios;

— não se convertam na principal razão do esforço (prometer chocolate a uma criança para que se comporte bem é correr o risco de só obter bom comportamento em troca dessa guloseima).

Inconvenientes dos prêmios:

— criam uma personalidade interesseira, prejudicando o ideal de verdadeira realização pessoal;

— em dinheiro, além de venalizar, alimentam a ganância;

— feitos por distinções, despertam orgulho, rivalidade, etc..

"Que é castigo? Certa soma de dores necessária a desgostar o culpado da sua deformidade, pela experimentação do sofrimento. O castigo é o agulhão que estimula a alma, pela amargura, a se dobrar sobre si mesma e à buscar o porto de salvação. O castigo só tem por fim a reabilitação, a redenção."

(Allan Kardec, "O Livro dos Espíritos", q.1009, comunicação de Paulo, apóstolo)

"Eximam-se os pais de prometer, às crianças que estudam, quaisquer prêmios ou dádivas como recompensa ou (falso) estímulo pelo êxito que venham a atingir no aproveitamento escolar, para não viciar-lhes a mente.

A noção de responsabilidade nos deveres mínimos é o ponto de partida para o cumprimento das grandes obrigações."

(Waldo Vieira, André Luiz, "Conduta Espírita", cap.21)

DISCIPLINA E LIBERDADE

Há dois conceitos, básicos em educação, que, por serem mal compreendidos por muitos pais, têm-nos levado a cometerem verdadeiras barbaridades contra os filhos.

São eles: disciplina e liberdade.

²² (15) Cf. acima, nota 10 e Dr. Thomas A. Harris, *Eu Estou Ok — Você está Ok — As Relações do Bem-Estar Pessoal*, Tradução de Edith Artens, Editora Artenova S.A., Rio, 1973. — Jean Rosenbaum, *Psiquiatria para a Vida Prática*, Tradução de Octávio Mendes Cajado, Editora Cultrix, São Paulo, MCMLXXIV.

Examinando-se superficialmente estes dois valores, tem-se a impressão de que um seja a antítese do outro, quando não o é, pois se completam, podendo, mesmo, afirmar-se que "disciplinar é conduzir à liberdade".

Efetivamente, durante muito tempo, a palavra *disciplina* designava um processo educativo que procurava obter a obediência por meio de castigos corporais, fazendo parte não só dos estatutos escolares como também dos regulamentos das organizações militares de quase todas as nações.

Com os processos da Pedagogia, entretanto, disciplina significa, hoje, coisa bem diferente: não mais a submissão mediante o emprego da força bruta, mas sim estímulo e apelo aos melhores sentimentos, pela força do exemplo. Quando indispensável uma ação corretiva, visar-se-á aos defeitos do educando, nunca a sua pessoa.

Disciplina é termo derivado de discípulo: o que segue, o que imita, o que aprende e se identifica com outro (s). No caso, o pai e/ou a mãe.

Disciplinar os filhos, portanto, no bom sentido, é agir com firmeza, sim, mas sem excluir o amor e a justiça, de modo a granjear-lhes a admiração e, com isso, mobilizar-lhes a vontade para imitação dos padrões aceitos.

E liberdade, o que é?

Em sua expressão mais simples, consiste no "poder de fazer, deixar de fazer ou escolher, segundo a própria determinação." Deve, entretanto, enquadrar-se nos limites da Lei Moral, que nos ordena "querer somente aquilo que se deve fazer".

Educar para a liberdade significa, então, promover a autonomia de nossos filhos sob todos os aspectos, inculcando-lhes, porém, paralelamente, o senso da responsabilidade, o dever de assumir seus atos, fazendo com que eles adquiram uma consciência reta e aprendam a subordinar suas decisões aos imperativos da Razão e do Direito.

Livre, em última análise, só é o indivíduo que haja feito tal conquista. Mas, "para que isso se torne possível, é preciso que os pais pratiquem constantemente o diálogo e a sugestão com os filhos; que adotem, não um sistema rígido de repressão, mas sim o exercício de opções e iniciativas, críticas e avaliações," já que a obediência autêntica implica consentimento interior, e, portanto, não pode ser cega. Como estamos vendo, a educação para a liberdade, tanto quanto a disciplina, tem por fim proporcionar ao educando o desabrocho e o crescimento de sua personalidade.

Sua meta suprema é conduzi-lo à adesão consciente, espontânea e voluntária às leis civis e aos preceitos morais, e daí o sistema de permissividade a que vimos de aludir.

Toda vez, porém, que as fronteiras da conveniência sejam ultrapassadas pelo educando, pondo em risco sua segurança física, psíquica ou social, os pais deverão recorrer às exigências e às sanções, porque prescindir destes recursos educativos, quando se façam necessários, seria induzir ao desmando e à

irresponsabilidade.

Muitas vezes, o que crianças e jovens pleiteiam não é bem liberdade, e sim *liberdades*, ou seja, caprichos momentâneos, fantasias e desejos desordenados, tais como: matar um período de aulas para ir ao cinema ou assistir a uma partida de futebol, possuir roupas e outros objetos de uso pessoal em maior quantidade que o razoável, sair de casa e voltar a ela quando bem entendam sem dar satisfações a ninguém, dormir até tarde, comer fora de hora, esquivar-se à menor colaboração nos serviços domésticos, alimentar vícios sem que tenham economia própria para isso, esbanjar a "mesada" e depois exigir nova provisão de dinheiro, etc., etc..

É claro que tais liberdades não podem e nem devem ser consentidas, pois colidem com a verdadeira liberdade. E mesmo que os filhos se aborreçam por causa dessas limitações, interpretando-as como severidade, autoritarismo ou quejandos, os pais devem mantê-las com firmeza, porque na verdade representam proteção, que, um dia, será reconhecida e... agradecida.

"Os pais precisam compreender a complexidade e grandeza do trabalho que lhes assiste. Os filhos são as obras preciosas que o Senhor lhes confia às mãos, solicitando-lhes cooperação amorosa e eficiente. Criar os filhinhos e aperfeiçoá-los não é serviço fácil. A maioria dos pais vive desviada, seja nos excessos de ternura ou na demasia da exigência, mas à luz do Evangelho caminharão todos no rumo da era nova, compreendendo que, se para ser pai ou mãe são necessários profundos dotes de amor, à frente dessas qualidades deve brilhar o divino dom do equilíbrio."

(Francisco Cândido Xavier, Emmanuel, "Vinha de Luz", cap. 135)

A EDUCAÇÃO SEXUAL

A educação sexual, como parte que é da educação integral, deve começar praticamente desde o berço, a partir do momento em que a criança, investigando o próprio corpo, descobre seus órgãos genitais e se põe a tocá-los com as mãos.

Tal descoberta deve ser encarada pelos pais com a maior naturalidade, não se justificando, absolutamente, digam ao neném que "isso é feio"; menos ainda que lhe façam ameaças ou o castiguem, por causa desses toques.

Continua quando, ali pelos três anos, o menino e a menina, notando que existe uma diferença entre ambos, entram a fazer indagações a respeito, aliás com a maior inocência e pureza deste mundo, dando ensejo a que lhes satisfaçamos a curiosidade, dizendo-lhes que, ele, como homem, tem o jeito do pai, e ela, sendo mulher, se parece com a mãe.

Nessa idade, tanto os meninos como as meninas já podem saber que os bebês nascem da barriga das mães, bem como designar os respectivos órgãos sexuais por palavras que não sejam pejorativas nem complicadas.

Na infância, via de regra, os esclarecimentos sobre questões sexuais são dados pela mãe, mas podem sê-lo também pelo pai, caso a criança a ele se dirija primeiro. Na adolescência, recomenda-se que o pai dê a orientação ao menino e a mãe à menina, por razões óbvias de melhor testemunho pessoal.

Esses informes devem ser progressivos e proporcionais ao grau de desenvolvimento psicológico do educando, tendo em conta, ainda, a sensibilidade de cada um. É de boa praxe que se espere pelas perguntas, para então respondê-las.

Indagações como: "de onde eu vim?" "por que eu não tenho "pipi", como meu irmãozinho?" e outras semelhantes, raramente deixam de ser feitas e se os pais as receberem sem escandalizar-se, dando-lhes as respostas tranquilamente e com a maior simplicidade possível, granjearão a confiança dos filhos, animando-os a que lhes façam outras, sempre que estejam em dúvida ou demonstrem estar maduros para novas revelações.

O ambiente familiar, aqui, é de suma importância. Uma criança que se sinta amada pelos pais e esteja habituada a conversar com eles, fará tais perguntas com toda espontaneidade e, chegada à fase da adolescência, quando o sexo deixará de ser simples curiosidade para converter-se em inquietante vivência pessoal, não terá dificuldade em solicitar e obter deles a orientação correta e segura de que necessite.

A criança, porém, que se ressinta de um clima afetuoso e comunicativo, ou cujos pais sejam daqueles que entendem, erroneamente, nada deverem dizer aos filhos sobre o assunto, " para não destruir-lhes a ingenuidade", buscará, na certa, outras fontes de informações (geralmente coleguinhas um pouco mais velhas), junto às quais receberá lições teóricas e práticas, vindo a saber de "tudo" quase sempre antes da hora e, o que é pior, de maneira deturpada, obscena, vil.

A educação sexual, ao contrário do que alguns espíritos retrógrados ainda imaginam, não consiste em sufocar, combater, reprimir um instinto natural, injustamente malsinado como diabólico e vergonhoso. Consiste, isto sim, em favorecer-lhe a evolução, amparando-o e guiando-o através das diversas fases de seu desenvolvimento, de modo a que atinja a maturidade, sadiamente, sem o perigo das manifestações precoces ou libertinas, incompatíveis com os códigos da Moral e dos bons costumes.

Lamentavelmente, certos pais "pra-frentex" dão aos filhos mais informações sobre o sexo do que o grau de maturidade deles poderia suportar; favorecem-lhes a leitura de toda sorte de publicações que tratem do assunto, e dão-se por satisfeitos com isso, esquecidos de que o mais importante, em educação sexual, não é informar, mas sim FORMAR.

Sem dúvida, a informação é necessária, porque "acalma, equilibra e previne os riscos da ignorância", convindo se saiba que, em matéria de sexo, "é preferível uma informação correta um ano antes do que cinco minutos depois."

A formação, porém, é de muito maior relevância, mormente diante da supervalorização (diríamos *barateamento* do sexo, com que se defrontam os jovens de hoje.

O cinema, a televisão, os jornais, as revistas e as agências de publicidade, como

que mancomunados, num total desrespeito à sacralidade do corpo humano, exploram ignobilmente a mulher, servindo-se dela qual mercadoria barata, para satisfazer a uma clientela ávida de erotismo. Provocam, com isso, uma verdadeira subversão dos princípios estabelecidos.

A seu turno, pregoeiros de uma "nova moral", em que a virgindade, a honra e a fidelidade conjugal são tratadas como coisas obsoletas, contribuem, também, para solapar os alicerces da família.

Urge, portanto, que os pais, superando suas próprias deficiências nesse terreno, ou abandonando a "solução do avestruz", tomem a firme decisão de proteger seus filhos contra os enormes perigos que os cercam e os assediam a todo instante e de todos os lados.

Para isso, é preciso conduzi-los à autodisciplina no tocante à vida sexual, fazendo-os compreender, ou-trossim, que ser livre não é ser irresponsável, não é fazer o que bem entende, mas viver de acordo com as leis divinas, dominar os instintos pela razão, dizer "NÃO" aos chamamentos dos prazeres desordenados. (23)

"Os pais são os mestres da educação sexual de seus filhos, indicados naturalmente para essa tarefa, até que o orbe possua, por toda parte, as verdadeiras escolas de Jesus, onde a mulher, em qualquer estado civil, se integre na divina missão da maternidade espiritual de seus pequenos tutelados e onde o homem, convocado ao labor educativo, se transforme num centro de paternal amor e amoroso respeito para com os seus discípulos."

(Francisco Cândido Xavier, Emmanuel, "O Consolador", q.III)

COMO FORMAR PARA A VIDA SEXUAL

Numa época como a atual, em que a sensualidade se faz presente em tudo o que nos rodeia, reconhecemos ser extremamente difícil conseguir de nossos filhos aquele

²³ (16) Conquanto acreditemos que a educação sexual somente atinja os seus sagrados objetivos quando a unidade conjugal tenha vida sexual dentro dos padrões ditos normais, isto é, plenitude orgásmica derivada da interação do amor puro que por reciprocidade se difunde, sem palavras, para todos os elementos da constelação familiar, encarnados ou desencarnados, atentemos, apenas, para os seguintes trabalhos: Andrew C. Andry e Steven Schepp, ilustrado por Blake Hampton, Trad. de Regina Maria da Veiga Pereira, "De Onde vêm os Bebês", Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1968; Oeny Gonçalves Pereira, "El Espirita y el Sexo", Anuário Espírita 1972, edición castellana, IDE, Araras, pp. 81-91; J. Louise Despert, *Crianças e Divórcio*, Trad. de Elizabeth Von Recheberg Lins, Editora Brasiliense, 1970; Jeanne Delais, *Os Filhos do Divórcio*, Trad. de Tamar Lindenberg Sette, Livraria Agir Editora, Rio de Janeiro, 1972; Maud Mannoni, *A Criança, sua "Doença" e os Outros, – O Sintoma e a Palavra*, Trad. de A. C. Villaça, Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1971; A. S. Neill, *Freedom – Not License!*, Traduzido por Nair Lacerda (*Liberdade sem Excesso*), IBRASA, São Paulo, 5.a edição, 1971, pp. 61-68.

tipo de comportamento com que finalizamos o capítulo anterior.

Queremos crer, entretanto, seja possível obter resultados bastante satisfatórios desde que se persevere na aplicação das seguintes técnicas formativas: 1a. MR Cultivar-lhes a *força de vontade*, mediante exercícios apropriados, como: levantar-se cedo, mesmo no inverno; realizar, de vez em quando, tarefas desagradáveis; recusar, esporadicamente, algo que só causada prazer, etc..

2a. -- fortalecer-lhes a *capacidade de esperar*, fazendo com que suportem a fome até a hora exata da refeição; não usem a roupa nova antes da ocasião oportuna; mantenham-se, pacientemente, na fila do cinema ou do campo de futebol, até que chegue sua vez de adquirir o ingresso; e coisas assim.

3ª -- Treiná-los na *responsabilidade*, capacitando- -os a serem pontuais em seus compromissos, a privarem-se de um prazer diante do imperativo de um dever, a aguentarem as consequências de suas faltas, e quejandos.

4a. Mantê-los em *intensa e variada atividade*, para que não se habituem à moleza e à preguiça, propiciando-lhes a prática da ginástica e dos esportes mais compatíveis com sua idade, temperamento e constituição, bem assim recreações sadias, como a música, o canto, a pintura e outras.

5a. *— Incutir-lhes noções de *higiene mental*, ou seja, a ter sob controle seus pensamentos e sentimentos, prevenindo-os de que pensamentos eróticos e sentimentos sensuais, quando aceitos e acalentados, constituem o primeiro passo na direção dos cometimentos ilegítimos.

6a. — Motivar-lhes o *ideal de pureza*, fazendo-os saber que a castidade não só é exequível, como vantajosa, pois além de fortalecer as potências espirituais, mentais e volitivas dos jovens, enquanto se mantêm solteiros, capitaliza-lhes maior e melhor sexualidade, garantindo-lhes um matrimônio mais perfeito e mais feliz.

7a. — Desenvolver-lhes a *capacidade de doação* de si mesmos, através da prestação de serviços gratuitos à família e à comunidade, atos de renúncia em favor do próximo, desprendimentos generosos e demais atitudes que os levem a adquirir sensibilidade, a vencer o egoísmo e jamais servir-se de outrem como mero objeto de prazer.

8a. — Ensinar-lhes o *domínio do instinto sexual*. Como? Evitando, deliberadamente, os excitantes eróticos, diretos e indiretos, quais as imagens, literatura, filmes ou espetáculos pornográficos, as carícias arrojadas durante o namoro, e tudo aquilo que, a exemplo das bebidas alcoólicas e dos tóxicos, possa provocar a obliteração da consciência e dos sentidos.

9a. — Oferecer-lhes um *clima acolhedor*, de franqueza e de confiança, de bem-querer e mútuo pertencimento, em que possam expandir-se, confiar seus anseios, partilhar suas mágoas, arquitetar sonhos para o futuro, expor seus problemas íntimos e contar com a compreensão dos familiares, pois, como se sabe, o abandono moral, o isolamento e a sensação de orfandade é que tem levado muitos

jovens aos desmandos sexuais.

10a. — Dar-lhes o *exemplo de uma vida conjugal baseada no verdadeiro Amor*, feita de atenções, carinhos e delicadezas recíprocos; cada um procurando o bem do outro e tudo fazendo para preservar a harmonia do Lar.

Em adiantamento, diríamos ser necessário, ainda, fazer com que o rapazinho e a mocinha se sintam satisfeitos com as respectivas condições, de homem e de mulher, sabendo ver o quanto de belo e de grandioso a Providência Divina há confiado a um e a outro sexo.

Se os pais não tiverem esse cuidado, poderão ser surpreendidos com o terrível problema da inversão sexual, cuja frequência constitui um dos distúrbios sociais mais graves de nossos dias.

"Assim como se submete o diamante ao disco do lapi- dário, para atingir o pedestal da beleza, também o instinto sexual (para corresponder aos desígnios que a Providência lhe há assinalado) precisa dobrar-se aos imperativos da responsabilidade, às exigências da disciplina, aos ditames da renúncia."

(Francisco Cândido Xavier, André Luiz, "No Mundo Maior", cap. XI)

IDENTIFICAÇÃO COM OS PAIS

Como todos sabem, há uma fase na vida das crianças (entre quatro e seis anos de idade), em que o menino não vê o pai com bons olhos, sentindo-se enciumado diante das "liberdades" que ele toma com a mãe, a quem desejaria só para si, a ponto de até pretender "casar-se" com ela, enquanto a menina, por sua vez, se enamora do pai e passa a ver na mãe uma rival, cujas intimidades com ele a fazem sofrer.

Quando isso acontece, o pai e a mãe não devem entrar em disputa com o fuho e a filha, na defesa de seus "direitos". O que lhes cumpre fazer é contornar a situação com muito tato, aceitando-lhes "a corte", mas chamando sua atenção para os préstimos daquele (a) a quem pretendem substituir: a mãe dizendo ao filho o quanto dependem do trabalho e da proteção do pai; este, dando a entender à filha quanto lhes seria difícil ficarem sem alguém que se mostra tão solícita nos arranjos da casa e no atendimento das necessidades da família.

A par disso, o pai deve procurar atrair o filho para a sua companhia, brincando, conversando e saindo com ele, enfim aumentando cada vez mais esses contatos, de modo a facilitar o processo de identificação que levará o menino a querer imitá-lo, a desejar ser "homem" também. É de toda conveniência que o pai lhe mostre as "vantagens" da condição masculina, como ter um corpo mais forte, que lhe permite construir coisas, lidar com o carro, jogar futebol, etc..

A mãe, igualmente, precisa manter a filha junto de si o maior tempo possível, interessando-a e fazendo- -a ajudar nos serviços domésticos, demonstrando sentir-se feliz com essas obrigações. Isso contribuirá bastante para que a menina aceite alegremente sua condição de mulher. Se a mãe, porém, for uma dessas pessoas que não param de se queixar de quanto a vida lhes é penosa, afirmando

amiúde que "na próxima reencarnação não quer mais ser mulher, de jeito nenhum", acabará por fazer com que a filha se sinta frustrada por não ter nascido homem, e, mais tarde, venha inclusive a recusar a maternidade.

Essa identificação do filho com o pai e da filha com a mãe é um dos aspectos mais importantes da educação sexual, pois fará com que o menino se fixe na virilidade e a menina na feminilidade.

Quando tal não ocorre, ou seja, quando o menino, devido às constantes e demoradas ausências do pai, só pode desfrutar a companhia da mãe, e, inversamente, a menina tenha maior convivência com o pai, é bem provável que aquele adquira ademanos femininos, e esta, atitudes masculinas.

À medida que o menino vai deixando de sentir preferência pela mãe, e a menina pelo pai, superando, destarte, a chamada fase edipiana, começam ambos a endeusar os pais do respectivo sexo. O menino passará a achar que o pai é "o maior" em tudo e o tomará como modelo para o seu comportamento, o mesmo acontecendo com a menina em relação à mãe.

Daí por diante, os pais terão que adotar perante os filhos condutas aparentemente contraditórias, mas de todo necessárias. Por um lado, procurar agir sempre com a maior correção a fim de manter o indispensável "prestígio" junto a eles e melhor discipliná-los. Por outro, admitir e confessar-lhes, nas ocasiões oportunas, que não possuem a perfeição absoluta, que também estão sujeitos a descontroles emocionais, a cometerem enganos e pequenas injustiças.

Essa "desmistificação", para usarmos uma expressão bem moderna, é salutar, pois deixa claro aos filhos que os pais também são "humanos" e não deuses infalíveis, preservando-os de possíveis traumas face a decepções mais graves. Além disso, liberta-os de seus sentimentos de culpa e anima-os a igualarem-se a eles, senão mesmo ultrapassá-los, eis que assim progride a Humanidade.

Não se surpreendam os espíritas se nem sempre, ou nem todos os filhos, se mostrem propensos a seguir os exemplos paternos. É que, espiritualmente, cada um de nós é filho de si mesmo, isto é, age e reage de acordo com o grau de evolução que tenha alcançado através das vidas sucessivas. E pode acontecer, como nos ensina Allan Kardec, que entre os membros afins de certa família um ou outro destoe dos demais, visto que a influência de alguns anos sob o mesmo teto e as mesmas técnicas educativas podem não ser suficientes para modificar-lhe os gostos, as tendências, o temperamento e outros aspectos de sua personalidade.

"Formam família os Espíritos que a *analogia dos gostos*, a identidade do progresso *moral e a afeição* induzem a reunir-se. Esses mesmos Espíritos, em suas migrações terrenas, se buscam, para se *gruparem*, como o fazem no espaço, originando-se daí as *famílias* unidas e homogêneas. Mas, como não lhes *cumpra* trabalhar apenas para si, *permite Deus* que Espíritos menos adiantados encarnem *entre eles*, a fim de receberem conselhos e bons *exemplos*, a bem de seu progresso. Acolhei-os,

portanto, como irmãos; auxiliai-os, e depois, no mundo dos Espíritos, a família se felicitará por haver salvo alguns náufragos que, a seu turno, poderão salvar outros."

(Allan Kardec, "O Evangelho segundo o Espiritismo", cap. XIV, comunicação de S. Agostinho)

A VIDA ESCOLAR DOS FILHOS

Para muita gente, Educação seria o processo pelo qual uma pessoa adquire conhecimentos gerais, científicos, artísticos, técnicos ou especializados, com o objetivo de desenvolver sua capacidade ou suas aptidões.

Em outras palavras, mais simples, educar os filhos seria fazê-los frequentar o Grupo Escolar, depois o Ginásio, em seguida o Curso Colegial ou Técnico e, se possível, também a Faculdade, a fim de que eles adquiram cultura e um dia "se formem", tomando-se aptos para iniciar uma carreira e conquistar um bom lugar na paisagem social.

Na verdade, porém, isso seria apenas instruir.

Educar, no sentido mais profundo do termo, é formar o homem, é aperfeiçoá-lo, ajustando-o aos objetivos de progresso e equilíbrio social da Humanidade.

Essa grandiosa tarefa pertence aos pais.

Acontece, todavia, que, sozinhos, não lhes seria possível darem cabal cumprimento a esse dever.

Delegam, então, parte de suas funções formativas à Escola.

Parte apenas, porque embora a boa escola contribua, e bastante, para isso, os pais continuam os maiores responsáveis pela formação dos filhos, razão porque não podem e nem devem descarregar sobre ela as obrigações que lhes são próprias e intransferíveis.

Os pais esclarecidos, conquanto reconheçam o relevante papel da escola no contexto educacional, sabem que se faz necessário um perfeito entrosamento entre pais e mestres, sem o que a tarefa educativa perderá em eficiência, deixando muito a desejar.

Antes de mais nada, cumpre aos pais exigirem dos filhos o devido respeito e consideração para com o diretor, o corpo docente e demais auxiliares da escola que frequentam.

Sempre que eles (os filhos) se queixem de supostas injustiças e implicâncias, excesso de rigor nas exigências quanto ao uniforme, pontualidade, etc., ao invés de lhe darem apoio, devem dizer-lhes que tanto o diretor como os professores querem o maior bem de seus alunos, embora nem sempre isto pareça verdadeiro, sugerindo-lhes façam uma autocrítica para verificarem se não lhes cabe a culpa da situação, ou que se coloquem no lugar deles para compreenderem a razão de suas medidas.

A vida escolar é a prefiguração da vida no mundo e a criança que não saiba

respeitar e considerar seus mestres, que não aprenda a aceitar normas disciplinares, nem seja capaz de suportar pequenas ofensas aos seus direitos, quando adulto dificilmente será bem sucedido, tomando-se um desses eternos desajustados (ou revoltados), para os quais não há emprego que sirva.

Outra providência indispensável é a criação de um Canto de estudo para a criança, de preferência num cômodo isolado. Se isso não for possível, que ela possa ficar parte do dia, sozinha, no seu quarto, na copa ou mesmo na cozinha, para trabalhar com o devido sossego, sem ser perturbada pelo ruído de conversas, rádio ou televisão.

Não menos importante é a preocupação que os pais devem ter no sentido de inculcar o senso de responsabilidade nos filhos, promovendo-lhes o ânimo e o zelo, valorizando-lhes a honestidade na execução das tarefas, etc.

Acolham em seus lares os colegas de seus filhos, para estudos e pesquisas em conjunto. É a melhor maneira de conhecê-los e de atalhar possíveis influências indesejáveis.

Observem, também, até que ponto fatores emocionais podem estar influenciando no bom ou no mau aproveitamento escolar dos filhos.

Como se sabe, num ambiente onde reinem o Amor e a Alegria, manifestando-se em amizade, bom-humor, entusiasmo, compreensão, simpatia e ternura, o desenvolvimento intelectual do educando é bastante favorecido, ao passo que onde imperem a Angústia, o Medo e a Cólera, gerando inquietude, confusão, agressividade, frustrações afetivas, ódios, ressentimentos, tristeza, etc., esse desenvolvimento ao contrário, fica profundamente prejudicado.

Outrossim, para que os fins últimos da educação sejam atingidos, nenhum lar que pretenda ser cristão pode prescindir de, ao menos um dia por semana, promover o culto do Evangelho.

Fazer com que nossos filhos participem das preces, bem assim dos comentários em torno dos ensinamentos de Jesus, aplicando-os, sempre que possível, aos fatos da experiência comum, equivale a balizar-lhes os caminhos rumo ao progresso espiritual.

"Pais e educadores! Se o lar deve entrosar-se com a escola, o culto do Evangelho em casa deve unir-se à matéria lecionada em classe, na iluminação da mente em trânsito para as esferas superiores da Vida."

(Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira, André Luiz, "O Espírito da Verdade", cap. 16)

COMO AJUDAR O FILHO A SER BOM ESTUDANTE

A par das providências sugeridas no capítulo precedente, no sentido de promover a boa formação intelectual do filho, seria desejável que a mãe, pessoalmente,

chamasse a si a obrigação de:

- motivá-lo para o seu ingresso na escola, mantendo sempre o seu desejo de estudar através de renovadas motivações;
- ampará-lo psicologicamente para que aceite a disciplina, o cansaço, os possíveis fracassos, os apelidos, a hostilidade de um ou outro desafeto, etc., como experiências necessárias ao aprendizado da ciência de viver;
- oferecer-lhe com sua presença, sua paciência e seu interesse, uma atmosfera de acolhimento, de serenidade e de incentivo para o progresso;
- verificar se ele faz as tarefas escolares com capricho e de acordo com sua capacidade;
- orientá-lo na fixação de horários: para o repouso, o divertimento e o estudo;
- acompanhá-lo nos estudos, respondendo-lhe às perguntas e prestando-lhe auxílios ocasionais, sem, entretanto, fazer as tarefas para ele, nem cometer o erro de superprotegê-lo (isentar de trabalhos domésticos, contratar professores particulares em caráter permanente, etc.);
- cultivar-lhe a modéstia e a lealdade, combatendo-lhe quaisquer manifestações de orgulho e de espírito competitivo com os colegas.

E que o pai, a seu turno, também desse a sua ajuda, a traduzir-se por:

- exemplo de trabalho intelectual, pelo menos a leitura de jornais e revistas de bom conteúdo;

diálogo constante com o filho, fazendo com que aprenda a expor, a julgar e a resumir;

- orientação quanto a métodos e programas de estudo, bem assim compra de compêndios e obras de consulta;
- respeito à personalidade de cada filho, abstendo-se de ideias preconcebidas, de julgamentos definitivos e de comparações vexatórias;
- estímulo ao brio e ao sentimento de honra (não tolerar negligências ou fraudes, nem pagar pelas boas notas);
- sempre que possível, colaborar numa atividade extradasse, formando, assim, frente única com a escola;
- valorização do esforço pessoal (é mais digno de elogio o filho que, mesmo estudando eom afinco, não consegue tirar nota superior a 6, que um outro, melhor dotado, que, na maior folga, só tira 9 ou 10).

Compete ainda aos pais, em ação harmônica e conjunta, fazerem com que o filho estudante se conscientize de que:

- sua formação será tanto mais perfeita quanto mais ele próprio procure autoeducar-se;
- uma das primeiras coisas que deve aprender é aproveitar bem o tempo, de modo a dar boa conta de suas obrigações escolares, sem prejuízo de outras práticas pelas quais se interesse, como esporte, recreação, passeios;
- é sumamente vantajoso saber trabalhar em equipe, ora apoiando os colegas, ora

apoiando-se neles, já que ninguém pode ser dono absoluto do conhecimento;
— a nota alta só terá valor se for justa e traduzir real aproveitamento;
— o estudo é problema seu, e não dos pais, cabendo-lhe adquirir, pela perseverança aliada à fé em si mesmo, a capacidade de superar as pequenas derrotas para alcançar a vitória final;
!|r ser-lhe-á preciso resistir às pressões do meio em que vive, libertar-se da dispersão e exercitar a concentração da mente, sem o que não estará caminhando para a autonomia;
— deve fazer do estudo um meio para estabelecer bons relacionamentos humanos e aprimorar o seu caráter, a fim de bem exercer o seu papel em favor da comunidade.

"(Devem os pais) dedicar atenção constante à melhoria dos processos pedagógicos, no sentido de oferecer aos pequeninos viajores recém-chegados da Espiritualidade a rememoração daquilo que aprenderam e dos compromissos que assumiram antes do processo reencarnatório. Quem aprende pode ensinar e quem ensina aperfeiçoa o aprendizado."

(Waldo Vieira, André Luiz, "Conduta Espírita", cap. 42)

BOAS MANEIRAS

Bastaria que nossos filhos lograssem excelentes resultados em sua vida estudantil para merecerem o conceito de "bem educados"?

É claro que não.

Temos que ensiná-los, igualmente, a se portarem como gente civilizada, começando pela observância das

seguintes regrinhas:

EM CASA

— Cumprimentar os pais e os irmãos, toda manhã, ao levantar-se, e à noite, ao deitar-se.

— Cuidar do asseio corporal, banhando-se, penteando-se e escovando os dentes diariamente. Cortar periodicamente o cabelo e as unhas. Nunca levar o dedo à boca ou ao nariz.

— Ser diligente com o vestuário e utensílios pessoais, guardando-os em boa ordem após terem sido usados.

— Colaborar na limpeza e arrumação doméstica, evitando escarrar ou atirar lixo pelo chão.

— Às refeições, esperar que os mais velhos sejam os primeiros a acomodar-se e servir-se; não debruçar nem apoiar os cotovelos sobre a mesa; não encher o prato em demasia; não tocar nos alimentos com as mãos, salvo nos casos absolutamente necessários; mastigar devagar e com a boca fechada; não fazer ruído ao tomar a sopa ou o café; não escolher para si o que haja de maior ou melhor; ser atencioso (a) com os outros comensais, passando-lhes os pratos; não repetir iguarias sem que

lhas sejam oferecidas; ter o máximo cuidado para não sujar a toalha; não deixar cair o talher e não se permitir certas liberdades que possam parecer repugnantes aos olhos de outrem.

— Ao receber visitas, fazê-las entrar, sentar-se, manter com elas uma conversa amena e agradável, evitando tocar em assuntos que possam ofendê-las ou desgostá-las. Não bocejar nem mostrar-se enfadado (a) diante delas e não deixá-las ir-se embora sem um cafezinho, pelo menos. À saída, acompanhá-las até a porta, agradecer-lhes a gentileza da visita, pedir-lhes que o façam sempre, enviar recomendações aos seus, etc..

— Atender, de boa vontade, às justas determinações dos pais e irmãos mais velhos, jamais altercando com eles.

— Ao sair, despedir-se de todos. Em havendo visita, pedir-lhe licença.

NA RUA

— Andar com passo moderado, sem esbarrar nem acotovelar ninguém; se o fizer, involuntariamente, pedir desculpas.

— Não se coçar, não assobiar, não gesticular, nem discutir, a ponto de chamar a atenção.

— Não apontar para ninguém, nem encarar em quem quer que seja, salvo no momento de cumprimentar.

— Saudar todos os conhecidos de forma conveniente, descobrindo-se e pondo-se de pé ao passar um enterro, ao hasteamento da bandeira nacional e ao ser executado o hino da Pátria.

— Ceder o canto do passeio às senhoras, bem assim aos mais velhos, qualquer que seja a sua condição social.

— Não andar chutando coisas, não tocar a campainha de residências por simples brincadeira, não fazer depredações nem mexer com os transeuntes, mormente em se tratando de bêbados e mentecaptos.

— Prestar auxílio a um cego, aleijado, criança ou a uma pessoa idosa que esteja em dificuldade para atravessar uma rua, etc..

NA ESCOLA

— Comparecer pontualmente às práticas escolares.

— Ter cuidado e capricho com os cadernos, livros, etc..

— Portar-se disciplinarmente não só durante as aulas como nos intervalos, na ausência do professor. Respeitar e estimar os mestres em geral; ouvir com atenção suas lições, conselhos e advertências; guardar-lhes gratidão pelos benefícios que prestam.

,— Tratar os colegas com polidez; não nomear ninguém por apelido; prestar auxílio e assistência aos mais fracos.

— Não rabiscar nem danificar paredes, instalações, móveis, e manter em perfeitas condições os utensílios que estejam sob sua guarda e responsabilidade.

NOS CINEMAS E TEATROS

— Se houver fila, respeitá-la. Entrar e acomodar-se logo, sem ficar passeando pelos corredores.

— Não conversar em voz alta, não atirar coisa alguma nos espectadores, não assobiar nem vaiar quando haja qualquer falha ou interrupção.

NAS PRAÇAS DE ESPORTE

— Não dirigir palavras obscenas ou quaisquer ofensas a atletas ou juízes; não provocar discussões. ⁽²⁴⁾

NOS TEMPLOS

— Guardar o máximo respeito durante as conferências ou a celebração das cerimônias; não rir nem distrair-se; se precisar dizer algo, fazê-lo discretamente.

EM QUALQUER PARTE

— Não chamar nem falar com outras pessoas em voz alta, de longe, nem que sejam nossos familiares ou subalternos.

— Não passar entre interlocutores, nem interrompê-los sem pedir licença.

— Antes de servir-se de qualquer bebida ou comida, oferecê-la a quem esteja nas imediações.

— Ceder sempre o passo, a dianteira ou o assento às senhoras, aos superiores e mesmo aos iguais.

— Ao subir uma escada, em companhia de senhoras ou senhoritas, tomar-lhes a dianteira, e, ao descer, ficar para trás.

— Ser cortês e atencioso (a) para com todos, isto é, pedir "por favor" a concessão de qualquer ato que lhe seja útil; dizer: "muito obrigado (a)" ao que lhe tenha concedido por gentileza, por obrigação ou por mero comércio; pedir "licença" para fazer qualquer coisa que dependa do assentimento alheio; não chamar a atenção sobre si; não fazer esperar; ter cuidado com os objetos alheios tomados por empréstimo e devolvê-los sem tardança; oferecer seus préstimos sempre que se ofereça oportunidade.

"As pessoas de bons costumes se revelam nos menores atos. Devemos, pois:

²⁴ (17) Por se tratar de um fenômeno de projeção, em que o Indivíduo, ao invés de jogar a sua agressividade sobre os pais o faz sobre outra pessoa que exerça autoridade, cf. acima, as notas 10 e 15.

- proteger, com desvelo, caminhos e jardins, monumentos e pisos, árvores e demais recursos de beleza e conforto, onde estivermos...
 - exteriorizar gentileza e compreensão, para com todos...
- consagrar os direitos alheios, usando cordialidade e brandura, seja lá com quem for...
- demonstrar, com (bons) exemplos, que somos cristãos em qualquer lugar..."

(Waldo Vieira, André Luiz, "Conduta Espírita", cap. 6)

A EDUCAÇÃO MORAL

A expressão de Jesus: "deixai vir a mim as crianças" encerra, sem a menor dúvida, veemente apelo para que elas sejam instruídas na Doutrina Cristã, já que o período infantil se mostra o mais apropriado à assimilação de tais princípios.

Allan Kardec, em "O Livro dos Espíritos", nos instrui que as crianças que nascem entre nós, por já terem tido alhures toda uma série de existências, podem trazer gostos, inclinações e sentimentos muito diversos dos de nosso ambiente, e que, se Deus lhes dá, na infância, a aparência de candura e de ingenuidade que tanto nos cativa, é precisamente para que nos afeiçoemos a elas, pois precisarão de todo o nosso amor e de toda a nossa dedicação para que consigam dar um passo a mais em sua evolução espiritual.

Diz-nos, mais, que o objetivo das reencarnações não é outro senão o de proporcionar aos Espíritos novas oportunidades de progresso, de aperfeiçoamento, sendo que a debilidade dos primeiros anos os torna maleáveis e acessíveis aos conselhos e ensinamentos dos encarregados de sua educação.

Emmanuel, esse amorável e lúcido mentor do mundo espiritual, acrescenta, pelo médium Francisco Cândido Xavier, que, "passada a época infantil, credora de toda vigilância e carinho por parte das energias paternas, os processos de educação moral, que formam o caráter, tornam-se mais difíceis, e, atingida a maioridade, se a educação não se houver feito no lar, então, só o processo violento das provas rudes pode renovar o pensamento e a concepção das criaturas, porquanto a alma reencarnada terá retomado todo o seu patrimônio nocivo do pretérito e reincidirá nas mesmas quedas, se lhes faltou a luz interior dos sagrados princípios educativos. Eis porque o lar é tão importante para a edificação do homem, e porque tão profunda é a missão da mulher perante as leis divinas." (O Consolador)

Forçoso é convir, no entanto, que nem todos os pais estão em condições de cuidar, pessoalmente, da formação moral dos filhos, eis que as brigas, as discórdias, as queixas mútuas, senão mesmo os escândalos e os maus exemplos de uma vida desregrada e dissoluta lhes tiram toda a autoridade,

O mínimo, então, que lhes compete fazer em benefício da prole é valer-se do auxílio da Igreja a que pertençam, encaminhando-a às aulas de evangelização

ministradas em seus templos.

É fato da observação comum que quase todos os pais se mostram extremamente solícitos no que diz respeito ao bem-estar físico dos filhos, não poupando despesas nem cuidados para que cresçam vigorosos e saudáveis.

Outro tanto se pode dizer relativamente ao êxito deles na escola, nos negócios e nas atividades sociais. Não há sacrifícios que não estejam dispostos a fazer, desde que seja para assegurar-lhes proeminência e honrarias.

Infelizmente, porém, esses mesmos pais não procedem de forma semelhante no que tange à educação moral, à edificação dos filhos no conhecimento e na prática das virtudes cristãs.

Por indiferença ou por desídia, ou ainda por um falso respeito ao livre-arbítrio dos filhos, deixam-nos à mercê dos próprios impulsos, propiciam-lhes leituras perniciosas, permitem-lhes assistir a programas de cinema, teatro e televisão que se constituem verdadeiros atentados à decência, toleram e às vezes até acoroçoam que frequentem reuniões e participem de festividades que lhes corrompem os melhores sentimentos, etc.; abandonam-nos, enfim, sem qualquer orientação espiritual, e o que preparam com isso, não só para eles, como para si próprios, é farta colheita de lágrimas e de sofrimentos.

Se os pais, insistimos, se dessem conta da seríssima responsabilidade que lhes pesa ao ombro, qual seja a de indicar aos filhos o caminho que conduz a Deus, por certo não negligenciaríamos desse dever, não consentiriam que a Religião fosse substituída simplesmente por um apuro mundano, que, em última análise, não passa de um paganismo refinado, como já foi dito por alguém.

"De que aproveita ao homem ganhar todo o mundo, se vier a perder sua alma?"
(Mat., 16:26)

Pais que me ledes: meditais sobre essa advertência *do Cristo* e amparai espiritualmente vossos filhos antes que seja tarde demais

Qualquer que seja a vossa religião: Católica, gética, Espírita, etc., cuidai que as luzes do Evangelho lhes iluminem os passos, para que não se afundem nos tremedais do erro e do crime, e alcancem o ambicionado porto da felicidade.

"Deve nutrir-se o coração *infantil com a crença, com a bondade, com a esperança e com a fé em Deus. Agir contrariamente a essas normas é abrir para o faltoso de ontem a mesma porta larga para os excessos de toda sorte, que conduzem ao aniquilamento e ao crime. Os pais espiritistas devem compreender essa característica de suas obrigações sagradas entendendo que o lar não se fez para a contemplação egoística da espécie, mas, sim, para santuário onde, por vezes, se exige a renúncia e o sacrifício de uma existência inteira.*"

(Francisco Cândido Xavier, *Emmanuel*, "O Consolador", q. 113)

A NECESSIDADE DE SOCIALIZAÇÃO

Praticamente, desde que abre os olhos neste mundo, o ser humano começa a demonstrar que a socialização é uma das exigências mais fortes de sua natureza. O sorriso do bebê, ao perceber o rosto dos pais, talvez seja a primeira manifestação do impulso gregário que o levará, mais tarde, a ultrapassar o "Eu" para encontrar-se com o "Outro".

Não obstante todo o seu egocentrismo, as crianças, já nos primeiros anos de existência, sentem necessidade da companhia de outras da mesma idade, sendo digna de nota a extrema facilidade com que se aproximam e se comunicam.

A partir dos cinco ou seis anos, os brinquedos e os jogos coletivos fazem com que trocas de influência se verifiquem e laços de camaradagem se estabeleçam, suscitando nos guris e gurias um verdadeiro deslumbramento, que os levará, inclusive, a "fugirem" constantemente de casa para se reencontrarem mais amiúde. O ingresso na escola ensinará aos meninos e meninas o amadurecimento do espírito comunitário, não só por causa do contato com maior número de pessoas, inclusive adultos, como também pela oportunidade que lhes dá de integrarem equipes, o que fará com que se lhes manifeste, ainda que tênue, a consciência grupai.

As fases mais importantes do processo de inserção social, entretanto, são a adolescência e a juventude, pois nelas quase tudo é feito em "turmas": trabalhos escolares e entretenimentos, movimentos filantrópicos e passeios, etc..

São esses sucessivos ensaios que tomam o homem um ser sociável, interessado em conhecer os problemas de seus semelhantes e capaz de oferecer sua cooperação em prol do bem comum.

Erram, portanto, os pais que criam toda sorte de dificuldades ao relacionamento dos filhos com "estranhos", ainda que, na maior boa fé, apenas pretendam evitar sejam eles contaminados pelas maldades e sordícias de maus conselheiros.

Erram porque os privam de experiências vivenciais que lhes seriam de grande utilidade, eis que, amanhã ou depois, ao terem que sair de casa para cumprir o seu destino, se os filhos apenas conviveram com o exíguo círculo familiar, por suposto de hábitos mais refinados, não saberão como defender-se em um meio social diferente, cujas regras de conduta nem sempre primam pela lisura, correção e honestidade.

Não se caia, entretanto, no extremo oposto, deixando aos filhos inteira liberdade na escolha de suas amizades, pois isto seria outro grave equívoco. Andam, por aí, bandos de rapazes e moçoulas dados à baderna, à vadiagem e ao uso de tóxicos, cuja companhia, de forma alguma, poderia convir aos nossos filhos, se é que pretendemos integrá-los na sociedade e não marginalizá-los.

Nem superproteção, nem abandono, pois.

Permitamos a nossos filhos, em suas horas de lazer, que se unam a outros jovens como eles, para que desfrutem essa fase áurea da vida tal como gostam de vivê-la: ora ao ar livre, num estádio de futebol ou numa quadra de basquete, na praia ou na piscina, em excursões pelo campo ou em passeios pelos logradouros da cidade; ora num salão, a conversar e a dançar, ou ainda num cinema ou teatro, deleitando-se com um filme romântico ou um bom espetáculo cultural.

Essas coisas não lhes fazem mal; ao contrário, dão-lhes o ensejo de realizarem proezas e superarem certos riscos que lhes conferem segurança; ajudam-nos a fugirem da solidão e do tédio, responsáveis pelos vícios secretos; preparam-nos para a conquista da sociabilidade, fazendo com que se sintam harmonizados com eles mesmos, deixando, assim, de criar problemas com os que os cercam.

Tenhamos, entretanto, o cuidado de exercer contínua vigilância em tomo das atividades das "turmas", procurando conhecer-lhes a ideologia e quem exerce a liderança delas, pois assim como podem atuar de forma benéfica, como nos exemplos acima, preparando nossos filhos para que se engajem no mundo e nele cumpram o seu papel com dignidade, podem, ao revés, levá-los à adoção de filosofias de vida incompatíveis com os ideais cristãos, aos costumes licenciosos que lhes arruinem o caráter, senão mesmo à própria delinquência, comprometendo-lhes seriamente o futuro.

"Homem nenhum possui faculdades completas. Mediante a união social é que elas umas às outras se completam, para lhe assegurarem o bem-estar e o progresso.

Por isso é que, precisando uns dos outros, os homens foram feitos para viver em sociedade e não insulados." (Allan Kardec, "O Livro dos Espíritos", q. 768)

A EDUCAÇÃO DO SENTIMENTO SOCIAL

"Todos os erros da infância e da idade adulta, todos os traços defeituosos do caráter, todas as dificuldades de relação têm por origem uma falta de sentimento social", disseco, e bem, um notável psicólogo. Daí, certamente, a razão pela qual vamos encontrar na Declaração dos Direitos da Criança esta preciosa recomendação: "a criança será educada no sentimento de que suas melhores qualidades devem ser postas ao serviço de seus semelhantes."

Dediquem os pais, portanto, especial atenção a este aspecto da formação de seus filhos, sem dúvida o mais difícil de todos, mas também o de maior relevância, eis que se dirige à maior chaga da Humanidade: o egoísmo.

De várias maneiras podem os pais ajudar a despertar e a desenvolver na criança o desejo de ser útil ao próximo, a capacidade de entender os semelhantes e de condoer-se de suas desditas: **215**

1) Estimulando o gosto de ajudar.

Oferecimentos de pequenos auxílios, tais como: buscar os chinelos do papai, fechar uma porta, enxugar os talheres, dar recados, atender telefone, espanar os móveis, fazer compras, etc., devem ser sempre aceitos e merecer pelo menos um sorriso de aprovação.

É deveras lamentável que, por falta de compreensão ou de paciência, muitos pais percam essas excelentes oportunidades de iniciarem os filhos na prática do altruísmo, do serviço desinteressado.

2) Confiando-lhe a tarefa de "tratar" de algumas plantas, de um cachorrinho ou de outro bichinho qualquer. Isto fará com que ela tome consciência das necessidades desses irmãozinhos menores e se sinta responsável pela manutenção de sua vida e de seu bem-estar.

Seria desejável que, nestes casos, a ajuda dos adultos à criança se limitasse a lembrá-la de sua obrigação, quando se mostrasse esquecida.

3) Cultivando-lhe o hábito da partilha de seus pertences: brinquedos, roupas, doces, frutas, etc..

Cumpra advertir que esses atos não devem ser impostos, mas sim sugeridos, aprovados, louvados. Também não se deve insistir para que a criança reparta *tudo*, pois isto poderia aumentar, em vez de diminuir, a tendência de guardar as coisas só para si.

Ela terá melhor boa vontade em dividir e emprestar seus objetos se lhe for dado possuir algo com exclusividade.

4) Exigindo respeito à propriedade alheia, não permitindo que a criança se apodere sequer de um alfinete que não lhe pertença. É preciso, porém, agir com muito tato nos casos de pequenos furtos, porque, até certa idade, a criança não tem noção exata do que é seu e do que é dos outros. Tenham os pais, outrossim, o cuidado de não destruir nem dispor do que é dos filhos, pois "a criança respeitara o que é do vizinho na medida em que respeitarem o que é dela."

5) Formando o coração da criança para a prática da Caridade, não no sentido da esmola apenas (dar uma roupa imprestável, uns trocadinhos, sobras de comida, etc) , mas principalmente no do amor ao próximo, fazendo, por exemplo, com que ela visite uma família pobre ou crianças hospitalizadas, levando-lhes presentinhos ou algumas guloseimas.

6) Ensinando-a a orar, não de forma egoística, em que sejam solicitados favores celestiais apenas em bem dos familiares, mas aberta às necessidades do próximo.

Exs.: para que o avô do coleguinha saia do reumatismo, chova no Nordeste, cessem todas as guerras e haja paz no mundo, etc..

7) Fazendo-a compreender que seu direito termina onde começa o do seu semelhante, explicando-lhe, por exemplo, que ela tem o direito de brincar, mas sem atrapalhar o irmão que está estudando, ou que ela tem o direito de ligar a eletrola, mas não tão alto a ponto de incomodar o vizinho, que àquela hora já está dormindo porque "pega cedo no batente".

8) Treinando-a na tolerância, para que aprenda a desculpar as fraquezas aheias, dentre outras, a gulodice do irmãozinho, a impontualidade do amiguinh^ por quem espera, o mau-humor da professora, etc..

9) Valorizando os préstimos dos que nos servem no

217

próprio domicílio: cozinheira, lavadeira, faxineira, bem assim daqueles que, com seu trabalho humilde, mas digno, concorrem para o bem-estar da coletividade: o lixeiro, o padeiro, o motorista de ônibus, etc..

10) Dando-lhe o testemunho pessoal de sua alegria ao repartir o que possuem com os outros, de sua satisfação em poder prestar colaboração gratuita em obras filantrópicas ou em favor do bem comum, de sua cordialidade no trato com os subalternos e de seu acatamento à pessoa, aos bens e às prerrogativas do próximo, pois com tais gestos estarão introduzindo em sua alma sentimentos idênticos, de vez que a educação da criança se faz, acima de tudo, pela imitação dos bons exemplos.

"O egoísmo é a fonte de todos os vícios, como a caridade o é de todas as virtudes. Destruir um e desenvolver a outra, tal deve ser o alvo de todos os esforços do homem, se quiser assegurar a sua felicidade neste mundo, tanto quanto no futuro."
(Allan Kardec, "O Livro dos Espíritos", q. 917)

PROBLEMAS DO ADOLESCENTE

A adolescência, ou seja, o período de transição entre a infância e a idade adulta ê, sem a menor dúvida, aquele em que mais difícil se toma o relacionamento entre pais e filhos que, nessa fase da vida, todo adolescente se defronta com uma série de situações antagônicas, tanto externas como internas, que o confundem, o irritam e o magoam, fazendo com que se mantenha em permanente estado de beligerância com o mundo que o cerca e... consigo próprio.

No lar, principalmente, ora não lhe permitem certas coisas porque dizem — "ainda é uma criança"; ora, ao contrário, exigem dele que seja ajuizado e responsável, eis que, afinal, "já não é mais criança".

Por outro lado, o adolescente deseja e se esforça para pensar, optar e agir por si mesmo. Sentindo-se, entretanto, bastante inseguro, vê-se forçado a apelar para a ajuda e o apoio de pessoas mais velhas, e se estas pessoas forem pouco hábeis no trato com ele podem tornar odiosa tal dependência.

O mesmo acontece no terreno das emoções. Malgrado suas atitudes arrogantes com os pais, de cujos cuidados, amiúde, chega a fazer zombaria, no fundo, no fundo, necessita e deseja que eles continuem a pro- tegê-lo, pois sabe que não têm, ainda, capacidade suficiente para autogovernar-se. Destarte, embora se constranja quando os pais se mostrem muito solícitos e preocupados com o que possa estar-lhe acontecendo, mormente diante de terceiros, na verdade sua alma transborda de júbilo porque isso lhe dá certeza da afeição paterna.

A propósito, cumpre frisar que a vigilância dos pais, moderada e discreta, é mais necessária nesta fase da existência do filho que em qualquer outra, já que uma liberdade ilimitada seria extremamente perigosa para jovens inexperientes que ainda não aprenderam a fazer bom uso dela.

Aspecto curioso da adolescência: tanto o rapazinho como a moçoila, cujos anseios de autoafirmação e independência os levam a desobedecer e a desafiar os pais, mesmo que estes sejam razoavelmente "avançados" e não se mostrem nada rígidos em questão de disciplina, paradoxalmente, procuram imitar e seguir à risca gestos, linguagem, moda e até vícios da "jovem guarda" em evidência e se, por este ou aquele motivo, não possam, por exemplo, usar o mesmo penteado ou o mesmo tipo de roupas dos seus ídolos, consideram-se as pessoas mais infelizes do mundo. A par disso, o adolescente começa a se preocupar, também, com tudo o que diga respeito aos componentes da família. Orgulha-se se esta goza de bom conceito na sociedade, se o pai possui um automóvel de alta classe, se a mãe prima pela elegância, se os irmãos se portam educadamente, etc.. Custa-lhe suportar, porém, que o pai não saiba comer corretamente à mesa, que a mãe tenha maneiras vulgares ou que os irmãos andem sujos e despenteados.

Não é só. Nessa idade, percebendo que os pais nada têm de sábios nem de santos, como lhe parecera na infância, decepiona-se com a ignorância deles e, o que é pior, com suas imperfeições morais. Incapaz, então, de superar a humilhação e a revolta que isso lhe causa, passa a afrontá-los com atitudes irônicas e agressivas.

Egoísta e sensível, o adolescente se contraria à toa, queixando-se frequentemente de não ser compreendido por ninguém, chora por ninharias, chegando, não raro, até à desconfiança de não ser filho legítimo.

Coisa importante, que os pais precisam se dar conta é que, tal qual ocorre na infância e na meninice, também na adolescência o filho precisa sentir-se *aceito e amado* pelo meio em que vive, principalmente pela família.

Se não lhe dispensarem atenção, se o ignorarem como se não existisse, se lhe derem a entender que é menos inteligente ou menos virtuoso que os irmãos, se o ferirem com injustiças, se o tratarem com excessiva severidade, e, sobretudo, se zombarem dele por causa das transformações que se operam em seu corpo ou em sua voz, e, em especial, por causa de seus novos interesses, como vida social, namoro, etc., de duas uma: ou se tomará uma criatura fechada, triste,

desmazelada, sem confiança em si mesma, desprovida de iniciativas, (características da auto-re-jeição), ou buscará, desesperadamente, alguma compensação fora do lar. E esta, tanto poderá ser a amizade de colegas que lhe queiram bem sem restrições, um romance com a primeira pessoa que dele se acerque, ou ainda a iniciação em vícios (fumo, bebida, sexo, tóxicos, etc.), o que poderá acarretar implicações muito desagradáveis para todos.

A política que melhor convém a pais de adolescentes, se desejarem captar-lhes a estima, o respeito e a obediência, consiste em procurar compreendê-los, ajudando-os a vencer as dificuldades inerentes a essa etapa de seu crescimento, em usar de infinita paciência para com eles e em ser condescendentes com as coisas secundárias, reservando as exigências apenas para aquilo que seja essencial à sua boa formação intelectual, moral e espiritual. ⁽²⁵⁾

"Invoque-se o auxílio de religiosos, professores, filósofos e psicólogos, a fim de que a excessiva agressividade filial não atinja as raias da perversidade ou da delinquência para com os pais e nem a excessiva autoridade dos pais venha a violentar os filhos, em nome de extemporânea ou cruel desvinculação. Pais e filhos são, originariamente, consciências livres, livres filhos de Deus empenhados no mundo à obra de auto-burilamento, resgate de débitos, reajuste, evolução."

(Francisco Cândido Xavier, Emmanuel, "Vida e Sexo", cap. 18)

N. DO A.:

Alguns dos assuntos focalizados na segunda parte desta obra foram inspirados no ternário dos círculos de estudos da Escola de Pais, à qual temos a honra de pertencer.

A quem deseje aprofundar-se nesses temas, indicamos a Coleção Família, da Livraria AGIR Editora, especialmente a obra de Maria Junqueira Schmlidt, "A Família por Dentro".

²⁵ (18) A fim de que possamos compreender, pelo menos, a rebeldia normal dos adolescentes, sugerimos a leitura das seguintes obras: C.I. Sandstrum, *A psicologia da Infância e da Adolescência*, Trad, de Álvaro Cabral, Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1971 (3a. edição); Frieda Fromm-Reichmann, *Princípios de Psicoterapia Intensiva*, Trad, de Dr. Enrique Thierer, Ediciones Hormé S.A.E., Buenos Aires, 2a. edición, 1965, p. 180; Jean Piaget, *Seis Estudos de Psicologia*, Trad, da Profa. Maria Alice Magalhães D'Amorim e Paulo Sérgio Lima Silva, Companhia Editora Forense, São Paulo, 5a. impressão, 1972, pp. 68-70; Pedro Gildo Bianchi, *Adolescência Serena (Lições de Higiene Física e Mental)*, Trad, de Luiz Muraro, Livraria Editora Flamboyant, 1963; Arminda Aberastury, *A Criança e seus Jogos*, Trad, de Malzira Perestrello, Editora Vozes Ltda., Petrópolis, RJ, 1972; Patrick Mullahy, *Édipo: Mito e Complexo. — Uma Crítica da Teoria Psicanalítica*, Introdução de Erich Fromm, Tradução de Álvaro Cabral, 3a. edição, Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1975.